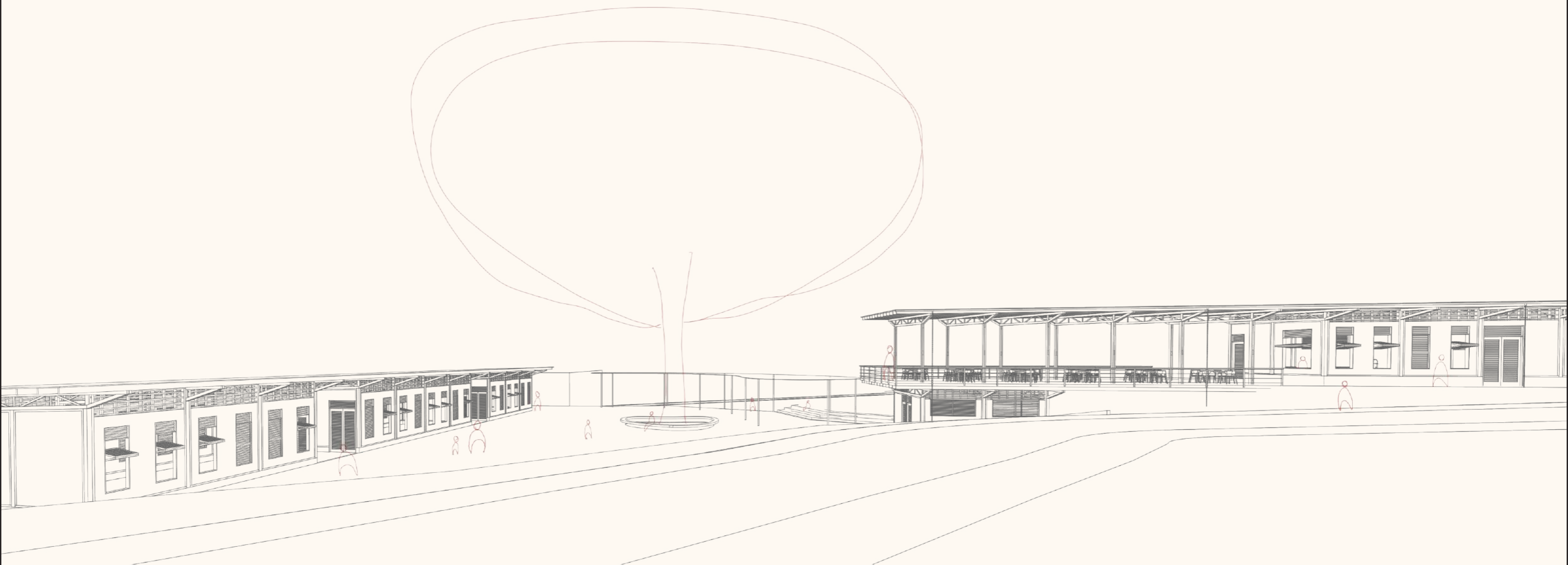


arquitetura em terra, paisagem e cultura:
conexões urbanas a partir da
ocupação em busca de um sonho



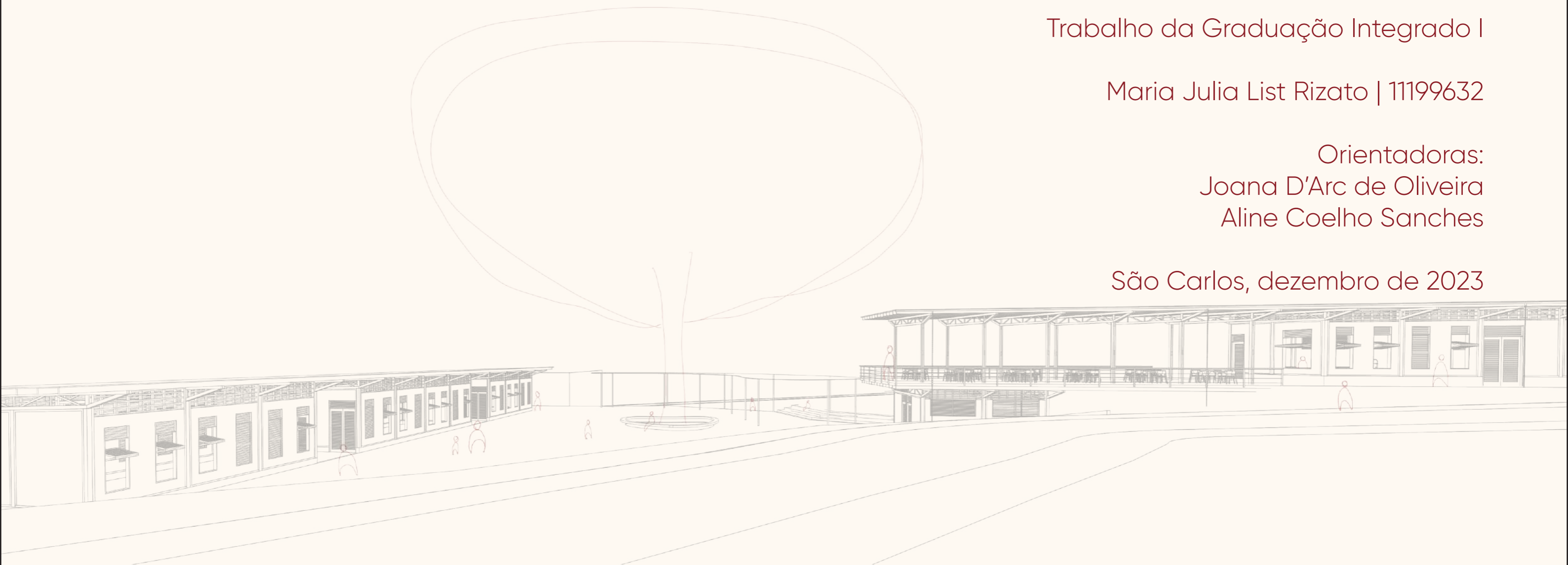
ARQUITETURA EM TERRA, PAISAGEM E CULTURA: CONEXÕES URBANAS A PARTIR DA OCUPAÇÃO EM BUSCA DE UM SONHO

Trabalho da Graduação Integrado I

Maria Julia List Rizato | 11199632

Orientadoras:
Joana D'Arc de Oliveira
Aline Coelho Sanches

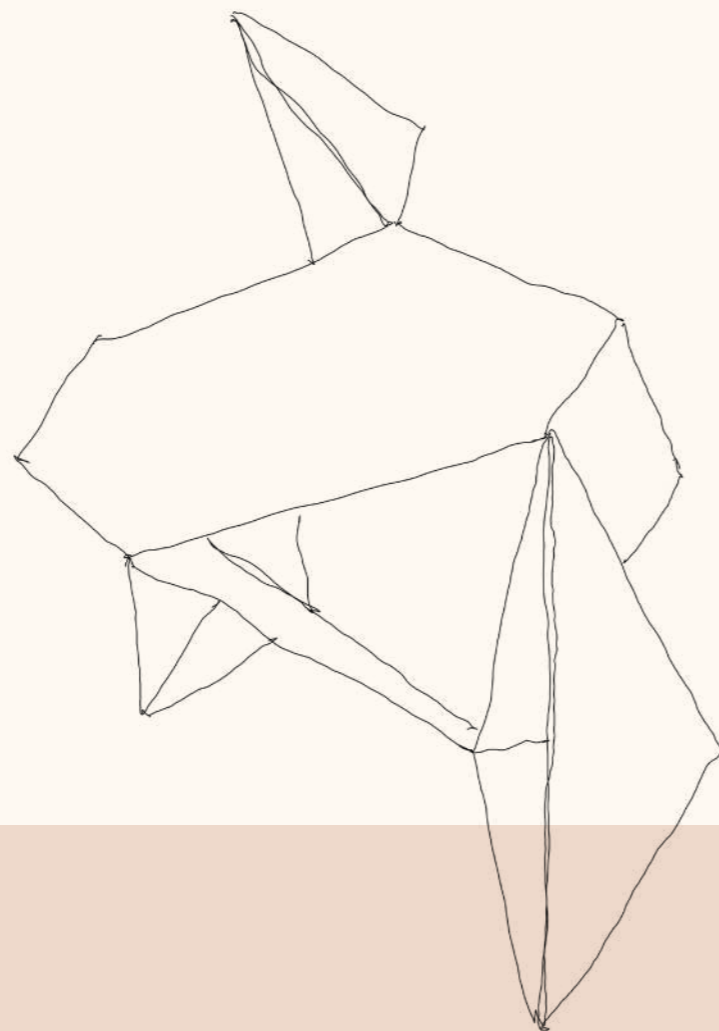
São Carlos, dezembro de 2023



SUMÁRIO

1. MOTIVAÇÃO	4
2. DIÁSPORAS AFRICANAS E SUAS INFLUÊNCIAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO	6
3. TERRA CRUA E SEU LEGADO	8
Análises técnicas sobre arquitetura em terra	14
4. DIREITO À CIDADE E AO TERRITÓRIO	16
5. CONTEXTO DE INSERÇÃO DO ESPAÇO PROJETUAL	18
Histórico de ocupação do território	18
A ocupação Em Busca de Um Sonho e seus arredores	21
6. LEITURA DO TERRITÓRIO SOB A PERSPECTIVA DOS COMÉRCIOS	26
7. ESCOLHA DO ESPAÇO E OBJETO DE PROJETO	31
8. COZINHA SOLIDÁRIA: MAIS QUE COMIDA	34
Cozinha solidária: o pulsar da comunidade	35
9. ESTUDANDO O CONTEXTO E ESPAÇOS DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO DESENHO	41
10. REFERÊNCIAS PROJETUAIS	55
11. DIRETRIZES PROJETUAIS	59
Aspectos práticos do exercício de projeto	60
12. PROJETO	61
13. REFERÊNCIAS	69

1. MOTIVAÇÃO



Escultura a partir de caixa de papelão para disciplina de plástica I, 2019. Fonte: fotografia e ilustração da autora.

Os caminhos que me levaram ao desenvolvimento do presente projeto teve início em 2019, quando entrei no curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo sem saber muito bem por quais caminhos seguiria. Com o passar do tempo descobri que me interesse muito por arquitetura, mas também por artes, culturas, pessoas, paisagens, percebi minha paixão por plantas enquanto estudava Burle Marx, pelas artes manuais com as esculturas “estranhas” nas aulas de plástica e por culturas e identidades com minha orientadora Joana, que em uma das primeiras aulas de teoria e história, me despertou para um novo mundo.

Desde 2020 venho pesquisando territórios e culturas negras em Americana-SP, minha cidade de origem, sob orientação da Profa. Joana D’Arc. Meu interesse inicial nas aulas resultou num projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, e que vem construindo um referencial teórico e metodológico que influenciaram na minha escolha temática para o Trabalho da Graduação Integrado, evidenciando minha certeza em trabalhar com a população negra, periférica e suas identidades sociais, políticas e culturais. Por esse motivo, iniciei minhas análises olhando para a cidade de São Carlos-SP, a partir da perspectiva racial, com o intuito de identificar um bairro que apresentasse uma concentração de população negra, o que me levou para a Cidade Aracy, território escolhido para a intervenção projetual.

Durante o período de pesquisa, deparei-me com as técnicas construtivas que utilizam terra crua, as quais são muito comuns entre as etnias Bantu e Sudanesas trazidas ao Brasil durante o período do tráfico negreiro. A partir desse encontro, meu interesse pela técnica se evidenciou, e ao aprofundar-me em seu histórico nas terras brasileiras, compreendi a dimensão identitária que esse material evoca, além de seu caráter político, que será discutido ao longo deste trabalho.

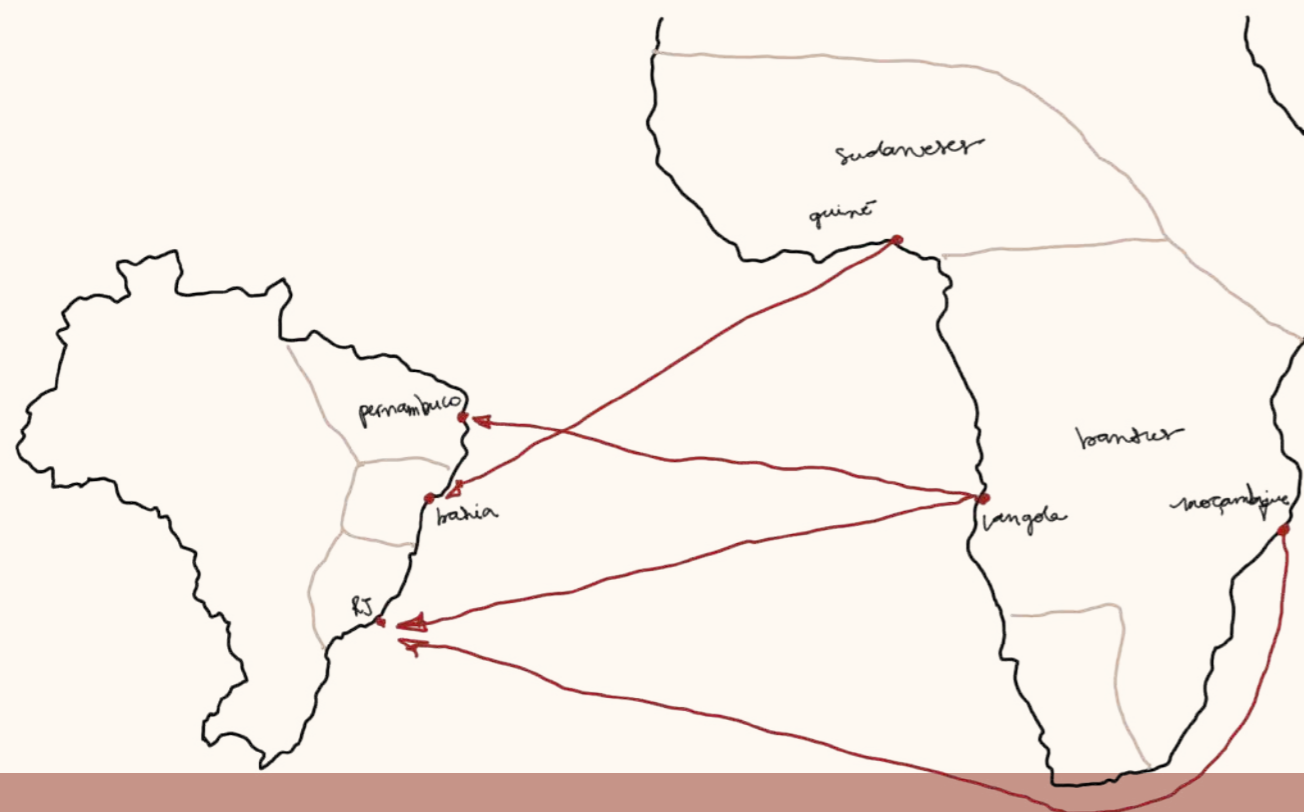
O trabalho abordará as “Diasporas Africanas e suas Influências no Território Brasileiro” como ponto de partida, explorando o conceito da “Terra Crua e seu Legado” sob a perspectiva da imigração das culturas construtivas africanas para o território brasileiro e sua evolução ao longo dos séculos, até seu uso contemporâneo. Além disso, serão discutidos os temas “Direito à Cidade e ao Território”, analisando a relação dos grupos afetados pelas diásporas com o espaço urbano e suas disputas por direitos.

Posteriormente, evidenciaremos o contexto de inserção do espaço projetual, por meio de uma aprofundada leitura do território, considerando a perspectiva histórica da ocupação no local e os equipamentos públicos, edifícios comerciais e religiosos, que evidenciam as identidades do bairro em questão. Também será exposta uma análise a partir do desenho, destacando características e potencialidades do local escolhido, visando a concepção de um projeto sensível e contextualizado.

Como resultado dessa leitura, será explicitado o espaço e objeto de projeto escolhidos, composto de uma Cozinha Solidária, um Centro Cultural e um Sistema de espaços livres nas imediações. Em seguida, serão apresentadas as "Referências Projetuais", buscando destacar equipamentos de mesma função e buscar, a partir de experiências prévias, soluções arquitetônicas que dialoguem com as temáticas abordadas.

As "Diretrizes Projetuais" nortearão a concepção do projeto, estabelecendo princípios como sustentabilidade, acessibilidade e valorização da cultura e identidade. A partir disso, o "Processo de Projeto" será detalhado, incluindo os movimentos que levaram até o resultado final, considerando que esta é uma primeira ideia e não o projeto consolidado.

Por fim, as referências teóricas serão explicitadas.



2. DIÁSPORAS AFRICANAS E SUAS INFLUÊNCIAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Mapa do tráfico transatlântico de negros escravizados do continente africano para o Brasil, etnias Bantu e Sudanesa, origem e destino. Fonte: ("Rotas da escravidão", 2023). Ilustração da autora.

Como o trabalho dialoga com as culturas negras e suas transformações no contexto urbano, pretendo traçar brevemente a trajetória desses sujeitos ao longo dos séculos, de modo a compreender os caminhos que os conduziram à realidade contemporânea.

O continente africano abriga diversidades linguísticas, biológicas, étnicas e culturais, cuja divisão geopolítica é fruto da colonização do continente empreendida por países europeus no final do século XIX, que levou à constituição de 56 países, cujos territórios não respeitam às diversidades étnicas da sua nação, consideradas por Munanga (2009) "invenções coloniais".

Embora culturalmente diverso, é preciso pontuar semelhanças entre as diversas etnias que povoam o continente, sendo fundamental ressaltar que as culturas se desenvolvem independentemente, e portanto, as diferenças culturais entre o sul e o norte, separados pelo Saara, não se relacionam com a diferença étnica entre esses povos. Quando tratamos da África Negra (ao sul e foco da pesquisa, uma vez que a maioria dos escravizados migraram forçados da África Central) é possível notar similaridades entre as formas artísticas e religiosas.

Todavia a migração forçada para as Américas com o início do tráfico escravo transatlântico (século XV ao XIX) reduziu a imensa diversidade de culturas africanas ao termo negro. Segundo Mbembe (2014) esse processo resulta num exorbitante tráfico não só de pessoas como de religiões, tecnologias e culturas, destituindo esses seres de suas próprias terras, costumes e raízes, e criminalizando-os. A exposição a uma nova territorialidade e redução de suas vidas a mercadoria não impediu que essas pessoas se expressassem e se comunicassem entre si, criando novos laços e traçando uma cultura possível, adaptada à miscigenação de etnias e ao confinamento.

No contexto brasileiro, a forte contribuição dos Bantus e Sudaneses é perceptível de norte a sul do Brasil, e estão presentes na arquitetura, na música, na língua e nas comidas, resistindo ao tempo e às tentativas de apagamento por parte dos governantes e elites econômicas.

Especialmente no âmbito da arquitetura popular, a fusão das culturas, indígenas, africanas e lusitanas, corrobora para o desenvolvimento de tipologias diversas adaptadas ao ambiente em que foram inseridas. Corriqueiramente esse tipo de construção é apon-

tado como inferior pois, comumente, não possui um arquiteto e é construído pelo próprio usuário, o que é um preconceito, uma vez que as técnicas tradicionais de construção são riquíssimas em conhecimentos e transmitidas entre gerações. Resultado de profunda conexão com seu entorno e com o clima, exibindo aparente preocupação com o conforto térmico e excelentes soluções para lidar com as intempéries, as casas produzidas são confortáveis para a região ocupada.

Ao analisar numerosas culturas e sistemas de construção, Weimer em seu livro *Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura* (2014), apresenta como a construção do habitat e o uso da terra, relacionam-se diretamente com os espaços ao seu entorno, e conta com a colaboração de toda vizinhança, supervisionada por uma pessoa mais experiente, que Weimer designa de arquiteto.

Dentre as diferentes tipologias, destacam-se os kraals, que são as organizações multi espaciais que concentram os espaços de estar, serviços, lazer e os alojamentos, que mudam em conformidade com o clima, solo, disponibilidade de materiais, práticas de subsistência e religiosas. As atividades ao ar livre são muito valorizadas e abrigam na maioria das vezes os serviços domésticos, como a cozinha, corte de lenha, criação de gado, agricultura, atividades familiares. A organização dos espaços, igualmente, varia com cada cultura particular, das quais o gado, os grãos e produtos essenciais para sua subsistência e rendimentos costumam ficar próximos dos dormitórios e até dentro deles, como forma de proteção.

Dentre os africanos e africanas que foram traficados para o Brasil destacavam-se os de etnia Bantus, que contribuíram de forma significativa para a produção da arquitetura nacional. As técnicas construtivas mais empregadas por estes foi o pau a pique ou taipa de mão, que consiste em uma estrutura de madeira maciça onde os vãos são preenchidos com barro, amplamente usado nos primeiros séculos da colonização, e que também é encontrada em profusão na produção da arquitetura produzida no interior paulista. Os beirais salientes e as varandas com chão em terra batida também fazem referências às arquiteturas bantus que foram incorporadas à arquitetura nacional, dado que essas técnicas foram desenvolvidas ao longo de gerações para lidar com o clima quente e por isso funcionaram tão bem em solo brasileiro, devido a suas semelhanças climáticas.

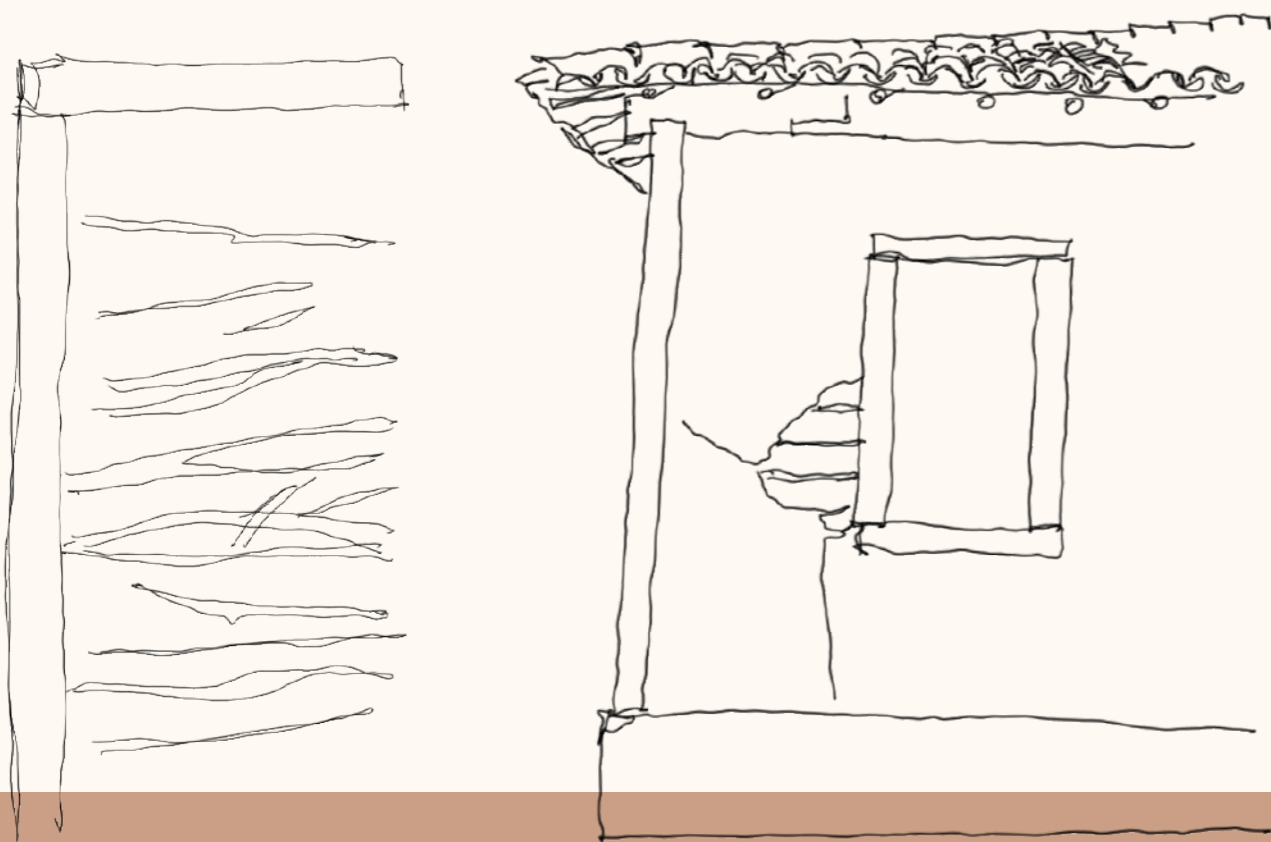


Os sudaneses, outro povo trazido em massa para o país, também contribuíram ativamente para a produção da arquitetura nacional, com o emprego de pedras no embasamento das paredes de taipa de pilão ou adobe para evitar umidade, além do telhado íngreme, essencial para drenar a água da chuva em locais super úmidos. Por utilizarem diferentes tipos de argila na taipa é comum moldarem o exterior das paredes durante a construção.

As técnicas posteriormente descritas podem ser encontradas em diversas cidades que possuem seus edifícios coloniais preservados. Um exemplo disso é Ouro Preto, em Minas Gerais, onde os edifícios do centro histórico apresentam fundações de pedra, estrutura de madeira e vedação de taipa de mão, que são rebocadas e pintadas. Vale ressaltar que a mão de obra utilizada na construção de Vila Rica (Ouro Preto) era composta por negros escravizados, tanto na cidade quanto na exploração das minas de ouro.

Como podemos perceber, a contribuição de africanos, africanas e seus descendentes foi fundamental para a constituição e construção do Brasil, porém, nunca houve um projeto por parte do Estado para reparar tais sujeitos por todo trabalho empreendido e todas as violências sofridas. A partir do momento que o fim do sistema escravista se apresentava como inevitável, governantes e elites do poder se apressaram em assegurar seus privilégios. Nesse contexto, vale destacarmos a Lei de Terras de 1850, que estabeleceu normas e regras para a aquisição e distribuição de terras, envolvendo questões de território, terra e poder.

Taipa de mão com fundação em pedra, sede da Mina do Veloso em Ouro Preto-MG. Fonte: fotografia da autora.



3. TERRA CRUA E SEU LEGADO

Parede em taipa de mão da exposição do Mestre Didi, no Inhotim, Brumadinho-MG e casa em taipa de mão na cidade de Catas Altas- MG. Fonte: fotografia e ilustração da autora.

Embora atualmente as técnicas em terra sejam consideradas alternativas no campo da arquitetura e construção civil, a terra crua tem sido usada pela humanidade há milênios e em todas as partes do mundo, sendo praticamente impossível identificar sua origem exata. Como aponta DETHIER (1948 apud LOPES 1998), a terra crua é uma das principais e mais antigas matérias primas utilizadas na construção, datando cerca de dez mil anos e com vestígios arqueológicos espalhados pelo mundo. Também destaca que atualmente por volta de um terço da população mundial vive em habitações construídas de terra.

A versatilidade e abundância desse material propiciou seu uso por meio de múltiplas técnicas, desenvolvidas de acordo com os condicionantes físicos impostos pelo ambiente ocupado e satisfazendo a demanda de habitat dos sujeitos, consequentemente tornou-se um dos materiais mais usados no mundo, sendo difícil encontrar um país que não possua em sua herança construtiva a sua aplicação.

Em termos de patrimônio arqueológico, na cidade de Jericó - um dos aglomerados humanos mais antigos - foi identificada a aplicação de adobes em cabanas circulares que datam 6.800 a.C. Para exemplificar durabilidade, a cidadela de Bam, no Irã, destruída por grave terremoto ocorrido em 2003, havia sido construída em adobe há cerca de dois mil anos e foi habitada até o incidente. Outra importante amostra de solidez é a muralha da China, construída a partir do século VIII a.C. e concluída entre os séculos XV e XVII: foi executada em taipa de pilão, sendo em algumas partes revestida em pedra. (CORREIA, 2006, p.14 apud JOAQUIM, 2015, p.44)

À vista disso, traçar as origens das construções em terra em solo brasileiro mostra-se desafiador, considerando que era habitado por populações indígenas, foi colonizado pelos portugueses, e inundado por mão de obra africana submetida ao regime escravista. WEIMER (2014) descreve a arquitetura brasileira como uma fusão entre as arquiteturas indígenas, africanas, lusitanas e outras, resultado de migrações e invasões temporárias.

Apesar disso, é possível traçar seus possíveis antecedentes, o que se torna crucial para compreender o resultado obtido. Nesse sentido, discutiremos separadamente essas influências, destacando especialmente aquelas de origem africana.

Em Portugal, as principais técnicas que utilizam terra são a taipa de pilão e o adobe, predominando nas regiões costeiras e no sul do país. No norte, o uso predominante é do

tabique, semelhante à taipa de sopapo ou de mão no Brasil. No entanto, o tabique é menos comum do que as outras técnicas e geralmente é utilizado para acréscimos na construção ou espaços temporários. ARAÚJO (2007 apud VIEIRA, 2017) destaca que a utilização de técnicas mistas é incomum, principalmente devido ao alto custo da madeira. O tabique também era utilizado em divisórias e paredes internas, enquanto o pavimento térreo costumava ser construído com pedra ou taipa de pilão.

O tabique consiste essencialmente na construção de uma grelha de madeira, cana ou vime, formando um entrançado ou encestado estacado no chão, onde a terra é posteriormente aplicada (PINTO, 1993 apud LOPES, 1998)

As populações indígenas que habitavam o país não possuíam uma tradição arquitetônica em terra, costumavam edificar com madeira e palha, por esse motivo não trataremos de suas culturas construtivas nesse projeto.

Como já vimos anteriormente, os povos Bantus e Sudaneses caracterizam a maioria da população africana traficada para as Américas, estes indivíduos, utilizados como mão de obra escravizada durante todo período colonial, eram responsáveis por todos os serviços braçais, inclusive pela construção de casas, fazendas, senzalas, moinhos, igrejas, armazéns, e todo tipo de edificação, portanto, foram essenciais para erigir as cidades brasileiras.

Mesmo que em situação de escravizado, é difícil acreditar que este não tenham usado seus conhecimentos prévios para realização do trabalho obrigatório. Para mais, as técnicas centradas no pau a pique com diferentes preenchimentos em barro, e variados empregos da taipa sem a sustentação de paus roliços, foram as mais difundidas nas construções brasileiras durante o período colonial, embora seu uso seja raro em Portugal, é abundante entre as populações Bantos e Sudaneses, o que WEIMER (2014) destaca como influência direta de africanos, responsáveis por erguer essas edificações.

Ademais, a cultura sudanesa também emprega taipa de pilão, além da de mão e os Bantos, inclusive, já dominavam a técnica do adobe, o que nos leva a questionar a relevância que se têm dado pela historiografia às heranças portuguesas, considerando que estes não eram protagonistas como construtores. Outro fator que reforça essa teoria, segundo WEIMER (2014) é a proximidade climática entre o Brasil e os países africanos, estes eram muito mais semelhantes em relação ao clima brasileiro do que o lusitano, sendo

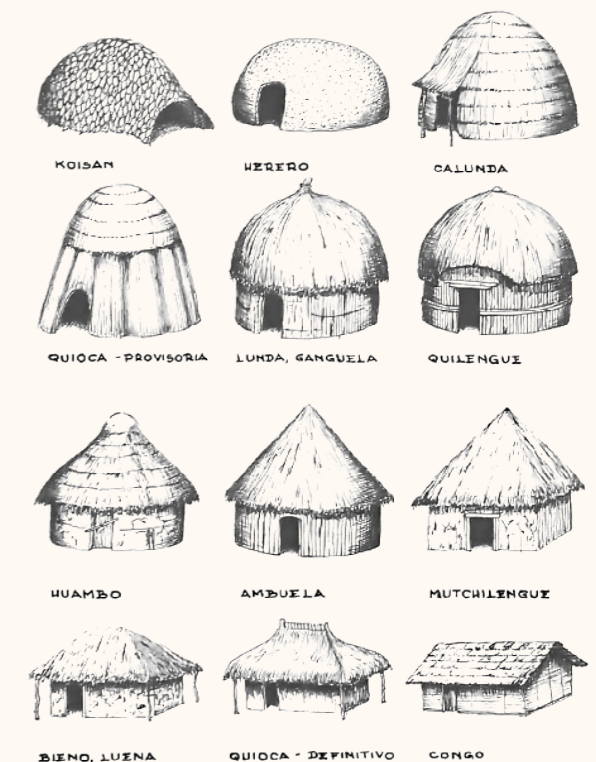
assim, as técnicas com que os africanos e afrodescendentes estavam habituados eram muito mais compatíveis com o território ocupado.

MILANEZ (1958) afirma que, nossas casas barreadas parecem se originar também de costumes Africanos, e que, ainda hoje, a terra é largamente usada na África. E cita como exemplo que, "Ainda hoje, os nativos da Guiné, descendentes dos mesmos negros, que para aqui vieram, constroem suas casas de pau-apique, com enchimento de lama e cobertura de palha". (LOPES, 1998, p.42)

A região da Angola, a título de exemplo, que abriga a etnia dos Ambundos, Luanda-quioco e Bacongo, foi analisada por Redinha (2009) que descreve as construções tradicionais produzidas por esses grupos e as técnicas empregadas, destacando que os materiais utilizados são predominantemente de origem vegetal, entre eles: terra crua, paus, caniço e madeiras; sendo os tijolos de adobe e os quadros de pau a pique tradicionalmente incorporados. Os Ambundos e Bacongos tradicionalmente constroem as paredes das casas de adobe e deixam os telhados de colmo salientes, suportados por varas de madeira rústicas, já os Luanda-Quioco em vez de adobe utilizam pau-a-pique nas paredes (Daniel, 2019).



Cubata Luanda, da capital de Angola, Luanda e tipologias de cubatas angolanas. Fonte: (GUNTER WEIMER, 2014)



Olhando para o Brasil, durante o período colonial, pode-se perceber que as grandes sedes de fazendas foram construídas em taipa de mão, embora essa técnica tenha sido preterida às tulhas e casas de colonos, ainda foi amplamente empregada, pois em oposição a taipa de pilão, não dependia de taapeiros especializados e possui resistência às intempéries e menor custo (SCHIMIDT, 1946 apud LOPES, 1998). Frequentemente a execução das paredes externas eram realizadas em taipa de pilão, mais resistentes e opulentas, e as divisões internas eram executadas em taipa de mão, mais esbeltas.

Até esse momento, mesmo as residências e outros edifícios construídos pela burguesia ainda utilizavam de terra como seu principal elemento, como descreve TOLEDO (2007 apud JOAQUIM, 2015), na capital paulista até a chegada da ferrovia a cidade era de barro, das altas torres, as casas térreas, com paredes de taipa de pilão protegidas pelos beirais avantajados, caracterizando a cidade, que perde a maioria dos seus edifícios originais no final do século XIX e início do século XX, pois a possibilidade de importar materiais de construção e construir uma casa como as típicas européias se apresenta como forma de ostentação na sociedade paulista, levando o abandono das técnicas tradicionalmente utilizadas.

Entre as classes dominantes, a arquitetura do exterior passa a ser rapidamente consumida, o que em conjunto com a falta de responsabilidade dos governantes para com o patrimônio, transformou os centros urbanos, resultando na substituição quase completa dos edifícios em terra, como afirma TOLEDO (2007 apud JOAQUIM, 2015), o eixo histórico da cidade de São Paulo em 1930 já havia sido extensivamente reconstruído.

Conectados ao ideário de modernização e aos princípios europeus, muitas cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, proibiram as construções em terra por meio de seus códigos de posturas.

A eliminação das técnicas tradicionais, em nome da higiene e saúde pública, é uma tendência forte nas legislações urbanas desde o século XIX, com o chamado higienismo. Dentre outras coisas, essa ação pode ser interpretada como uma maneira de engenheiros e arquitetos assumirem cada vez mais o controle de parâmetros urbanos

e de encaminhar a atividade construtiva para as mãos dos profissionais diplomados que, desta forma, vão conquistando o monopólio da atividade construtiva. (SANTOS, 2008, p. 246 apud JOAQUIM, 2015, p. 47)

Mesmo com a recusa pela elite das técnicas vernaculares e proibições empreendidas pelo Estado, estas continuaram a ser empregadas pela população de baixa renda nas periferias, pois eram materiais de baixo poder aquisitivo, tidos como primitivos e associados às raças vistas como inferiores. A burguesia, então, passa a usar técnicas construtivas julgadas como superiores e de origem europeia, objetivando distanciar-se do usado popularmente.

Com o correr dos anos, a gente abonada foi cada vez se diferenciando mais da pobre pelo tipo menos vegetal de casa. A nobreza da casa estava principalmente nos elementos mais duradouros de sua composição: pedra e cal, adobe, telha, madeira de lei, grade de ferro. (FREYRE, 1977, p. 181 apud VIEIRA, 2017, p. 92)

A interiorização dos hábitos burgueses importados da Europa na sociedade brasileira acontece como uma persuasão visível e invisível, levando a negação da cultura local, que passou a corresponder ao atraso e a precariedade, já que sua origem vegetal nada se parecia com o progresso associado à industrialização europeia almejada.

As cidades passaram por adaptações de acordo com as realidades locais, porém sempre com o objetivo de modernização e criação de cidades burguesas, saudáveis, limpas e higiênicas, semelhantes às cidades europeias. Essas transformações buscavam apagar o traçado colonial caracterizado pelo crescimento desordenado e baseado no trabalho escravo. Essas ações de melhoria nas cidades eram resultado de uma nova direção na conduta social, naturalizadas por meio de mecanismos de dominação imperceptíveis (VIEIRA, 2017, p. 107).

A não ser por alguns setores específicos da sociedade, as técnicas de terra ficaram em segundo plano por algumas décadas, mesmo com a cultura construtiva brasileira tendo se utilizado dela por quatro quintos de sua história, como reforça WEIMER (2014). O higienismo, muito difundido em território brasileiro, também foi responsável pela despopularização dessas técnicas, como supracitado.

No período que se estende desde então até a década de 1970, a arquitetura vernacular foi raramente incorporada às construções modernas. No projeto da Vila Operária de

João Monlevade, concebido por Lucio Costa em 1936, pode-se destacar a integração de elementos da arquitetura popular, como painéis de treliças, forro de taquaras e paredes caiadas de branco, ao conjunto composto por pilotis, vigas e lajes de concreto armado. Além disso, parte das casas é vedada com barro, aprimorando o uso dessa técnica ao evitar o contato direto com a umidade, que é uma das fragilidades desse material (LOPES, 1998).

É no Egito, com o arquiteto Hassan Fathy, que a construção com terra adquire novas formas na década de 1940. Com o projeto e realização parcial de Nova Gurna, ele utiliza técnicas de construção acessíveis às populações mais pobres, e que já eram previamente utilizadas, adaptando sua arquitetura ao contexto local, visando oferecer soluções para melhorar as condições de vida das pessoas, e levando em consideração a disponibilidade limitada de materiais para a manutenção futura dos edifícios, algo incomum em outras iniciativas semelhantes. A experiência de Fathy se tornou mais conhecida na década de 1970, quando ele publicou seu livro, difundindo suas ideias e abordagens.



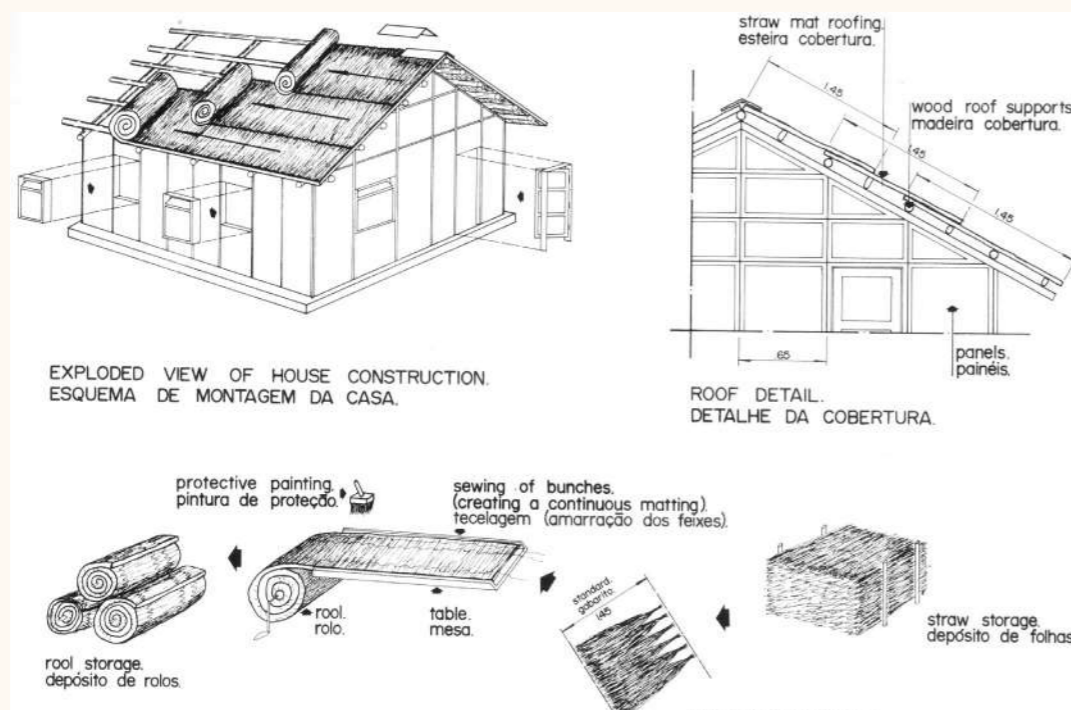
New Baris Souk Court | Hassan Fathy | foto de Roland Unger. Fonte: (ANKITHA GATTUPALLI, 2022)

No Brasil, embora em segundo plano, a terra também foi empregada no projeto e execução do núcleo habitacional de Cajueiro Seco, que apresenta-se como evento importante na história dessa técnica. O projeto, liderado pelo arquiteto Acácio Gil Borsói e executado na região metropolitana de Recife, Pernambuco, entre 1963 e 1964, apresentou o uso de painéis pré-fabricados de taipa de mão. Esses painéis eram revestidos pelos próprios moradores e instalados no local, atendendo à demanda urgente por moradias de forma econômica e com qualidade. A iniciativa de Cajueiro Seco demonstrou a viabilidade e eficiência dessa técnica construtiva, proporcionando soluções habitacionais acessíveis para a população (BORSÓI, 1965).

[...] a racionalização do processo produtivo da casa de taipa e a circulação local de experimentos, modelos e componentes de pré fabricação, permite repensar tanto a recorrente referência vernacular de origem, como o caráter isolado de sua releitura moderna por parte do arquiteto A.G. Borsói. (SOUZA, 2010, p. 13 apud JOAQUIM, 2015, p. 52)



Residência no Cajueiro Seco. Fonte: (ERIKA DE PAULA, 2020)



Residencial em construção e projeto. Fonte: ("Cajueiro Sêco | Acaciogil Borsoi", 2023)

Na década de 1970, como mencionado anteriormente, a arquitetura em terra volta a ser pauta especialmente no âmbito acadêmico, devido ao seu viés tecnológico. Esse interesse foi impulsionado pela crise do petróleo em 1973, que levou ao crescimento do movimento ambientalista e à busca por alternativas construtivas que consumissem menos energia e utilizassem recursos abundantes, como é o caso da terra. Além disso, o déficit habitacional crescente contribuiu para intensificar essas discussões.

A publicação do livro "Construindo com o povo" por Hassan Fathy também teve um papel significativo nesse contexto. O livro narra a experiência do autor com a arquitetura popular, destacando soluções construtivas com terra. Essa obra despertou o interesse pela técnica e contribuiu para revitalizar sua popularidade, embora ainda de forma mais restrita ao meio acadêmico.

Nesse contexto, várias instituições de pesquisa em arquitetura em terra foram fundadas, desempenhando um papel importante no desenvolvimento e na promoção dessa técnica. O Centro de Pesquisa e de Aplicação - Terra (Centre de Recherche et d'Application - Terre - CRATerre), estabelecido em 1979 na Escola Nacional de Arquitetura de Grenoble, na França, e o Laboratório de Pesquisa em Construção Experimental (Forschungslabors für Experimentelles Bauen - FEB), fundado em 1975 na Alemanha, são referências internacionais até hoje.

No Brasil, em 1976, o extinto Banco Nacional de Habitação (BNH) contratou o Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (CEPED) da Bahia por meio do Programa de Tecnologias da Habitação (THABA) para utilizar tijolos de solo-cimento na construção de habitações populares. O projeto executou cerca de 160 casas com paredes monolíticas e blocos prensados de terra estabilizados com cimento em Nanduba e Camaçari, na Bahia. Esse período marcou um novo caráter para a arquitetura em terra, resgatada e/ou recriada por núcleos de pesquisa para ser usada em habitação social (JOAQUIM, 2015).

Atualmente, o Brasil conta com diversos grupos de pesquisa e associações importantes nessa área, como o Grupo de Pesquisa em Habitação e Sustentabilidade - HABIS, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e a Associação Brasileira de Construtores com Terra - ABCTerra. Além disso, o país faz parte da Rede Ibero-americana de Arquitetura e Construção com Terra (RED PROTERRA), demonstrando

o interesse e o envolvimento contínuo do país nesse campo de pesquisa e prática (JOAQUIM, 2015).

A partir do final da década de 1970, também com apoio do Banco Nacional da Habitação (BNH), o Instituto de Pesquisa Tecnológica (IPT) em São Paulo passa a pesquisar e aplicar solo estabilizado com cimento na construção de moradias populares. Tais ações foram continuadas na década de 1980, culminando na produção de normas técnicas referentes à tecnologia em questão. (JOAQUIM, 2015, p. 54)

Ainda assim a construção em terra somente volta a possuir valor atribuído no mercado a partir do Rio-92, que avança nas discussões ambientais e encontram na arquitetura em terra uma alternativa aos materiais de construção que haviam se tornado convencionais, ganhando valor inclusive entre as classes dominantes.

Numa reflexão que coloca um pouco de tensão à questão, podemos considerar que, após período pouco maior que uma década, que se inicia em meados da década de 1970 e termina ao final da década de 1980, dedicado a testar a viabilidade das tecnologias de construção com terra com as populações de baixa renda - que por ocasião da necessidade, se prontificaram também como mão de obra - tal arquitetura estaria pronta a ser reinserida na esfera das classes média e alta. (JOAQUIM, 2015, p. 56)

A população carente nunca deixou de usar a terra como material de construção, mas devido a sua desvalorização ao longo dos anos, o saber fazer que garantia a durabilidade e integridade da taipa se perdeu, parcial ou completamente, relegando a estas construções uma reputação ligada a doenças e baixa durabilidade, que, como veremos a seguir, não se aplica a essa técnica, que quando bem executada prove excelentes resultados.

Como explicitado anteriormente, as técnicas em terra, e em particular a taipa de mão, devido a suas raízes históricas, vinculadas a um preconceito estrutural de uma sociedade em que há pouco tempo aboliu a escravidão, levaram essa técnica a ser vista como de má qualidade, causadora de doenças e ligadas a um estereótipo de pobreza que não faz juz as suas vantagens e aplicabilidades técnicas.

SILVA (2000 apud VIEIRA, 2017) aborda em sua dissertação de mestrado em saúde pública, intitulada "Conceitos e Preconceitos relativos às Construções em Terra Crua", a

veracidade das questões relacionadas à salubridade e o conforto das casas em terra crua, incluindo a taipa de mão e sua ligação com a doença de chagas. A autora conclui que o popularmente conhecido como barbeiro, vetor da doença, aloja-se em qualquer tipo de parede mal construída ou conservada, independente do material utilizado. Ainda reforça que o preconceito da população é fruto do desconhecimento das técnicas construtivas, criticando o ensino universitário que se volta apenas para as técnicas com materiais industrializados.

Além disso, o governo brasileiro reforçou através de uma campanha nacional iniciada em 1960, a ligação entre a doença de Chagas e a terra crua, objetivando servir a indústria do cimento e a política nacional para construção de casas em massa realizada pelo BNH, mesmo sabendo que a proliferação acontecia na cavidade de qualquer material.

Vale salientar, que estudar as arquiteturas produzidas por diferentes etnias é primordial para identificarmos como os povos conceberam suas habitações influenciados por suas culturas, climas e territórios. Através da experimentação de diversas técnicas chegaram à resultados adaptados à suas necessidades, empregando materiais que costumam ser acessíveis, locais e naturais, cuja aplicação é moldada aos usos e costumes da comunidade, contemplando as necessidades básicas de abrigo e atribuindo um fator identitário e regional às construções. Por esses motivos essas edificações costumam ser mais confortáveis termicamente, adaptando-se ao clima (DANIEL, 2019).

Especialmente no âmbito da arquitetura popular, a fusão das culturas, indígenas, africanas e lusitanas, corrobora para o desenvolvimento de tipologias diversas adaptadas ao ambiente em que foram inseridas. As técnicas tradicionais de construção são riquíssimas em conhecimentos e transmitidos entre gerações, resultado de profunda conexão com seu entorno e com o clima, exibindo aparente preocupação com o conforto térmico e excelentes soluções para lidar com as intempéries, as casas produzidas são confortáveis para a região ocupada.

Por isso o projeto pretende dialogar com as técnicas construtivas populares, especialmente em terra, e suas aplicações de acordo com o ambiente em que estão inseridas, destacando suas heranças identitárias.

A seguir discutiremos as questões práticas relativas às técnicas em terra, apoiando-se em pesquisas realizadas por diversos campos acadêmicos, destacando as dificuldades em se trabalhar com uma técnica que difere do convencional, ou seja, a mão de obra não tem conhecimento de tal, e as vantagens que tal material proporciona tanto no conforto ambiental, quanto estético.

ANÁLISES TÉCNICAS SOBRE ARQUITETURA EM TERRA

Segundo SILVA (2000 apud VIEIRA, 2017), as paredes de terra crua detêm maior capacidade de manter a temperatura interna dos ambientes constante, ao comparar com paredes em alvenaria de bloco de mesma espessura sua condutibilidade térmica é menor, o que significa que durante dias quentes estas absorvem o calor externo e demoram a transmiti-lo ao ambiente, diminuindo significativamente a temperatura dentro da residência e conseqüentemente o uso energético necessário, dispensando ventilação artificial. O conforto acústico também é alcançado devido ao maior coeficiente de absorção do material, que deixa o ambiente com menor reverberação e nível sonoro quando comparado às construções com acabamentos convencionais.

MUKEERJI & CRATERre (1988) citam as principais vantagens da arquitetura com terra crua: a) disponibilidade da terra em grandes quantidades em quase todos os países; b) baixo custo para escavação, e no caso do transporte se a terra é encontrada no próprio canteiro de obra; c) fácil assimilação por mão-de-obra não qualificada; d) resistência ao fogo; e) desempenho climático favorável para a grande maioria das regiões do planeta onde é encontrada; f) baixa exigência de energia elétrica ou fóssil para o processamento manual do solo não estabilizado; g) o solo quando não estabilizado permite reutilização ilimitada, permitindo a reciclagem do material; h) não é poluente. (LOPES, 1998)

Além disso, como destacam SANTOS & RODRIGUES FILHO (1993 apud LOPES, 1998), as construções em terra crua tem uma redução no preço final da obra de 30% a 50%, em relação ao custo de tabela por metro quadrado, quando comparado com os materiais convencionais, destacando que, para taipa de mão não há necessidade de rigor na escolha do solo em contraponto ao adobe, e quando combinada com bambu pode ser utilizada como um material de vedação leve e muito resistente. Ademais, se destaca por ser

de fácil e rápida execução, acomodando-se inclusive a terrenos acidentados.

IGLESIAS (1993 apud LOPES, 1998) salienta que a maior dificuldade para o uso das técnicas em terra é o "Preconceito generalizado que associa as obras de prestígio às técnicas materiais modernas e considera a arquitetura de terra como precária e símbolo de baixo "status social".

Assim como todas as técnicas construtivas, as em terra tem suas especificidades e seus pontos a considerar durante o projeto e construção, no seu caso, a resistência a umidade é sua vulnerabilidade, tanto por ação direta da chuva, como por capilaridade das paredes em contato com o chão. A arquitetura vernacular resolve esses entraves com a adoção de beirais largos que protejam o impacto da água e a suspensão da edificação a poucos centímetros do chão, evitando a infiltração por capilaridade. O uso da fundação em pedra ou tijolos também é comum, isolando o material da umidade do solo.

As construções vernáculas respeitam o conforto e a salubridade, sem exagero no uso de vidros e concreto, com largos beirais propícios ao clima tropical, proteção contra a forte radiação, ventilação natural entre outras soluções. A busca por uma arquitetura de qualidade, confortável e saudável encontra, na terra, um material de construção com condições de alcançar resultados e soluções que satisfaçam os usuários e com impacto ambiental consideravelmente menor. (MAIA; ANDRADE, 2016, p. 207)

O acabamento das paredes a partir de um reboco de terra também aumenta a durabilidade da habitação, pois, em conjunto com o beiral, proporciona proteção contra o sol, a chuva e o vento. Com relação a manutenção da camada mais externa destaca-se a necessidade de retoque sempre que preciso. Nas comunidades rurais essa prática é comum e está incorporada à rotina, como plantar e colher, que se repete todo ano.

Sobretudo, as construções em terra devem respeitar as técnicas tradicionais e a regionalidade do território inserido, dialogando com as arquitetura existentes, a realidade social, econômica e ambiental do Brasil e satisfazendo as necessidades dos usuários que a utilizam.

A criação desse espaço, construído com terra, deve estimular os sentidos perceptivos e os demais sentidos humanos, além de alimentar o caráter simbólico que ele representa aos seus ocupantes. O arquiteto deve compreender e interpretar o material a

ser empregado, “harmonizá-lo e realçar as qualidades formais e simbólicas” (OKAMOTO, 2014, p.129 apud MAIA; ANDRADE, 2016, p. 211).

JOAQUIM (2015) questiona as condições dos trabalhadores nessas obras, enfatizando que o trabalho físico necessário para sua execução é alto, mesmo em condições favoráveis no canteiro de obras, devido ao caráter artesanal da técnica. Em sua dissertação, a autora discute a possibilidade do emprego da mecanização parcial em atividades que demandam muito esforço, demonstrando através de dados adquiridos por entrevistas com trabalhadores de uma das obras da construtora Taipal em Piracicaba-SP, que estes não aceitariam trabalhar em uma obra do mesmo tipo se não tivessem acesso a mecanização de algumas etapas, alegando que a construção em taipa já exige mais esforço que nas obras convencionais, mesmo dispondo de misturador para terra e pilão hidráulico.

Superando-se essas especificidades técnicas, o uso de terra mostra-se extremamente benéfico, pois além das qualidades intrínsecas ao material, é uma alternativa à poluição gerada pela indústria da construção, atualmente responsável por 8% das emissões de CO² (LEHNE; PRESTON, 2018 apud STEENBOCK; TAVARES, 2022) e consumindo mais do que qualquer outra atividade desenvolvida pelo ser humano, cerca de 50% da massa de matérias primas extraídas. Em adição, seu descarte ocupa espaço nos aterros sanitários e contém materiais poluentes que podem contaminar o solo.

No campo da habitação social, a taipa também se mostrou eficiente em diferentes projetos, todavia não alcançou um uso tão amplo, devido aos motivos esclarecidos, mas também por exigência dos órgãos financiadores no seguimento de um padrão instituído por normas, que só passaram a abranger a taipa de pilão, por exemplo, no ano de 2022, sendo o bloco de solo e cimento normatizado desde 2012 (ainda assim, recente).

Em suma, precisa-se ponderar as informações discorridas com relação a utilização da terra em comparação com a alvenaria convencional, pois, oferece mais conforto térmico e acústico, é resistente, mais barata e mais sustentável (nos quesitos de disponibilidade de material, economia de energia no transporte, causa pouco ou quase nenhum impacto ao meio ambiente e depois de utilizada pode ser incorporada facilmente ao ambiente, tornando seu uso cíclico e logo, sustentável), ainda resgata o caráter histórico e identitário da técnica, conectando o indivíduo a habitação. As dificuldades com mão de obra especializada não devem ser ignoradas, mas podem ser contornadas através da extensão do

ensino no canteiro de obras.

Além do mais, por seu desenvolvimento intrinsecamente ligado à humanidade, as técnicas construtivas em terra proporcionam a experiência do sentir conectada a memórias originárias, fundantes do ser humano, principalmente durante as etapas de construção da edificação, que preveem o contato direto com a terra in natura. A potência simbólica contida na terra evoca sensações contidas dentro do nosso ser, desencadeadas por memórias primitivas e devaneios associados a elas. (BRANDÃO, 2016)

Com base em uma análise cuidadosa, o projeto decidiu adotar a terra crua como a principal técnica de construção. Essa escolha não se baseia apenas nos benefícios técnicos inerentes a esse material, mas também reflete um posicionamento político e identitário, alinhado à busca por uma abordagem sustentável, econômica e culturalmente significativa.

A adoção da terra crua como técnica construtiva é uma manifestação de valores e princípios que permeiam todo o projeto. Essa escolha reflete o compromisso com a sustentabilidade, ao utilizar um recurso natural abundante e de baixo impacto ambiental. Além disso, permite uma construção mais econômica, pois reduz a dependência de materiais industrializados e incorpora práticas construtivas tradicionais. Essa abordagem culturalmente significativa fortalece a identidade da comunidade e estimula o senso de pertencimento.

A terra também possui uma capacidade notável de regular a temperatura interna dos espaços construídos, especialmente em climas quentes e secos, ela atua como um isolante natural, protegendo os ambientes do calor excessivo. Durante o dia, absorve o calor solar, mantendo o interior fresco e agradável. À noite, libera gradualmente o calor armazenado, contribuindo para a estabilidade térmica e o conforto dos ocupantes. Além disso, ela absorve e dissipa o som, reduzindo a propagação de ruídos indesejados tanto do ambiente externo quanto interno. Isso resulta em espaços mais tranquilos, que proporcionam maior conforto acústico aos moradores.

Dessa forma, a escolha da terra crua como técnica principal de construção não é apenas uma decisão técnica, mas também uma expressão de valores, compromissos e identidade, reforçando a busca por uma arquitetura consciente, responsável e enraizada na cultura local.



4. DIREITO À CIDADE E AO TERRITÓRIO

Rua Reinaldo Pizani e Av. do Tetracampeonato, Cidade Aracy. Fonte: fotografia extraída do Street View, Google Maps e ilustração da autora.

Após a promulgação da Lei Áurea em 1888, os indivíduos alforriados migraram em massa para as cidades em busca de oportunidades, concentrando-se em cortiços centrais (espaços que abrigaram a luta dos negros contra a escravidão nas últimas décadas do século XIX) ou em moradias multifamiliares localizadas às margens da cidade uma vez que possuíam pouco ou nenhum dinheiro.

Desde então, o processo de formação dos bairros na periferia tem sido uma prática constante, fruto da expulsão dos indesejáveis do centro da cidade, que se pretendia branco, moderno, higiênico e salubre. Sidney Chalhoub descreve em "Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial" a demolição do cortiço Cabeça de Porco localizado no Rio de Janeiro. A ação foi empreendida com a presença dos moradores nas instalações que se viram obrigados a deixar o cortiço e construir seus casebres no morro que ficava logo atrás do cortiço, chamado "Morro de Favela".

No contexto do pós-abolição em que se adotou o conceito de "classes perigosas", os negros se tornaram sempre os suspeitos, e apenas o fato de ser negro já era o suficiente para sua condenação. Ainda hoje esses conceitos são aceitos pela opinião pública, haja vista que os bairros citados pela presença dessa população são considerados perigosos pelas vizinhanças, inclusive, os moradores do bairro Cidade Aracy (foco do estudo), relatam o preconceito que se tem quando dizem morar no bairro, o que afeta até mesmo as oportunidades de emprego.

Segundo Mbembe (2014)

[...] os processos de racialização têm como objectivo marcar estes grupos de populações, fixar o mais possível os limites nos quais podem circular, determinar exactamente os espaços que podem ocupar, em suma, conduzir a circulação num sentido que afaste quaisquer ameaças e garanta a segurança geral.(Mbembe, 2014, p. 71)

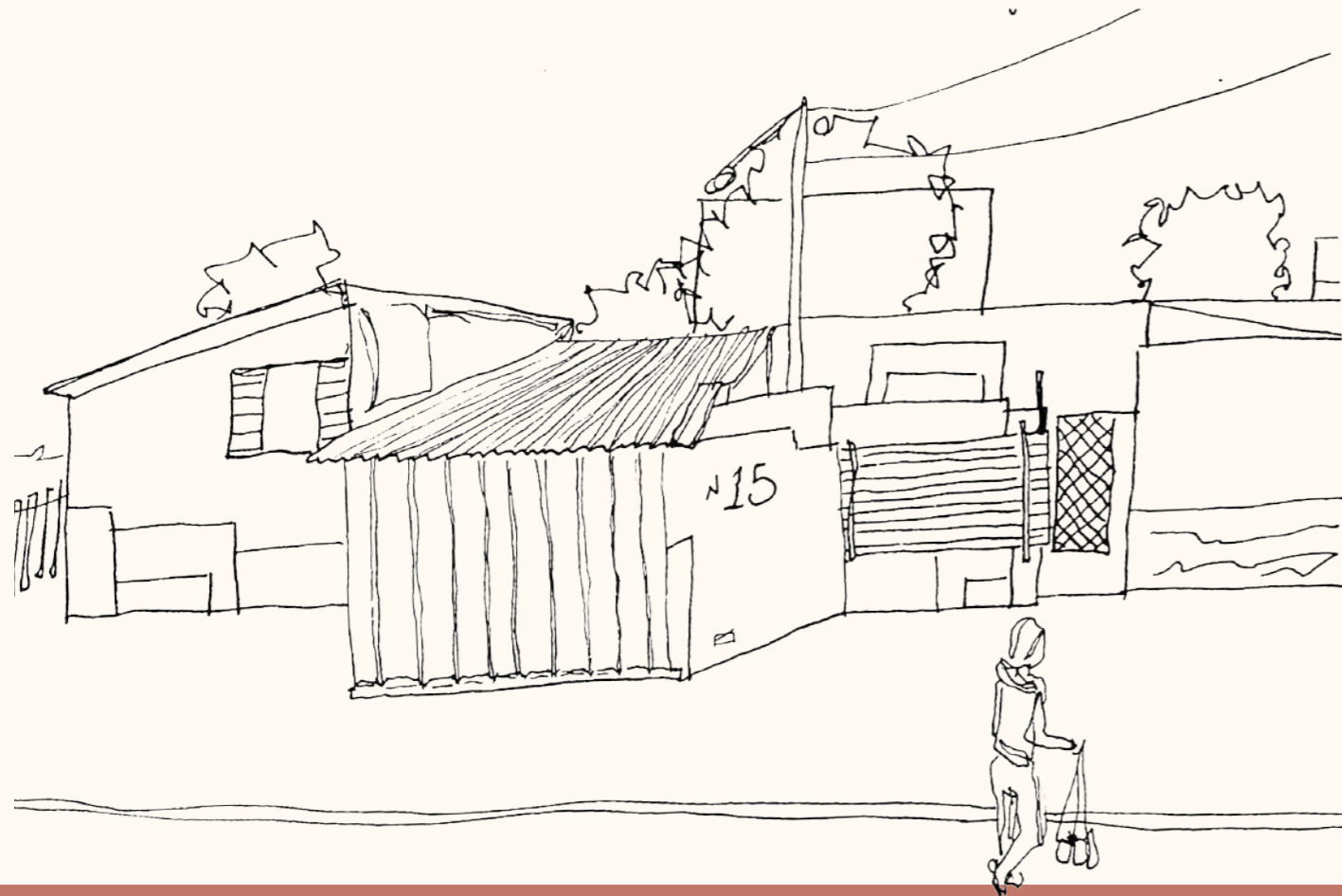
A luta pelo direito à cidade é um movimento social e político que busca garantir que todos os cidadãos tenham acesso igualitário aos benefícios e oportunidades que a cidade oferece, como o direito à moradia adequada, ao transporte público de qualidade, o acesso a serviços básicos, ao espaço público e à participação nas decisões que afetam o ambiente urbano. O direito à cidade também está relacionado ao combate à especu-

lação imobiliária, à gentrificação e às desigualdades socioespaciais, promovendo uma cidade mais inclusiva, justa e sustentável para as gerações atuais e futuras.

O Plano Diretor de São Carlos se configura em instrumento legal que visa concretizar a implementação do Direito à Cidade, isso implica em políticas urbanas que priorizem o interesse coletivo sobre o lucro privado, que estimulem a participação cidadã na gestão e no planejamento urbano, e que busquem soluções para os desafios socioambientais que as cidades enfrentam. Além disso, reconhecem a importância da cultura, da diversidade e do patrimônio cultural como elementos essenciais na construção de uma cidade inclusiva que dialogue com as diversas identidades que a compõem.

O Plano Diretor de São Carlos, foi estabelecido pela Lei nº 18.053, como instrumento de planejamento urbano que orienta o crescimento e o desenvolvimento do município. Ele define diretrizes, metas e políticas para diversos aspectos urbanos, como uso e ocupação do solo, habitação, transporte, meio ambiente, entre outros. Ressalta-se que deve garantir a função social da cidade, considerando as necessidades e interesses da população, e tendo como objetivo criar um espaço mais equilibrado e com melhores condições de vida para seus habitantes.

art. 2º _ 1º: função social da cidade compreende o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social, ao acesso universal dos direitos sociais e ao desenvolvimento socioeconômico e ambiental, incluindo o direito à terra urbana, à moradia digna, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte, aos serviços públicos, ao trabalho, ao sossego e ao lazer. (Plano Diretor de São Carlos, Lei nº 18.053, p.)



5. CONTEXTO DE INSERÇÃO DO ESPAÇO PROJETUAL

Ocupação Em Busca de Um Sonho, Cidade Aracy, Fonte: fotografia extraída do Street View, Google Maps e ilustração da autora.

Para compreender a cozinha solidária e seu contexto, é necessário observar seu entorno e a área que ocupa na cidade. Dessa forma, o projeto pode ser pensado levando em consideração os aspectos geográficos, físicos, culturais, históricos e as identidades envolvidas. Para embasar as análises do território, especialmente sob uma perspectiva política e histórica, o artigo intitulado “A economia política da terra: as elites e a produção das periferias pobres”, de Thalles Vichiato Breda, revelou-se essencial.

HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O atual território de São Carlos pertence ao Oeste Paulista, invadido, a princípio, por posseiros e pequenos lavradores que, devido ao seu baixo prestígio social, não conseguiram legalizar suas terras. Diante disso, apenas no início do século XIX, com a valorização da área, tornou-se interessante para a elite paulista o processo de expansão fundiária. Essa elite utilizou sua influência política para a aquisição das terras, transformando-as em grandes sesmarias que serviam apenas para fins especulativos. Vale ressaltar que a maioria delas não se tornava produtiva, sendo utilizadas como investimentos que, ao receberem uma oferta compensatória, eram vendidas. A sesmaria do Monjolinho, em São Carlos, por exemplo, foi transferida seis vezes até a primeira consolidação urbana. (TRUZZI, 2000 apud BREDA, 2022).

São Carlos, portanto, historicamente tem suas terras controladas por poucos indivíduos, em sua maioria homens brancos abastados, como fazendeiros, funcionários públicos de alto escalão, grandes comerciantes, autoridades militares e outros com acesso direto ao poder. Esse controle resulta na expulsão da população pobre e trabalhadora para as áreas periféricas da cidade. Conforme mencionado anteriormente neste trabalho, o processo de exclusão das camadas mais vulneráveis da sociedade do centro das cidades brasileiras é um fenômeno histórico que ocorre de forma semelhante em São Carlos, conforme apontado por Oliveira (2018).

A cidade duplicou seu tamanho em 1950, consolidando o raio periférico ao redor do centro e iniciando a popularização de lotes de dimensões menores, a fim de atender à classe operária com poder de compra inferior. Esse processo beneficia os especuladores imobiliários, que não asseguravam infraestrutura mínima nos loteamentos mais pobres.

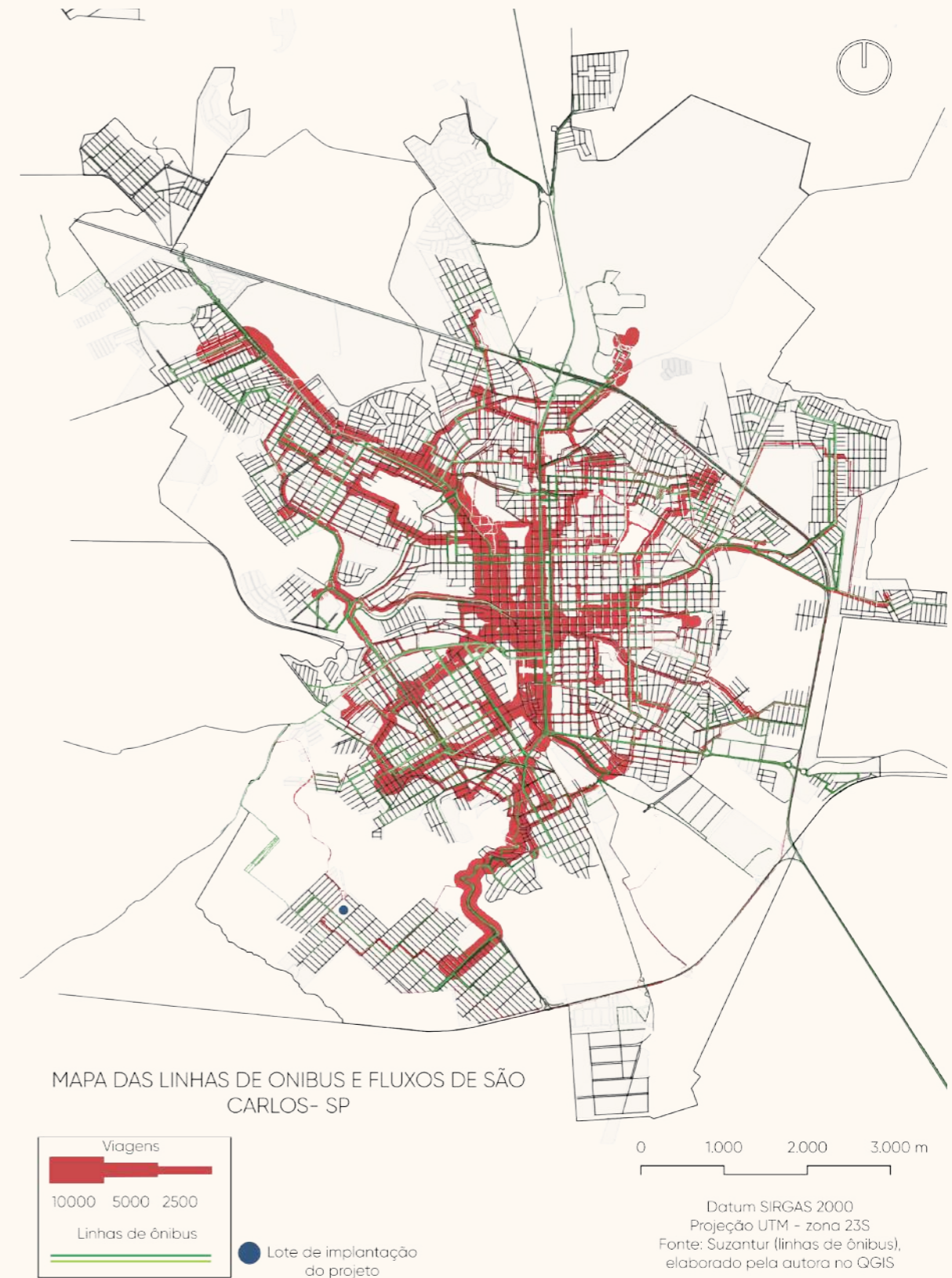
Nesse momento, as regiões sul e sudoeste passam a ser dominadas pela população mais desassistida. (LIMA, 2008 apud BREDA, 2022)

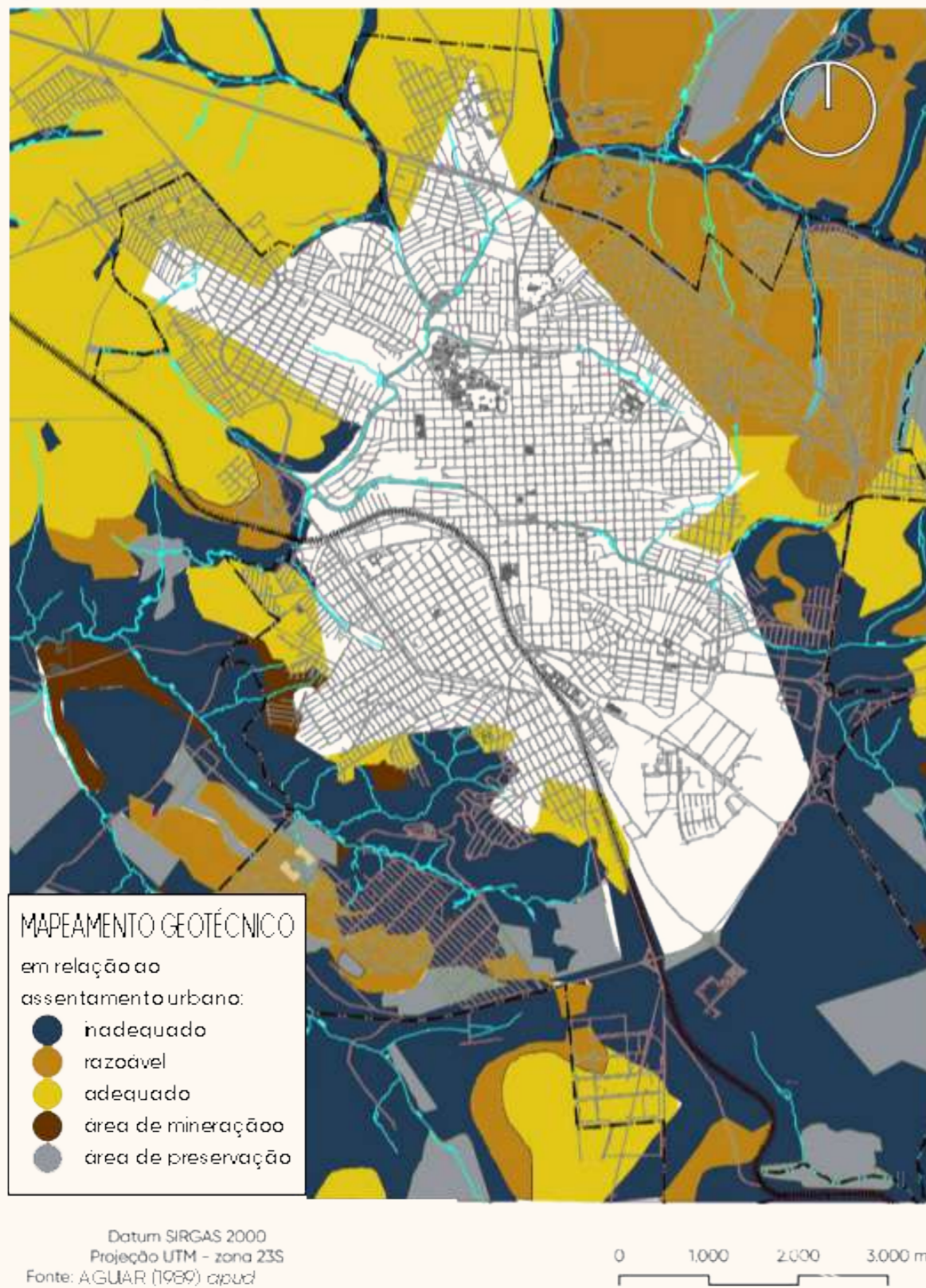
O loteamento Cidade Aracy foi aprovado no final do século XX e, durante a década de 1990, passou por um período de desenvolvimento significativo. Nas décadas seguintes, diversos loteamentos foram construídos através do Programa Minha Casa Minha Vida, nas faixas 1, 1,5 e 2. Um aspecto que merece destaque nesse processo de expansão urbana é a existência de uma faixa de terra ociosa entre o bairro e o restante da cidade, resultado da especulação imobiliária. Isso resultou em uma fragmentação que dificulta o acesso ao local, sendo agravado pela presença de um acidente geográfico conhecido como Serra do Aracy, que limita a conexão com o centro da cidade a apenas dois principais caminhos. Nessa mesma época, também houve um crescimento significativo de condomínios de acesso restrito no norte da cidade, voltados para as classes média e alta, contribuindo ainda mais para a fragmentação urbana.

É relevante destacar que quase 70% dos beneficiários da faixa 1, em nível nacional, do Programa Minha Casa Minha Vida são negros, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Regional. Segundo Breda (2022), pode-se afirmar que essa política pública, administrada de forma privada, contribuiu para o aumento da densidade populacional nas regiões sul e sudoeste, habitadas principalmente pela população negra e pobre. Esse processo reforça a segregação socioespacial, econômica e racial historicamente estabelecida.

O loteamento e ocupação do bairro são marcados por contradições e motivações claramente políticas desde sua criação, o terreno de sua implantação, além da dificuldade de acesso, como já mencionado, caracteriza-se pelo solo arenoso e erosivo, não sendo ideal para assentamento urbano, como fica evidente no mapa X.

Além disso, o empreendimento de Airton Garcia e seu sócio, Francisco Pereira Lopes, não estava em conformidade com a legislação urbanística vigente desde o início das vendas, ou seja, não oferecia as condições básicas para a ocupação do bairro. A situação dos lotes eram tão precárias que não atraíram compradores, levando Airton Garcia, por meio da Imobiliária Faixa Azul, responsável pela venda dos terrenos, a doar terrenos com a condição de que metade deles fosse construída dentro de um mês, enquanto a outra





Vista do bairro cidade Aracy de cima. Fonte: fotografia da autora.

metade seria vendida posteriormente. Essa estratégia obteve sucesso e acelerou a ocupação, ainda que de forma precária.

Mais tarde, em 1995, durante as eleições municipais, Airton Garcia, candidato a vice-prefeito, prometeu a doação de terrenos aos seus eleitores. Ele cadastrou cerca de 10 mil pessoas com a intenção de realizar a doação após o resultado do pleito. Isso culminou em um processo contra a chapa por aliciamento eleitoral, a qual foi condenada. No entanto, a chapa assumiu o cargo e manteve-se em função de uma liminar concedida pela justiça. (POLI, 2004 apud BREDA, 2022)

Como mencionado anteriormente, no início da ocupação do bairro, não havia acesso a serviços essenciais, como água potável, eletricidade e saneamento básico. O ponto de ônibus mais próximo ficava no bairro Cruzeiro do Sul, após a subida da serra, assim como a escola e o posto de saúde, o que exigia pelo menos 35 minutos de caminhada. Ainda assim, a Imobiliária Faixa Azul demorou a realizar as melhorias exigidas pela justiça, conforme destacado por Breda (2022). Isso levou a população do bairro a considerar essas melhorias como favores concedidos por Airton Garcia, que já era admirado por sua doação de lotes, resultando em uma relação de clientelismo evidente nas eleições de 2014.

Nessa ocasião, Airton Garcia concorreu ao cargo de Deputado Estadual e obteve 66% dos votos da grande Cidade Aracy. Em 2016, quando foi eleito prefeito, essa relação se mostrou ainda mais evidente, uma vez que recebeu 77% dos votos na mesma região. (Breda, 2022)

A OCUPAÇÃO EM BUSCA DE UM SONHO E SEUS ARREDORES

Considerando as condições de surgimento do bairro e a população que o habita, nos aproximamos da área de estudo que está no limite do Cidade Aracy, na divisa com o bairro Antenor Garcia, que é de propriedade da mesma família, como o nome sugere. A ocupação “Em Busca de Um Sonho” surge como resposta à necessidade de um espaço habitacional para algumas famílias em situação de vulnerabilidade. Diante da escolha entre ter o que comer ou pagar aluguel, essas famílias optam pela primeira opção.

A área utilizada estava inicialmente designada no plano diretor para uso institucional e recreativo. De fato, uma parte do terreno foi destinada e utilizada para esses fins, pois a ocupação divide o quarteirão com a Escola Estadual (EE) Prof. Luiz Viviani Filho, a Escola Técnica Estadual (ETEC) Paulino Botelho, um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) José De Campos Pereira e uma Unidade de Saúde da Família (USF) Antenor Garcia. No entanto, parte do espaço ficou desocupado por anos, cedendo oportunidade para as famílias reivindicarem a função social da propriedade, ou seja, alegarem que as terras improdutivas deveriam ser usadas para um propósito.

O processo de regularização dos lotes iniciou há 8 anos e ainda não foi finalizado, portanto o asfalto, as ligações elétricas e hidráulicas já implementadas, não podem ser utilizadas pelos moradores, visto que o processo de regularização ainda está em andamento, portanto todos os barracos tem ligação ilegal (“gato”), incluindo a cozinha solidária. Em função disso a pressão de água oscila bastante, atrapalhando as atividades, Jessica inclusive destacou que quando ficam sem água é preciso mobilizar a comunidade para baldear até a cozinha.

Nos arredores da ocupação, o bairro apresenta uma grande diversidade, com uma variedade de locais que atraem um fluxo intenso de pessoas. Isso se deve à presença de comércios, escolas, igrejas, pontos de ônibus e serviços de saúde. É importante destacar que no quarteirão adjacente está localizada a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do

Cidade Aracy, que é uma referência na região e atrai um movimento considerável nas proximidades. A UPA compartilha o quarteirão com uma pista de skate, uma piscina pública, um campo de futebol e o centro de assistência à juventude Lauriberto José Reys, esses equipamentos concentram a população jovem do bairro. Além disso, outras duas escolas estão situadas nas proximidades: o Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) Maria Consuelo Brandão Tolentino e a Escola Municipal de Ensino Básico (EMEB) Arthur Natalino Deriggi, estas atendem crianças entre 0 e 14 anos.

Embora os equipamentos mencionados estejam localizados na mesma rua e conectados pela malha viária, falta uma integração visual e física entre eles. Com exceção da UPA e da pista de skate, todos os outros equipamentos encontram-se cercados, com muros ou alambrados, desconectados da calçada. Além disso, são resultado de diferentes gestões, por isso divergem em suas formas construtivas, não parecendo fazer parte do mesmo espaço.

Quanto às áreas verdes nessa região, a maioria delas está subutilizada, sem qualidade vegetativa, nem paisagística. Atualmente, essas áreas são principalmente utilizadas como passagem, não oferecendo infraestrutura para permanência ou lazer.

É importante destacar que parte dessas áreas verdes também foi ocupada para fins residenciais. Próximo à ocupação Em Busca de Um Sonho, encontra-se a ocupação Em Busca de Moradia, que está situada em uma área de preservação permanente (APP), enfrentando problemas com a densa vegetação, uma vez que as residências estão localizadas sob a copa das árvores, resultando em falta de incidência solar adequada. Além disso, a queda de galhos representa uma ameaça à integridade das casas.

MAPA DO QUARTEIRÃO DA OCUPAÇÃO EM BUSCA DE UM SONHO

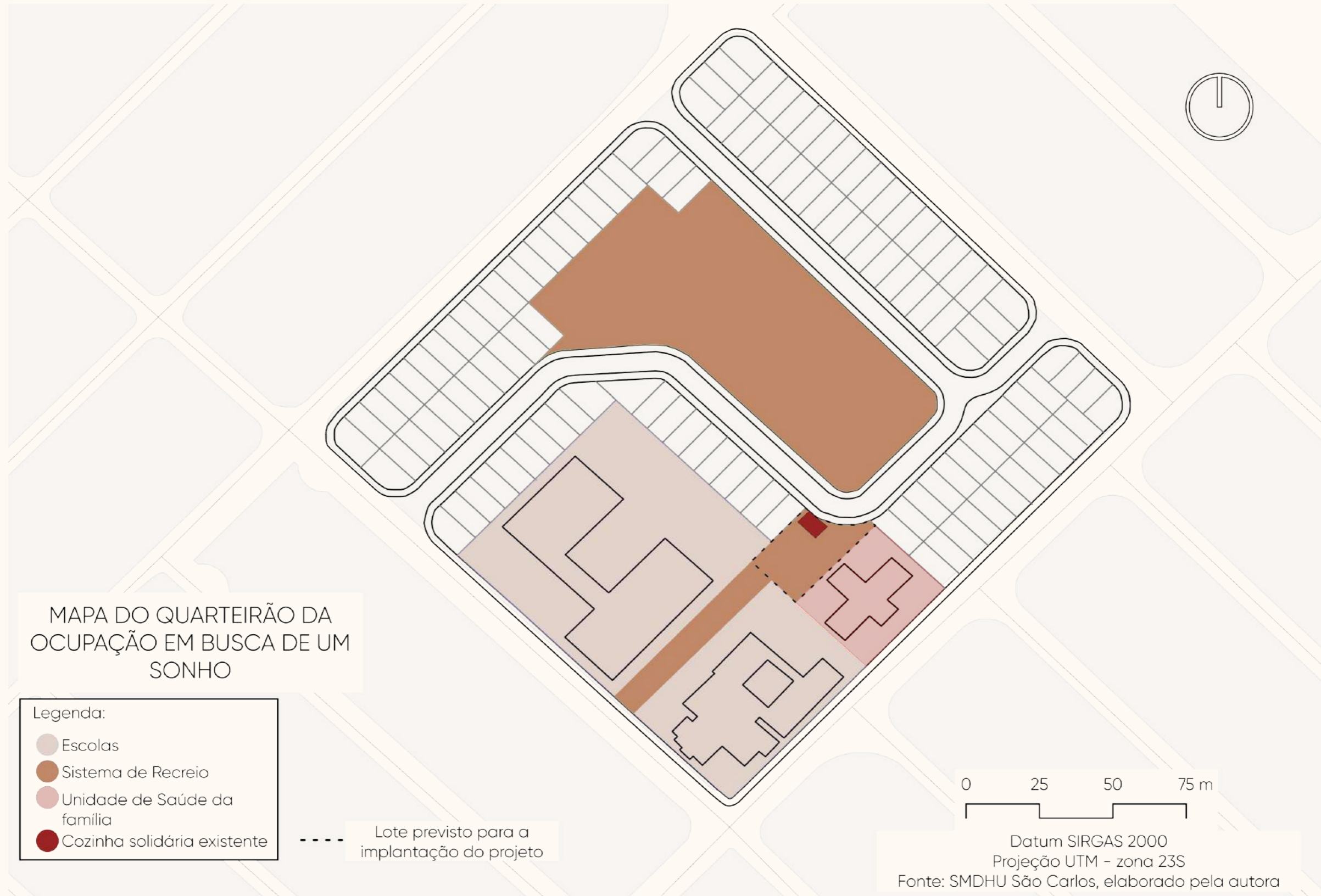
Legenda:

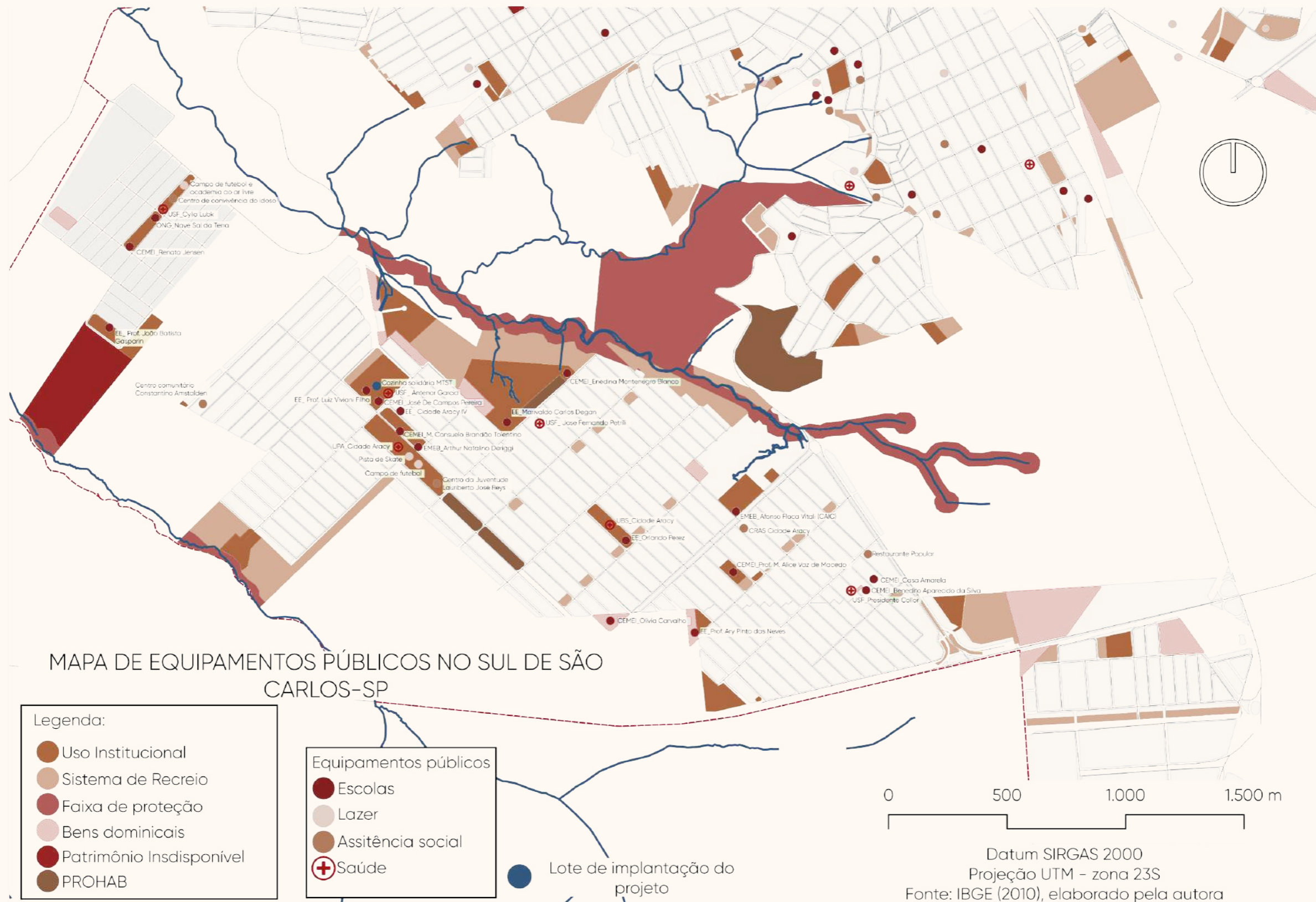
- Escolas
- Sistema de Recreio
- Unidade de Saúde da família
- Cozinha solidária existente

----- Lote previsto para a implantação do projeto

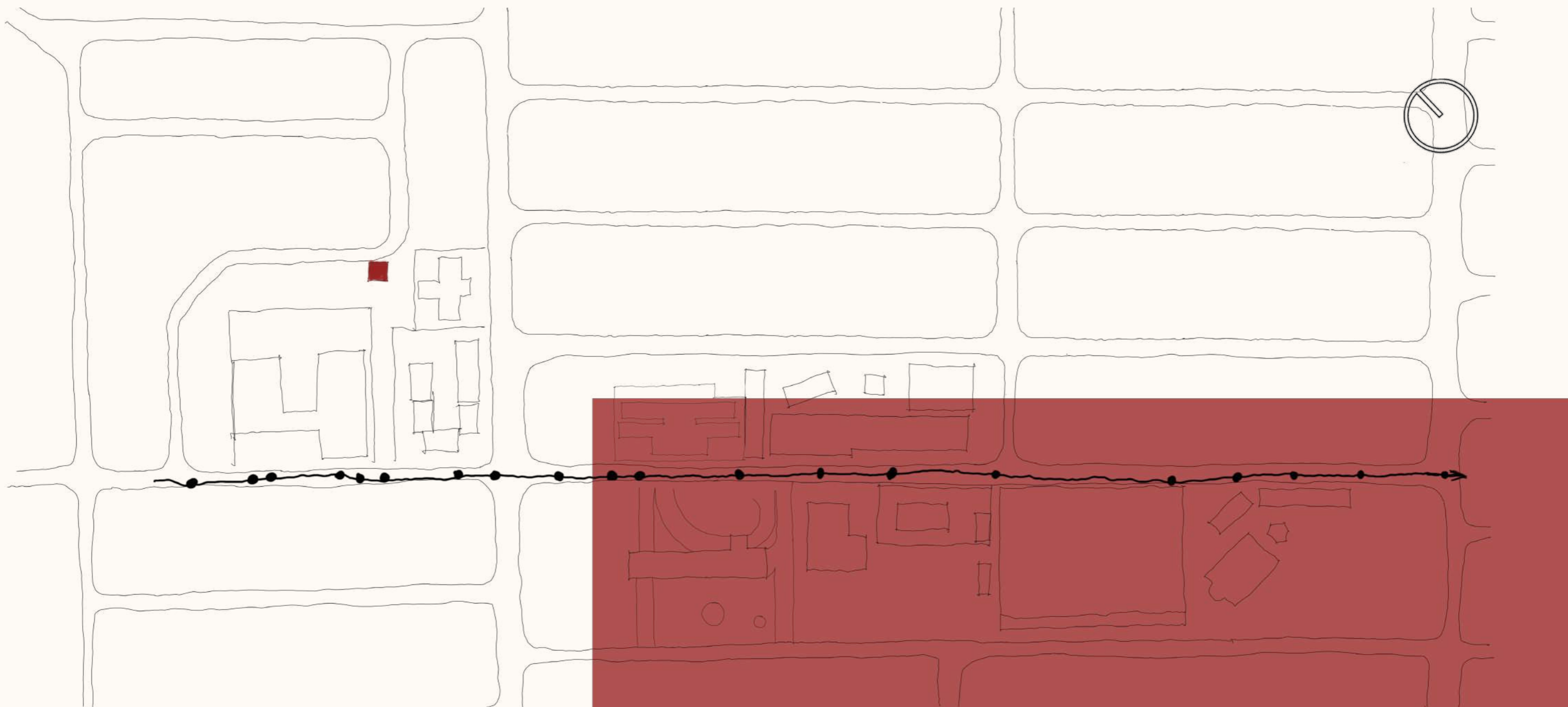
0 25 50 75 m

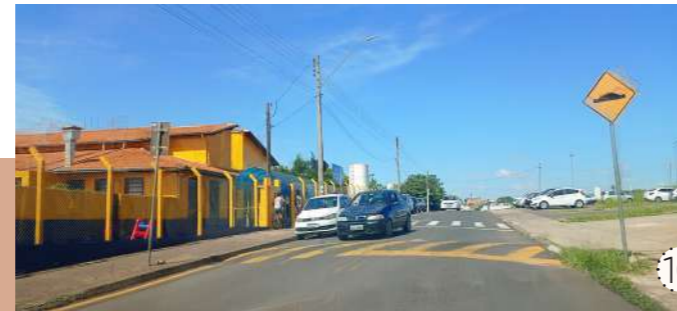
Datum SIRGAS 2000
Projeção UTM - zona 23S
Fonte: SMDHU São Carlos, elaborado pela autora





VISÃO SERIADA DO EIXO DE EQUIPAMENTOS







6. LEITURA DO TERRITÓRIO SOB A PERSPECTIVA DOS COMÉRCIOS

Rua Reinaldo Pizani e Av. do Tetracampeonato, Cidade Aracy. Fonte: fotografia extraída do Street View, Google Maps e ilustração da autora.

Para obter conhecimento sobre o território, realizou-se um levantamento dos comércios locais utilizando a ferramenta Street View do Google Maps na área próxima à implantação do projeto, o que permitiu a compreensão dos pontos focais da região e obtenção de informações importantes sobre a infraestrutura existente. Essa análise foi fundamental para facilitar a integração do projeto com o contexto urbano, pois forneceu conhecimento sobre os principais pontos comerciais do bairro, suas atividades predominantes e a dinâmica socioeconômica local. Além disso, esse levantamento possibilitou leituras sobre sua identidade e essência, contribuindo para uma abordagem mais adequada e contextualizada no desenvolvimento do projeto.

O bairro apresenta uma ampla diversidade de comércios, abrangendo uma variedade de segmentos, desde grandes estabelecimentos até pequenos empreendimentos, especialmente aqueles instalados em garagens residenciais. Com base no levantamento realizado, foram identificados 18 bares, 9 adegas, 25 restaurantes, 23 barbearias/salões de beleza, 10 lojas de material de construção, 16 oficinas mecânicas/autoelétricas/autopeças, 15 mercados/padarias/casas de carne, 16 brechós/lojas de roupa, 4 estabelecimentos de compra de sucata, 4 costureiras, 3 agropecuárias, 3 salões de festa, 26 estabelecimentos de variedades/outras e 24 igrejas evangélicas.

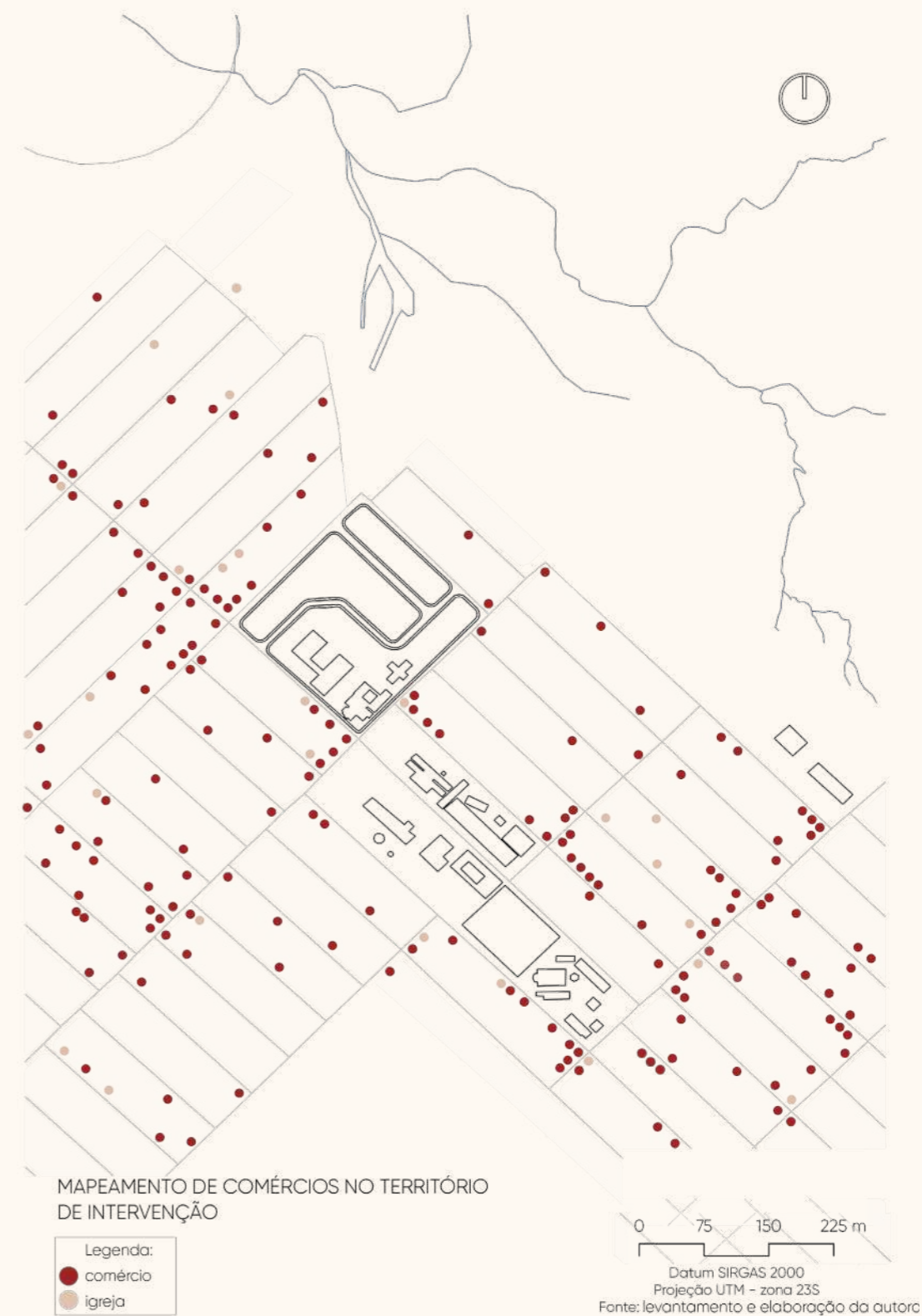
A prática de estabelecer negócios nas próprias residências reflete não apenas uma forma de economia local e autossuficiência, mas também uma resposta aos desafios enfrentados pelos moradores em relação à obtenção de emprego na "cidade". Essa realidade ressalta a existência de preconceitos associados ao endereço do bairro, o que pode dificultar o acesso a oportunidades de emprego formais.

Ao utilizar os recursos disponíveis em suas próprias casas para estabelecer empreendimentos, os moradores encontram uma alternativa viável e sustentável para gerar renda e garantir sua subsistência. Essa abordagem empreendedora não apenas oferece uma maior segurança financeira, mas também permite que os moradores superem barreiras e desafios relacionados à discriminação no mercado de trabalho.

Por fim, a dominância de igrejas evangélicas no bairro reflete a influência e presença significativa dessa vertente religiosa na comunidade, desempenhando um papel importante na vida das pessoas, oferecendo apoio espiritual, atividades comunitárias e oportu-

tunidades de interação social. Como crença dominante no espaço, ela influencia valores, práticas e relações sociais, além de ter possíveis impactos na cultura local e na economia. Durante a visita a cozinha, por exemplo, foi observado que uma das voluntárias não remuneradas que auxiliavam no dia era uma irmã evangélica, aparentemente bastante presente no dia a dia da cozinha. Jessica e Dona Iracema também se mostraram religiosas, comentando sobre o culto e os eventos que seguiram.

Destacamos alguns comércios que chamaram a atenção por sua localização, nome ou itens de venda.





Bar sem nome, aparentemente nos fundos uma residência. Fonte: Google Street View



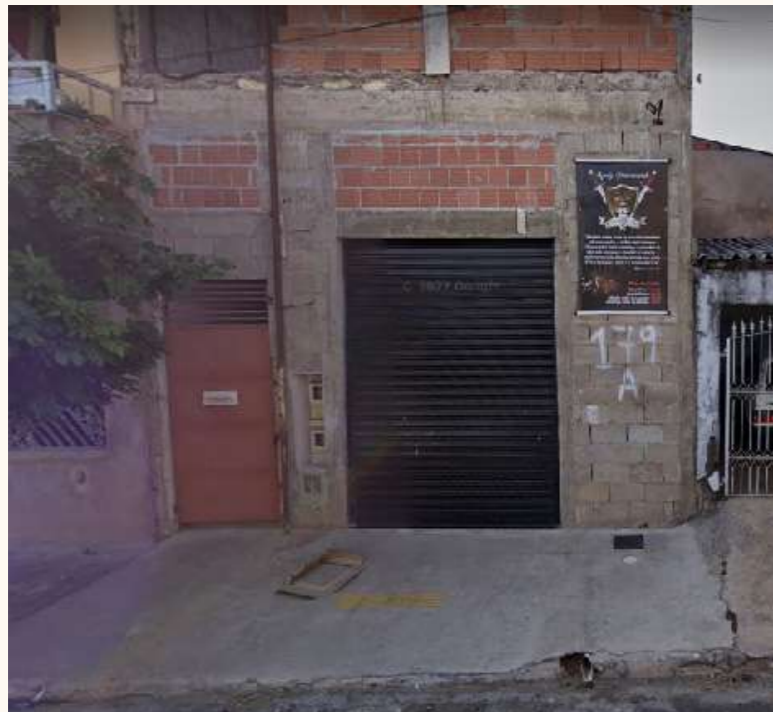
Bar dos amigos, aparentemente nos fundos uma residência. Fonte: Google Street View



Bar do Bina. Fonte: Google Street View



Quiosque da Rose. Fonte: Google Street View



Igreja Pentecostal. Fonte: Google Street View



Igreja Jesus Está Voltando. Fonte: Google Street View



Igreja evangélica sem nome. Fonte: Google Street View



Igreja Quadrangular Jesus Cristo. Fonte: Google Street View



T.J. Peixaria e Sorveteria. Fonte: Google Street View



Restaurante e padaria Kaka, Bar de jogos e Thales Pizzas. Fonte: Google Street View



Dan Pizzas. Fonte: Google Street View



Manicure e pedicure sem nome. Fonte: Google Street View



Costureira sem nome. Fonte: Google Street View



Barbearia e espetinho sem nome. Fonte: Google Street View



7. ESCOLHA DO ESPAÇO E OBJETO DE PROJETO

Vista da cozinha solidária. Fonte: ilustração da autora realizada *in locu* durante a primeira visita.

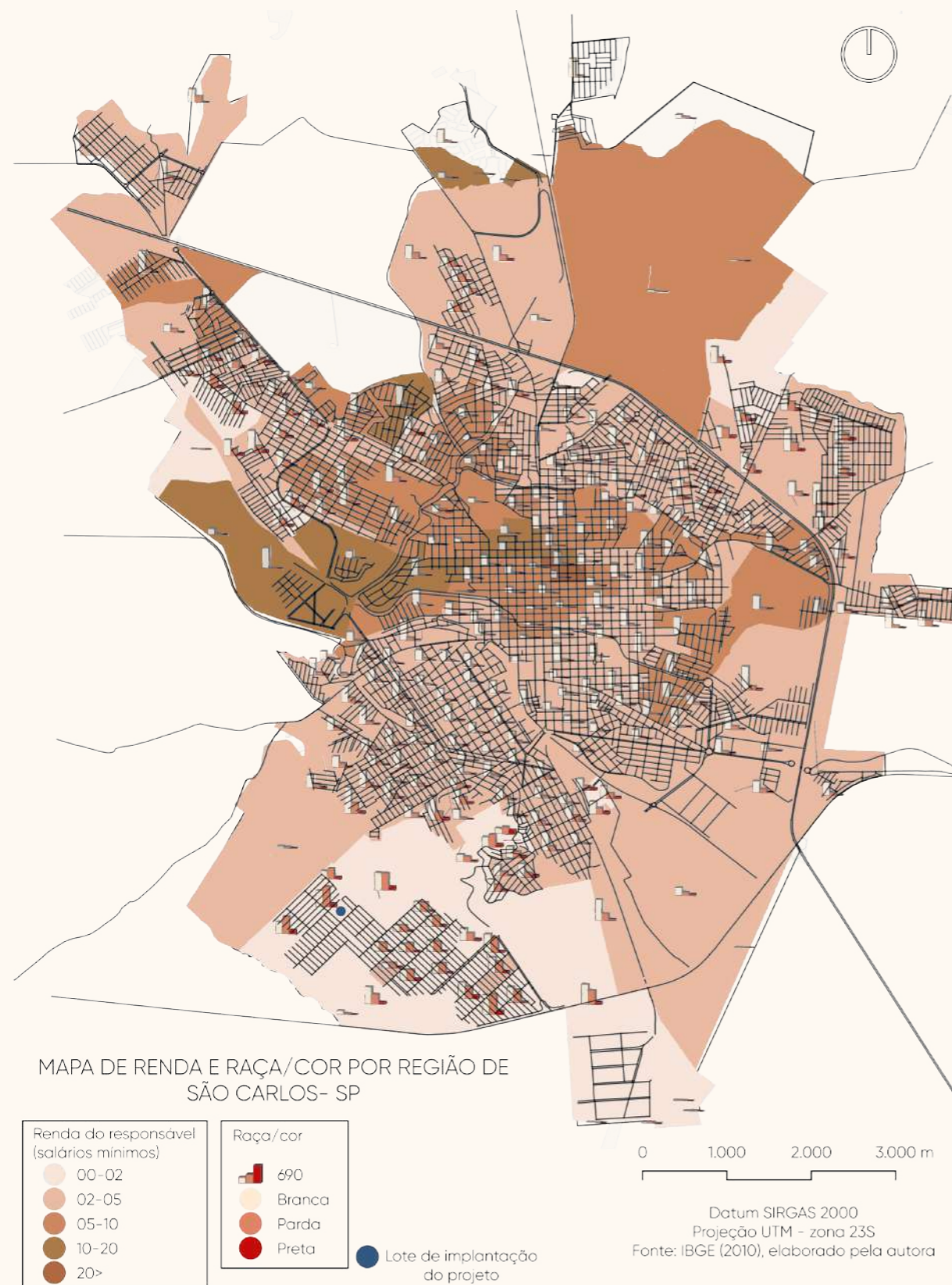
Analisando o território de São Carlos sob a perspectiva racial a partir do mapa do censo de 2010, às hipóteses iniciais da concentração dessa população na região sul se confirmam. Conforme destacado por Joana D'Arc de Oliveira (2022), a periferação da população negra na cidade é histórica. Em 1907, o censo registrou que 12,3% da população do centro urbano era composta por negros, contrastando com os bairros periféricos onde sua presença é predominante, como ressalta a autora.

Ao definir a região da cidade com que iria trabalhar passei a procurar uma área mais específica, inicialmente, já pensando em um espaço de ocupação que estivesse passando pelo processo de regularização, pois, a ideia inicial era desenvolver um projeto de habitação social no bairro. Concomitantemente, por interesse na temática, passei a cursar uma optativa sobre regularização fundiária oferecida no IAU-USP pelo Prof. Marcel Fantin, que vem colaborando significativamente com minhas intenções para o TGI, tendo em vista, que as aulas e atividades me levaram exatamente ao espaço que almejava intervir.

A primeira visita ao local foi durante a optativa, juntamente com os alunos da disciplina e o grupo Maitá, responsável por dar assistência técnica a ocupação no bairro Cidade Aracy. Durante a visita pude aprender muito sobre o bairro e os espaços das ocupações "Em Busca de um Sonho" e "Em Busca de Moradia", as quais estão localizadas próximas uma à outra. Algumas mulheres, moradoras e líderes das ocupações, conversaram conosco explicando a dinâmica e organização do movimento.

Nesse primeiro momento me saltou aos olhos a cozinha solidária, espaço onde estávamos conversando, e que se apresentava como um espaço multifuncional que excedia as funções de uma cozinha. Ao descrever o espaço, Jessica (líder da ocupação Em Busca de Um Sonho, moradora e cozinheira) destacou a importância daquele local na sua educação política, pois foi ali que aprendeu sobre seus direitos, inclusive o de moradia, mostrando-se consciente de que a ocupação está lutando por direitos previstos na constituição com relação à moradia digna, acesso a saúde, educação e alimentação.

Durante a visita, escolhi a área em que interviria e o meu objeto projetual: a Ocupação Em Busca de Um Sonho e a Cozinha Solidária. Embora a intenção inicial fosse desenvolver um projeto de habitação social, a visita mostrou que essa não era a necessidade real da comunidade naquele momento. O trabalho em parceria com o Grupo Maitá, que



presta assessoria técnica para regularização fundiária da ocupação, resultou em um projeto de habitação desenvolvido a partir das necessidades dos moradores e da faixa de renda em que se encontram. Em contrapartida, a Cozinha Solidária, que é um ponto de encontro na comunidade, é pequena e construída de forma provisória, acumulando diversas funções em 56,25 m².

O que me chamou a atenção foi o fato de que essa cozinha é mais do que um espaço que garante a segurança alimentar na região. A partir das descrições das moradoras sobre o que acontecia naquele espaço, ficou evidente que ele desempenha outras funções, como ser um local de encontro, de educação e de construção de comunidade.

Com base nas leituras do espaço, ficou claro que o projeto da cozinha solidária tinha potencial para ir além de suas funções iniciais. Isso levou à expansão do projeto para incluir um centro comunitário, aproveitando a área comum da ocupação Em Busca de Um Sonho, uma vez que o terreno da cozinha tinha limitações para intervenções adicionais. Ao estender o projeto para as áreas verdes comuns, o programa se expandiu para abranger intervenções em espaços não construídos.

Além disso, ao analisar o eixo dos equipamentos próximos e buscar formas de conectá-los ao projeto, ficou evidente que os espaços verdes ociosos nos quarteirões vizinhos poderiam ser utilizados para criar uma ligação entre os pontos, permitindo que os diferentes equipamentos se comunicassem entre si.

Dessa forma, o projeto evoluiu de ser apenas uma cozinha solidária para se tornar também um centro cultural e um sistema de espaços livres interconectados. Essa abordagem ampliada permitirá que as pessoas desfrutem não apenas de refeições comunitárias, mas também de atividades culturais e de lazer, promovendo a interação e a integração entre os moradores e usuários dos espaços.



Residência da ocupação Em Busca de Um Sonho. Fonte: fotografia da autora.



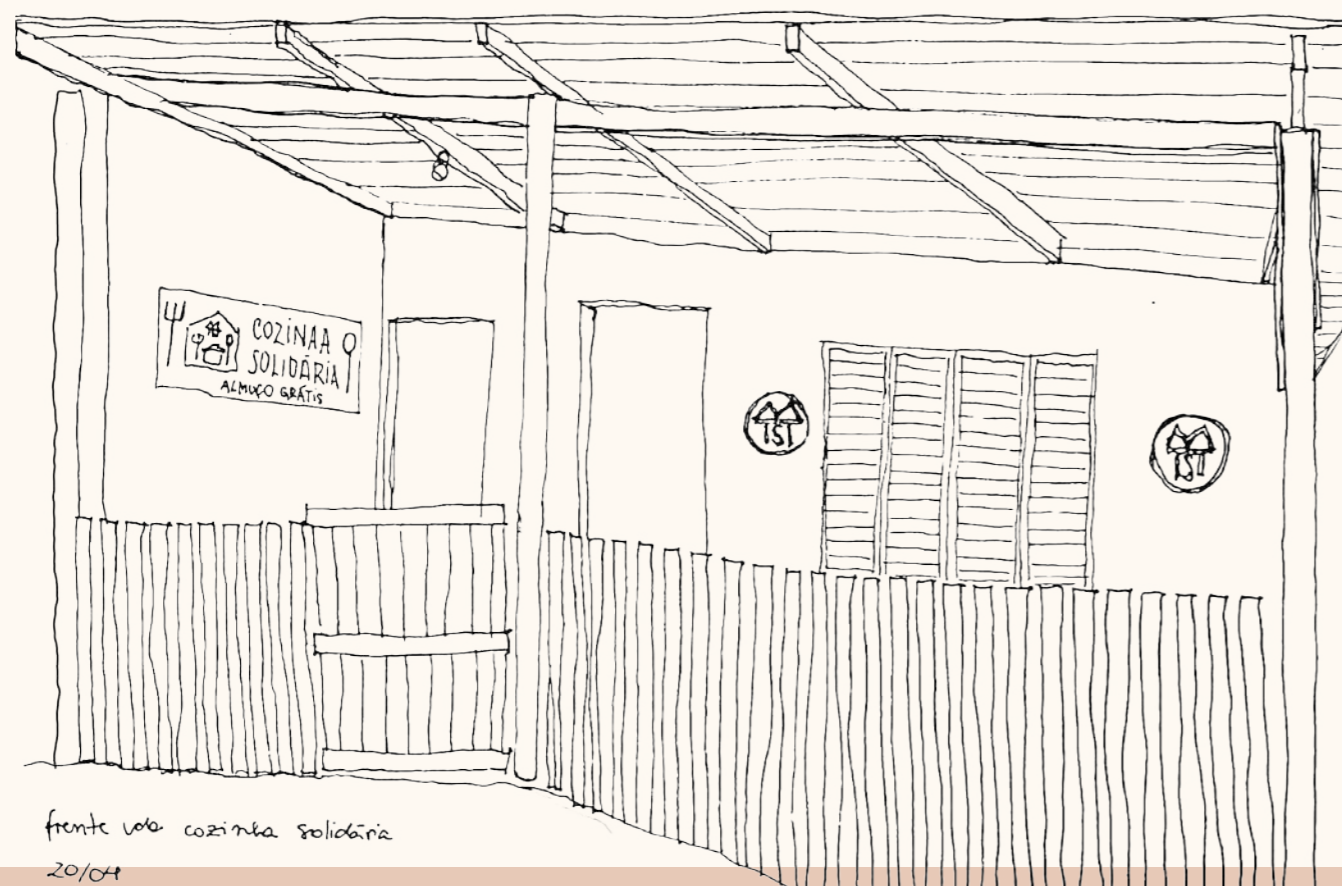
Residência da ocupação Em Busca de Um Sonho. Fonte: fotografia da autora.



Residência da ocupação Em Busca de Um Sonho. Fonte: fotografia da autora.



Cozinha Solidária da ocupação Em Busca de Um Sonho. Fonte: fotografia da autora.



8. COZINHA SOLIDÁRIA: MAIS QUE COMIDA

A Cozinha Solidária é um projeto do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MTST), criado em 2021, período em que muitas famílias ficaram em situação de insegurança alimentar, especialmente nas periferias brasileiras. O projeto foi iniciado com 16 cozinhas e, atualmente, já conta com mais de 30 unidades espalhadas pelo Brasil. O financiamento é coletivo e conta com doações feitas por meio das redes do MTST. A construção das cozinhas é realizada por meio de mutirões que mobilizam a comunidade.

Como as líderes relataram durante a visita, muitas famílias ficaram em estado de insegurança alimentar durante a pandemia, principalmente na ocupação e imediações do bairro, em consequência ao crescente número de pessoas desempregadas, e portanto, sem condições de garantir alimentação adequada a si e seus familiares, desse modo, a cozinha se mostra como essencial para a comunidade e o bairro, pois garante, pelo menos uma refeição por dia a muitas pessoas (e por vezes a única).

Além da sua função social mais óbvia, promover segurança alimentar na região, também possibilita o letramento dos moradores em torno de seus direitos, levando-os a questionamentos e reivindicações, como por exemplo, em relação ao atendimento na USF (Unidade de Saúde da Família) que estava sendo negado às famílias da ocupação por não possuírem comprovante de endereço, desse modo as mulheres nos relataram que se reuniram na cozinha solidária para se manifestarem em frente a USF, o que teve resultado positivo, visto que hoje são atendidos sem nenhuma restrição.

A cozinha também foi apontada como local para ministrar cursos para a comunidade, o que já ocorreu algumas vezes, demonstrando seu potencial educacional. Além disso, durante a segunda visita (será descrita no próximo tópico), houve menções a um projeto de educação para adultos, que ainda não tinha local exato para acontecer, mas se mostrava necessário dentro da comunidade que possui muitas pessoas não alfabetizadas.

As Cozinhas Solidárias também são locais de luta, resistência, apoio e cultura para a população periférica.

Os espaços recebem mutirões de apoio jurídico coletivo e individual, cines-debate, rodas de conversa com gestantes, oficinas culturais, cursos, reforço escolar para crianças e alfabetização de jovens e adultos.

A fim de contribuir para a soberania alimentar na periferia, as cozinhas promovem

o cultivo de hortas urbanas comunitárias nas proximidades para fornecerem alimentos para as próprias cozinhas e, sempre que possível, para doação às comunidades próximas.

(site de apresentação do projeto Cozinha Solidária <<https://www.cozinhasolidaria.com/o-projeto/>>)

COZINHA SOLIDÁRIA: O PULSAR DA COMUNIDADE

A segunda visita a campo aconteceu sob uma perspectiva diferente, dessa vez retornei sozinha ao local como voluntária para o preparo de uma refeição, assim, pude compreender as dinâmicas em torno da cozinha sob outra ótica, mais próxima das pessoas que ocupam o lugar. Para que pudesse parecer mais receptiva optei por ir sem um caderno para anotações, instrumentalizando aspectos da metodologia observação participante, me dediquei a perceber o espaço a partir dos mais variados sentidos. Minhas leituras e impressões foram registradas assim que retornei para casa e complementadas sempre que me recordava de algo.

A experiência proporcionada pela observação participante me mostrou outras funções do espaço, além dos que já havia percebido a partir das falas das moradoras. O movimento de pessoas no ambiente é constante, agitado e emana uma energia que é difícil retratar em palavras, mas tentarei descrever.

Ao chegar à cozinha às nove horas da manhã fui recebida por Dona Iracema (outra voluntária que trabalha na cozinha, uma senhora de 50 e poucos anos, aparentemente), que já havia iniciado o preparo do almoço pelo arroz (são feitos dez quilos por dia), me dando a função de cortar as calabresas, mistura servida no dia, me instruindo a apoiar a tábua na mesa que fica no centro da cozinha e me passando uma meia faca, (sim, metade de uma faca, segundo ela a melhor da cozinha) e um pote para colocar os 5 quilos de calabresas picadas.

Enquanto começava a atividade, Jessica, cozinheira e líder, chegou e prontamente passou a me ajudar tirando a pele das calabresas, enquanto conversava e perguntava sobre mim e o projeto, falava sobre as crianças, a gravidez e atualizava Dona Iracema sobre as últimas notícias do bairro, tudo junto e misturado. Ao finalizar o corte das calabresas demos uma pausa, enquanto a água para o macarrão esquentava, considerando que

apenas duas bocas do fogão funcionam bem, portanto, não tinha como adiantar outra parte da refeição.

Nesse momento, já havia passado algumas pessoas pela cozinha que geralmente paravam, conversavam com Jessica e Dona Iracema, às vezes olhavam as caixas de doação e iam embora, esse movimento era constante na varanda da cozinha, por vezes alguém achava uma roupa que lembrasse da Jessica ou as crianças e iam separando pra ela, ou alguma outra peça de roupa.

Nessa pausa, Jessica e Dona Iracema passaram a olhar as caixas de doação juntas, comentando sobre os achados e outros assuntos concomitantemente, nesse tempo, Dona Iracema me pede para separar alguns DVDs que foram doados mas tinham conteúdo adultos, alegando que as crianças tinham acesso às caixas e por isso não podiam ficar ali. Separaram algumas roupas e voltaram para cozinha quando o arroz ficou pronto, chamando um dos vizinhos homens (que ajuda regularmente na cozinha) para tirar a panela do fogão, já que esta é muito pesada para as duas mulheres carregarem.

No momento seguinte, passaram a refogar as calabresas, o alho e a cebola para o molho de tomate que acompanharia o macarrão, enquanto isso, uma das moradoras que cuida da horta ao lado da cozinha me chamou para conhecer o espaço em que ela está cultivando, me mostrou cada canteiro e seus futuros canteiros, ainda que no início parece muito engajada com o projeto e tem conhecimento de cultivo de alimentos básicos. Os restos de comida não temperada da cozinha são compostados no chão e enriquecem a terra arenosa do local, criando base para os canteiros futuros. Com muita empolgação relata que já deu entrada na prefeitura para poder cultivar no espaço de terreno vazio que tem entre as duas escolas, ou seja, tem objetivos de expandir a horta, que funcionaria como fonte de alimentos para a cozinha.

Perto das 11 horas da manhã uma fila começa a se formar na calçada do outro lado da rua da cozinha, pessoas que já chegaram com seus potes para garantir a refeição, servida perto do meio dia, geralmente.

Dentro da cozinha sou convidada a almoçar, a comida já está pronta e as cozinheiras, quando conseguem, comem antes de servir ao restante das pessoas. Nesse momento, já somos quatro, uma outra senhora (não me lembro o nome mas se apresentou como

missionária evangélica, "irmã") também chegou para ajudar no preparo, e como as cozinheiras relataram, ela costuma ajudar com certa frequência na cozinha.

Após comerem, elas organizam todas as panelas na mesa ao lado da janela, colocam o arroz, o macarrão e a calabresa com batata. As senhas são então distribuídas e a fila começa a passar pela janela, de onde elas servem um a um. Dona Iracema serve o arroz, a irmã o macarrão e eu a calabresa, sempre atentas a quantidade de alimentos ofertada a cada um, para que todos da fila pudessem comer.

Dentre as pessoas que recebem alimentação, há trabalhadores, moradores de rua, mães, pais, crianças, adolescentes e jovens, um a um, as vezes pegando comida para mais de um, que não podia estar fisicamente ali, ou pedindo um pouco mais de comida para o jantar, algumas pessoas pegaram e foram se alimentar em outro lugar, outras atravessavam a rua e sentaram no meio fio, poucas comeram na mesa da varanda.

Todas as senhas foram distribuídas e não sobrou praticamente nada de comida, apenas um pouco de macarrão, que foi direto para o balde de lavagem, destinado ao vizinho de baixo que cria porcos.

Com as panelas vazias, as cozinheiras passam a fazer a limpeza da cozinha, lavar as panelas e talheres utilizados. Dona Iracema começa a lavar todo espaço, do interior à varanda do lado de fora. Ao terminar as mulheres se juntam na mesa de fora, uma grávida, outra com duas crianças, Dona Iracema e Jessica (também grávida), conversam sobre as últimas notícias e trocam roupinhas de bebê enquanto tomam um suco de maracujá.

Além de ser fundamental para a segurança alimentar da região, a cozinha se mostra como um ponto focal de encontro da comunidade, onde as novidades são compartilhadas e ocorrem encontros entre vizinhos e amigos. Mais do que um espaço educativo, é também um local de produção de cultura, identidade, encontros e política. Ela abrange uma variedade de atividades em um espaço enxuto, porém cheio de vida.

Dessa forma, o objetivo do projeto passou a ser a criação de espaços nos quais todas essas atividades possam ser potencializadas e ganhem palco para se desenvolverem, estabelecendo um diálogo com os indivíduos que serão os potenciais usuários do objeto arquitetônico a ser construído. Assim, a identidade do local existente poderá manifestar-se no projeto.

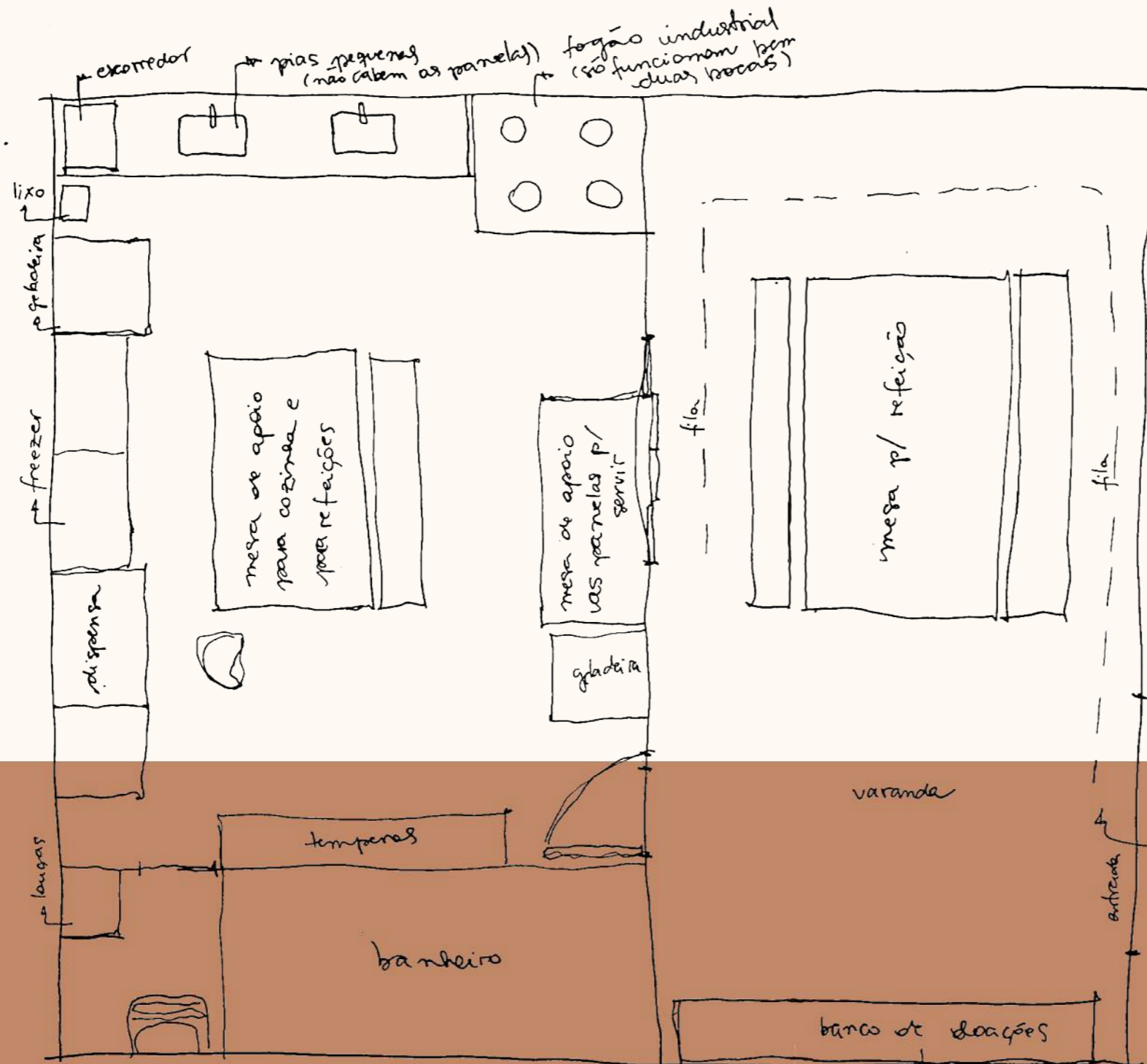
Cardápio da cozinha solidária

- Segunda: arroz, feijão, salsicha
↳ acomp.: batata, abóbora, polenta ou farofa
- Terça: arroz, feijão, frango
↳ acomp.: polenta, cenoura ou batata
- Quarta: arroz, feijão, carne de soja
↳ acomp.: cenoura, batata ou salada
- Quinta: Arroz, feijão, frango
↳ acomp.: polenta, farofa ou batata
- Sexta: arroz, macarrão, calabresa, batata
↳ acomp.: farofa ou salada

Quantidade de ingredientes por semana:

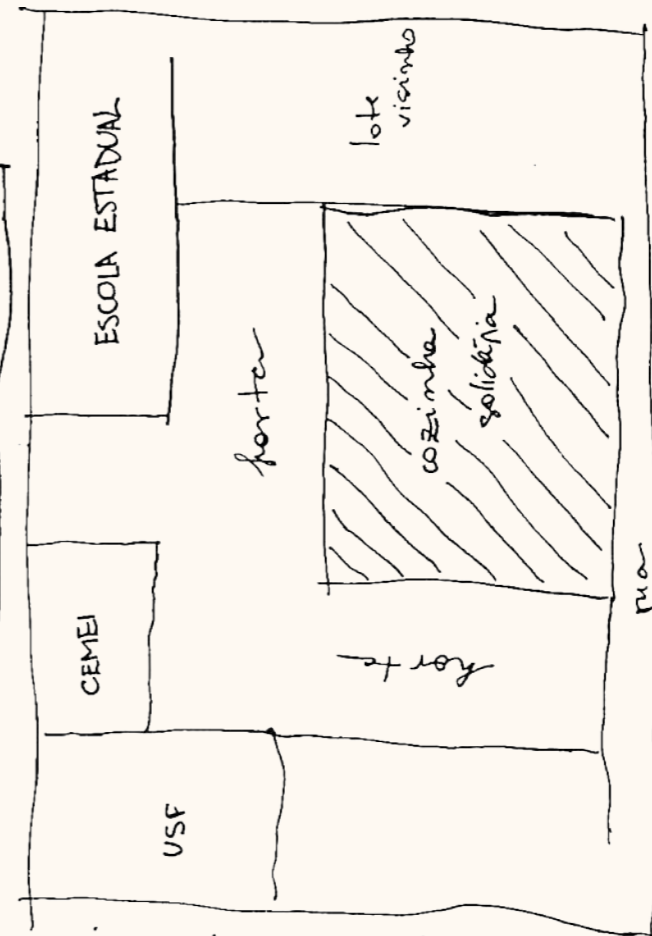
- | | |
|---------------------|--|
| ◦ 50 Kg de arroz | ◦ 5/6 Kg de soja ^{1 botijão de gás} |
| ◦ 20 Kg de feijão | ◦ 25 Kg de frango |
| ◦ 6 Kg de macarrão | ◦ 20/25 1,5 Kg de alho |
| ◦ 5 Kg de calabresa | ◦ 6 Kg de cebola |
| ◦ 5 Kg de salsicha | ◦ 4/5 litros de óleo |

Cardápio e quantidade de ingredientes utilizados na cozinha solidária. Fonte: fotografia e ilustração da autora.



planta da vizinha solidária de memória sem escala

concentram pessoas ao longo da manhã voltando as varandas



implantação no terreno sem escala



cada pessoa leva seu pote para pegar a refeição por vezes pegam por duas pessoas para levar (a outra pessoa não consegue até a cozinha)



Interior da Cozinha Solidária: pias, freezers e fogão industrial. Fonte: fotografia da autora.



Interior da Cozinha Solidária: despensa de secos e acesso a lavanderia. Fonte: fotografia da autora.



Varanda da Cozinha Solidária: onde a fila se organiza e as caixas de doação se concentram. Fonte: fotografia da autora.



Costas da Cozinha Solidária e horta a direita com vista da serra do Aracy ao fundo. Fonte: fotografia da autora.



Vista da Serra do Aracy da horta anexa a Cozinha Solidária. Fonte: fotografia da autora.



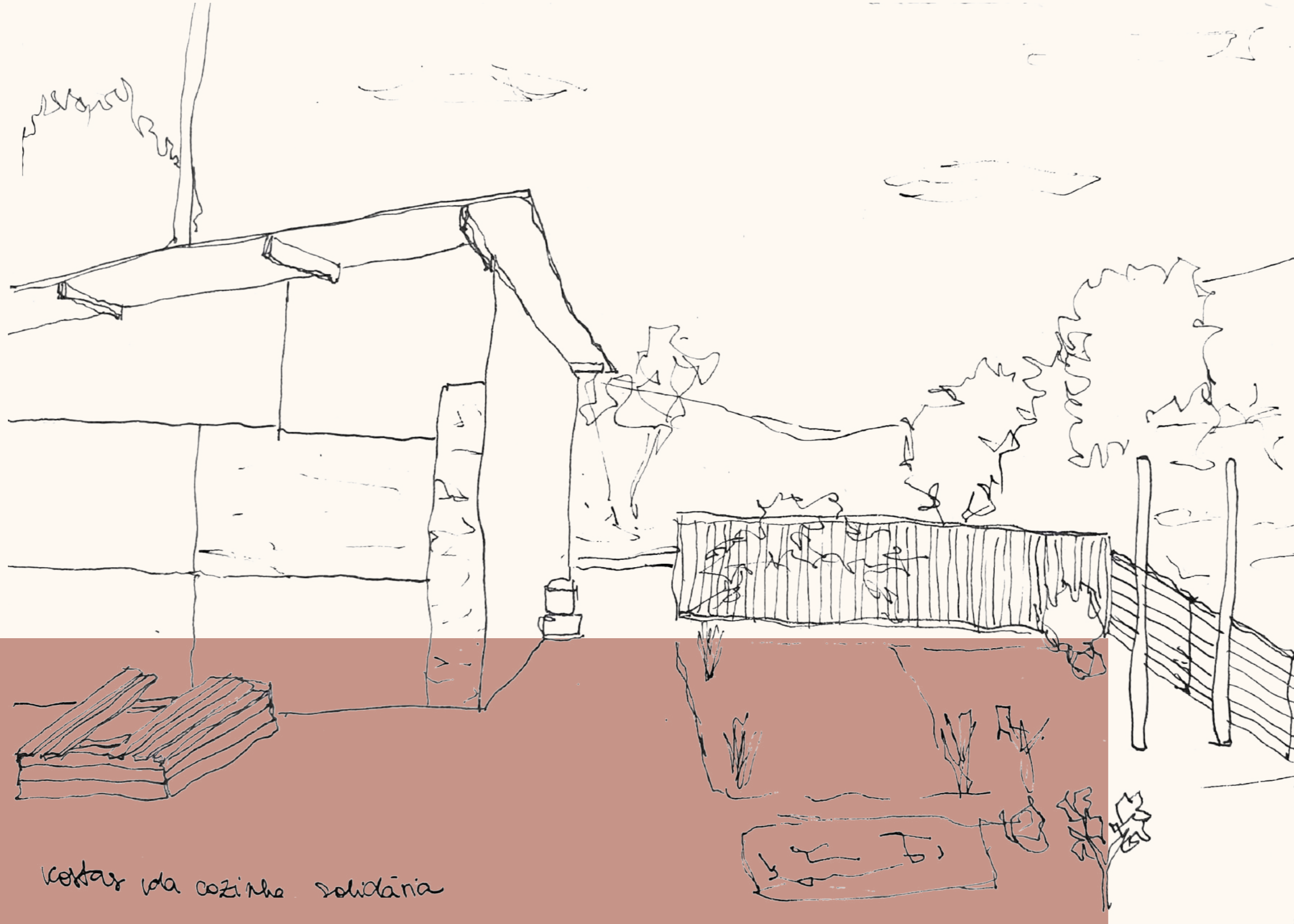
Costas da cozinha e terreno vizinho. Fonte: fotografia da autora.



Muro da escola estadual nas costas da Cozinha Solidária. Fonte: fotografia da autora.



Muro da USF e creche nas costas da Cozinha Solidária. Fonte: fotografia da autora.



Costas da cozinha solidária

9. ESTUDANDO O CONTEXTO E ESPAÇOS DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO DESENHO

percepções e resgate das preexistências do bairro

As ilustrações a seguir foram feitas pela autora a partir de fotografias extraídas do Google Street View



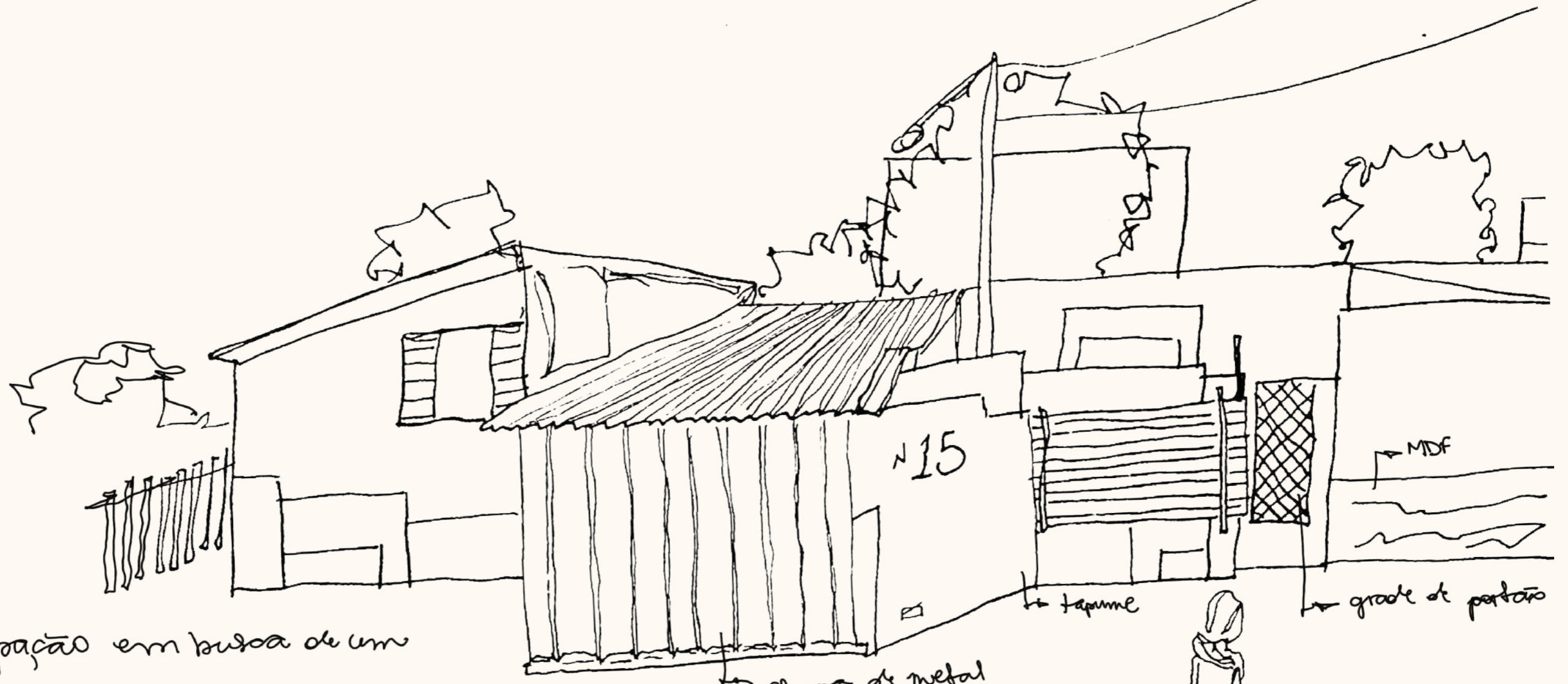
Mapa de localização das vistas ilustradas. Fonte: Google Maps e ilustração da autora.



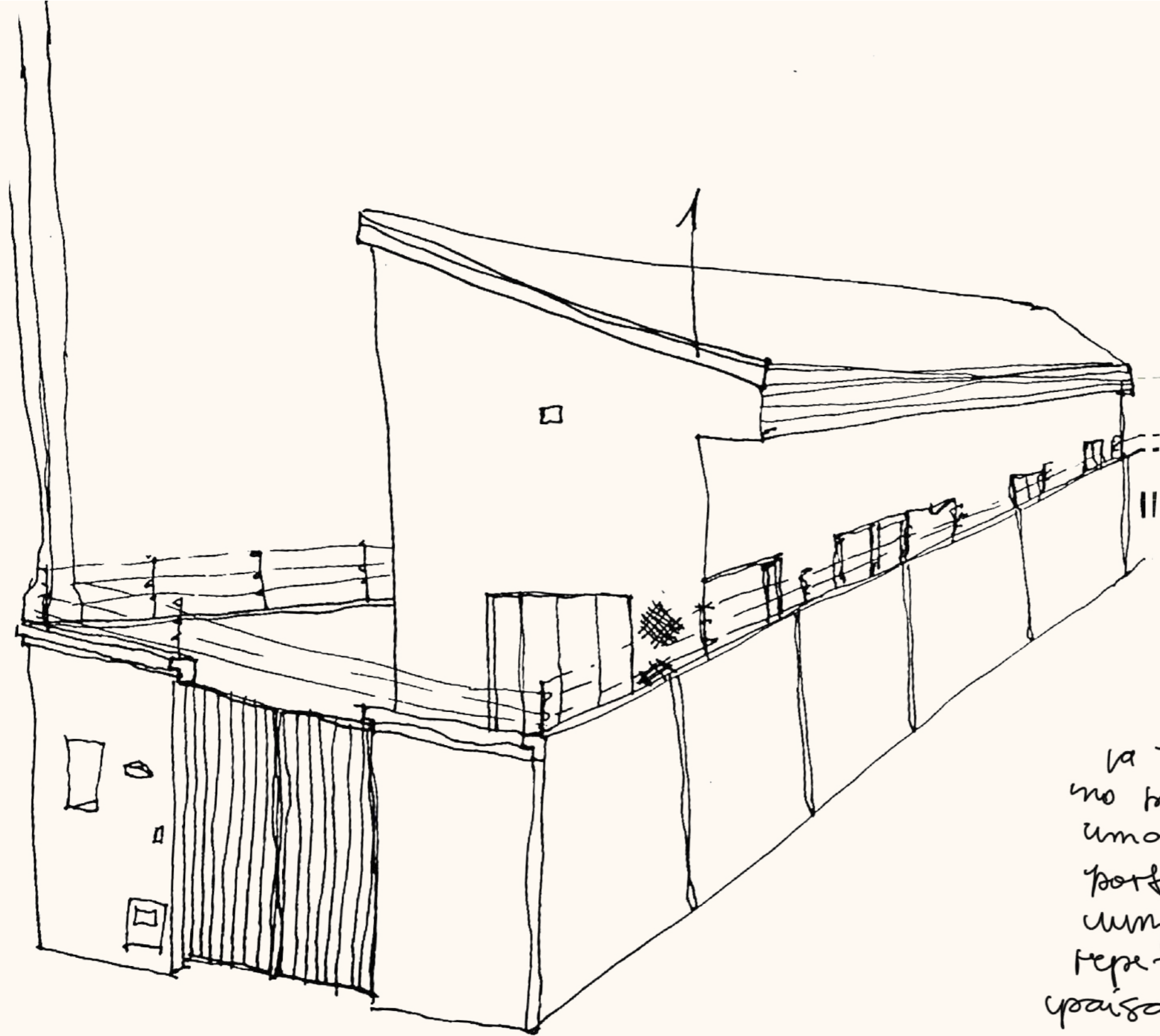
Rua cento e trinta e quatro, 146

na ocupação legal
e ilegal se comunicam
em diferentes pontos
do bairro, tornando
essa dualidade
relativamente comum.

Rua Iguarino Baldan, 23



ocupação em busca de um
sonho
as casas reutilizam materiais
de demolição, precisando por vezes
serem
substituídos ao longo do tempo



Rua prof. Nelson
Camargo Lima, 180

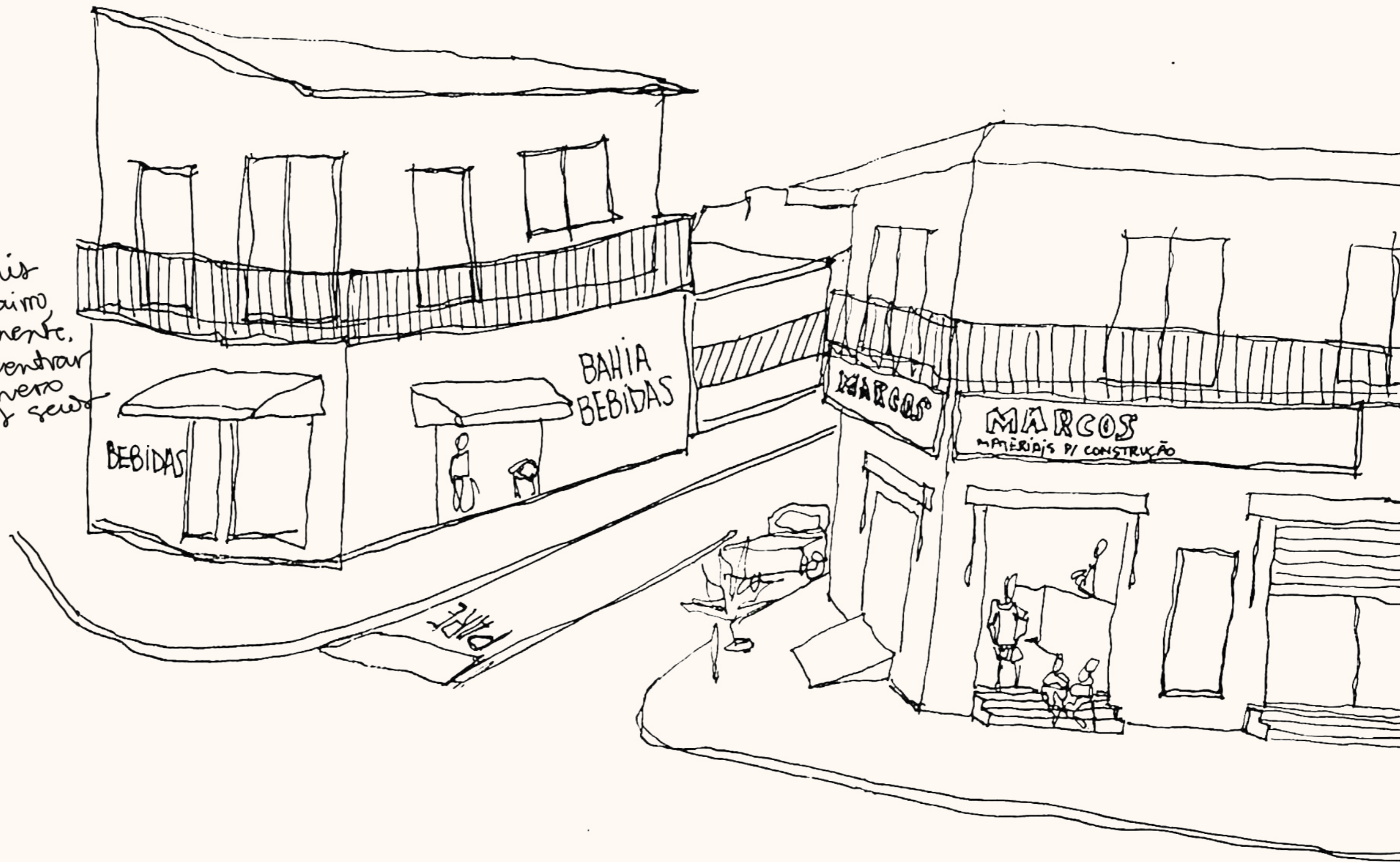
A tipologia dos terrenos
no bairro são longos, formando
uma ocupação de comprimento,
portanto o desenho retrata
uma residência que se
repete com frequência na
paisagem do bairro.



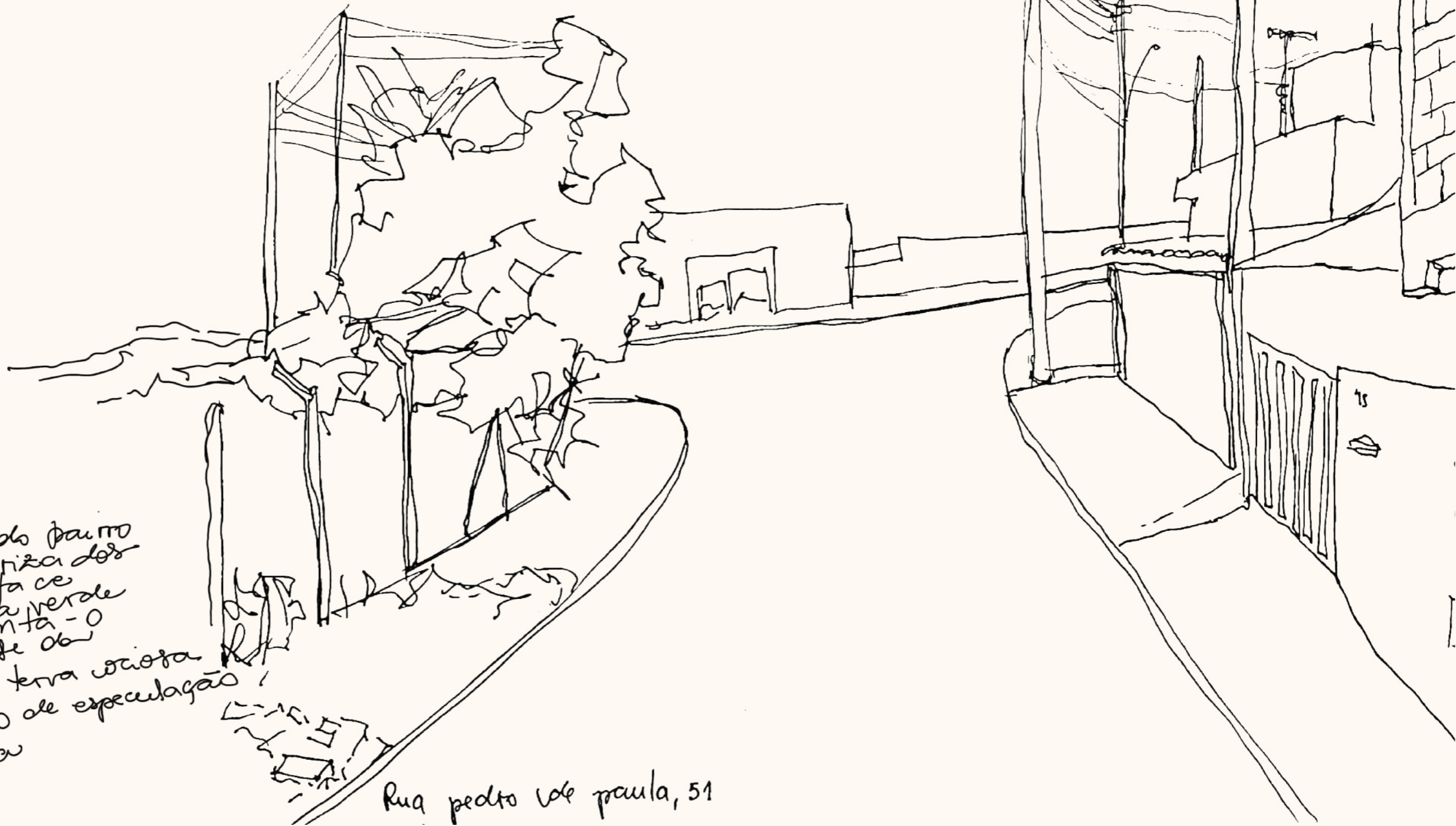
a ocupação dos calçados
no bairro se mostra
constante, em diversos
horários do
dia.

Rua José Geraldo
Machado, 1201

esquinas com
edifícios comerciais
são comuns no bairro,
variando imensamente,
costumam concentrar
um maior número
de pessoas nos seus
arredores.



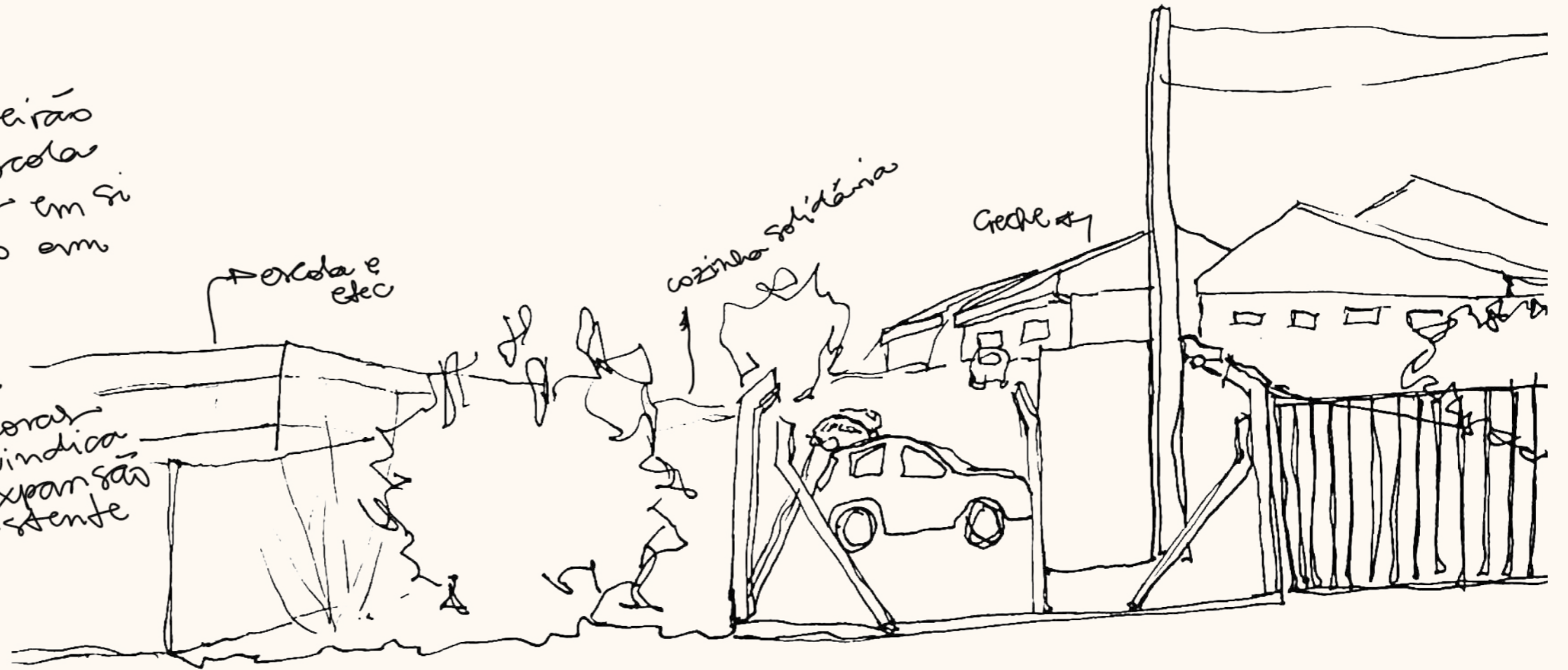
os limites do bairro
são caracterizados
pela interface
com a área verde
que fragmenta o
tudo restante da
cidade, terra usada
no processo de especulação
imobiliária



Rua Pedro Lot Paula, 51

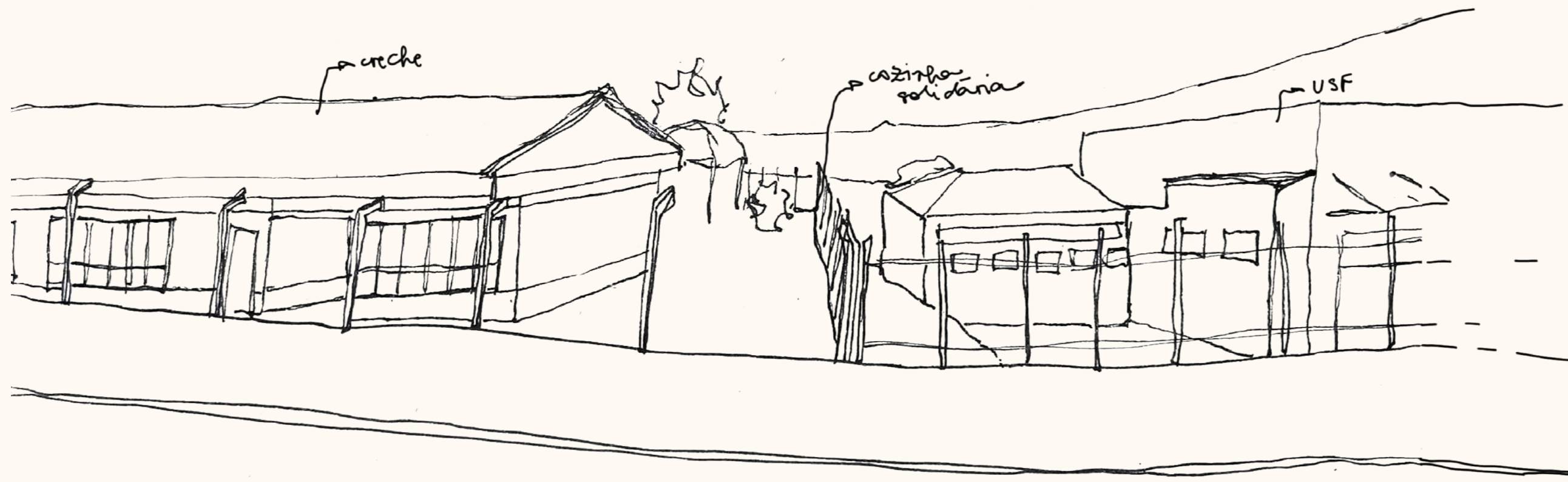
No mesmo quarteirão
do projeto a escola
e creche cercadas em si
deixam um vão em
de cima

Isso atualmente
uma das moradores
da ocupação reivindicou
o espaço para expansão
da horta já existente
na cozinha



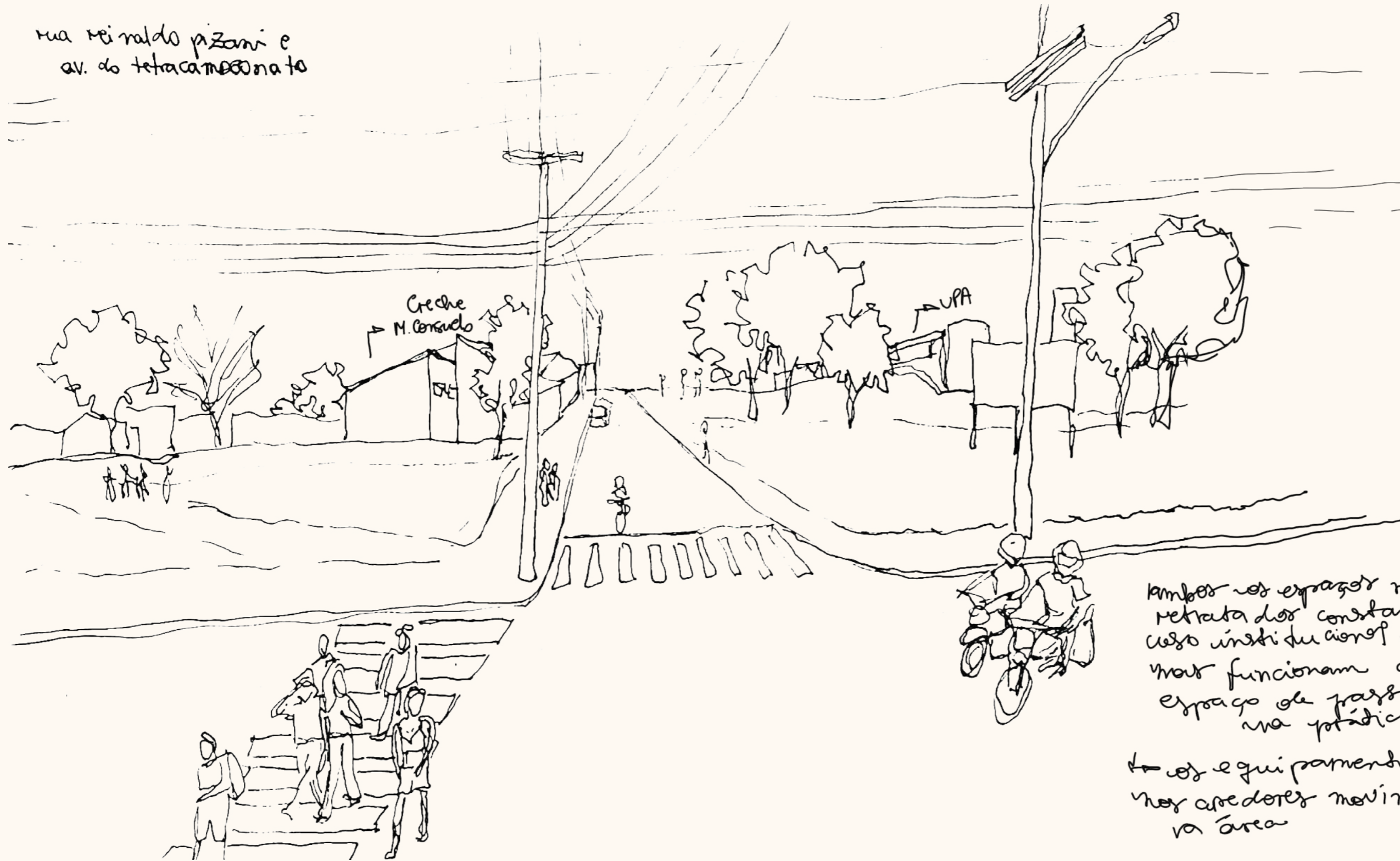
Rua Reinaldo Pizani, 59

a unidade de saúde
da família também
divide o quarteirão
com a escola



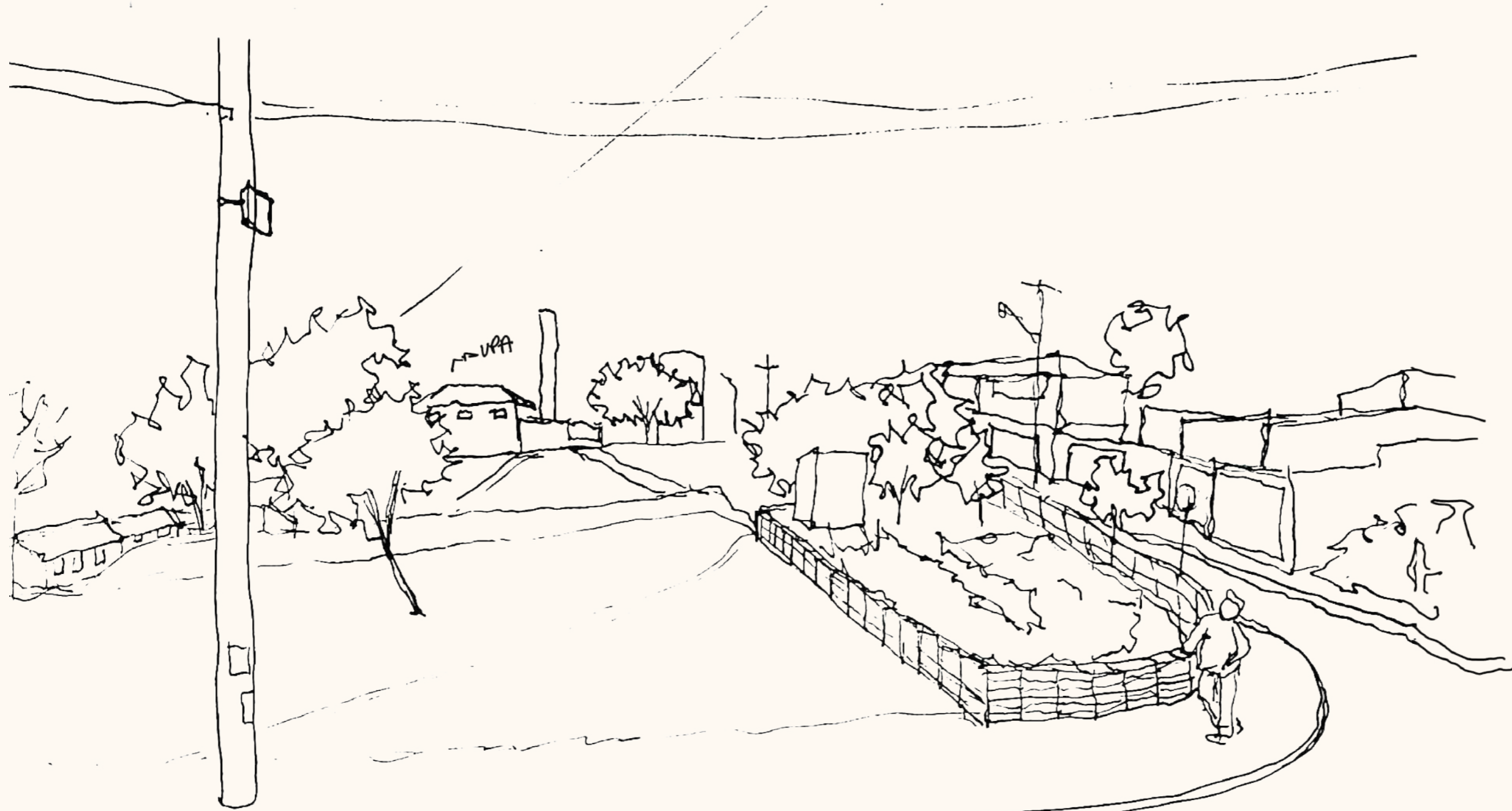
av. tetracampeonato, 499

rua Reinaldo Pizani e
av. do tetacampeonato



ambos os espaços verdes
retrata dos constam como
uso instituições no P.D.
mas funcionam como
espaço de passagem
na prática

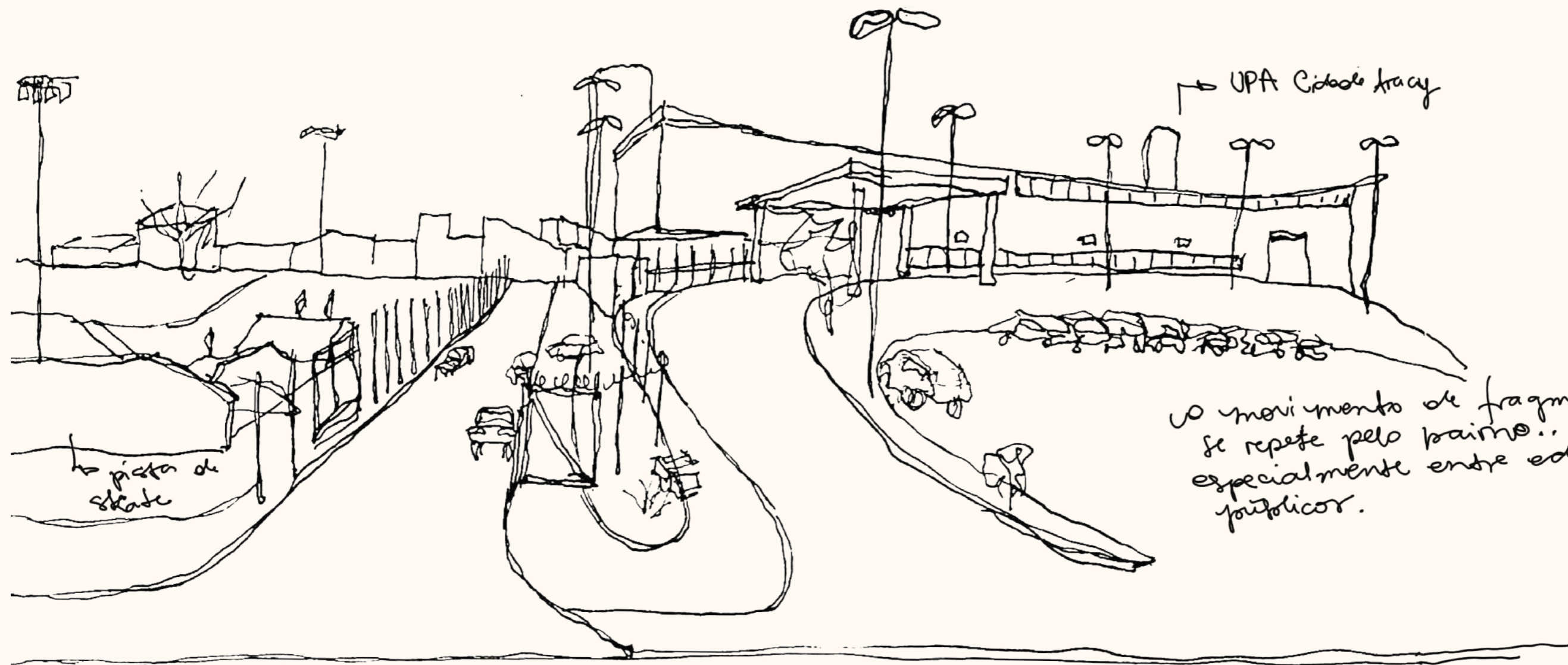
→ os equipamentos públicos
nos arredores movimentam
a área



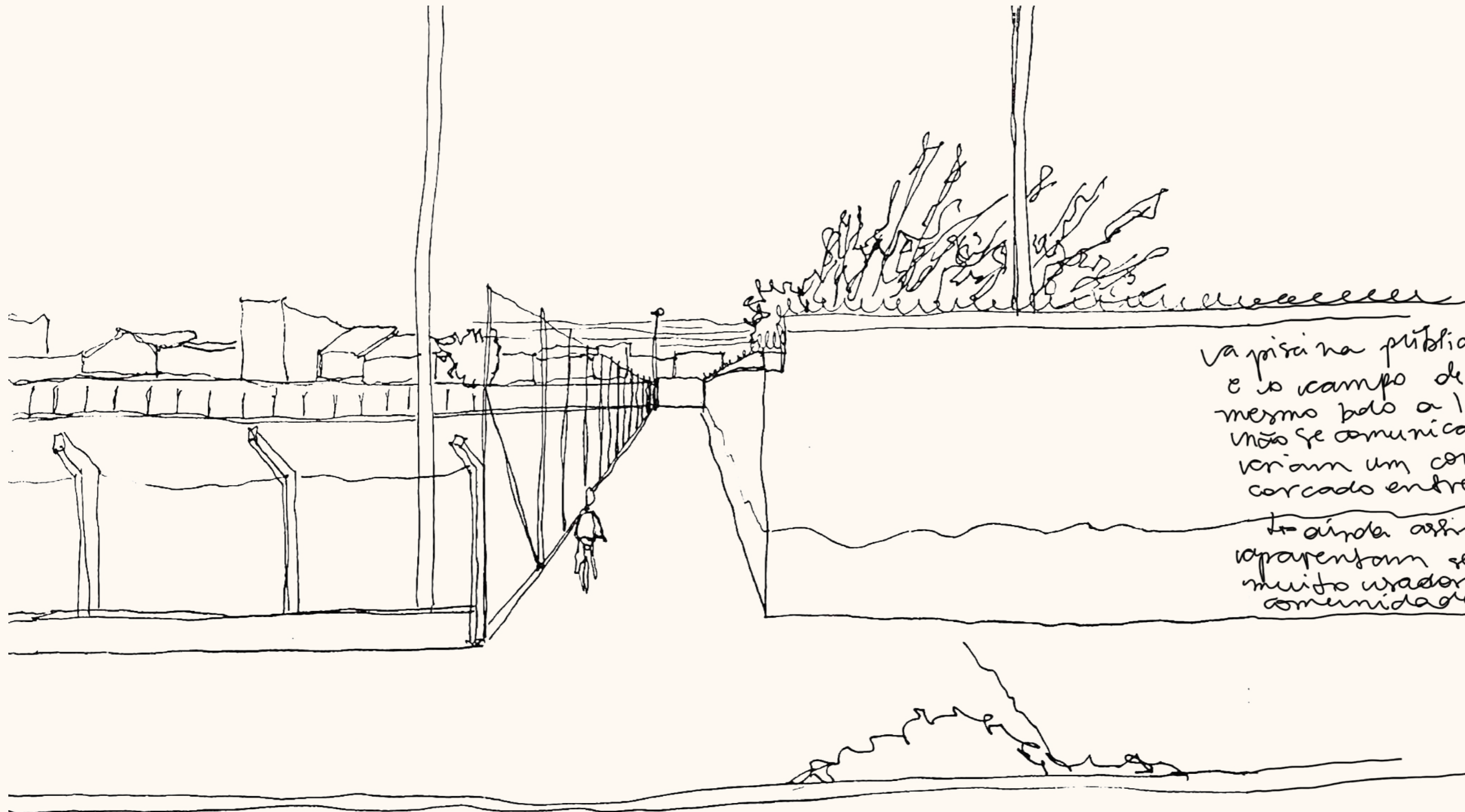
horta e praça com VPA ao fundo

No espaço verde ocioso
a ergui na se apresenta
como excessão, uma hort
ocupa o espaço,

pista de skate e UPA



o movimento de fragmentação
se repete pelo bairro...
especialmente entre edifícios
públicos.



La piscina pública
e o campo de futebol
mesmo lado a lado
não se comunicam e
veriam um corredor
corcado entre si.

to ainda assim
aparentam ser
muito usado pela
comunidade.

campo de futebol e piscina p.

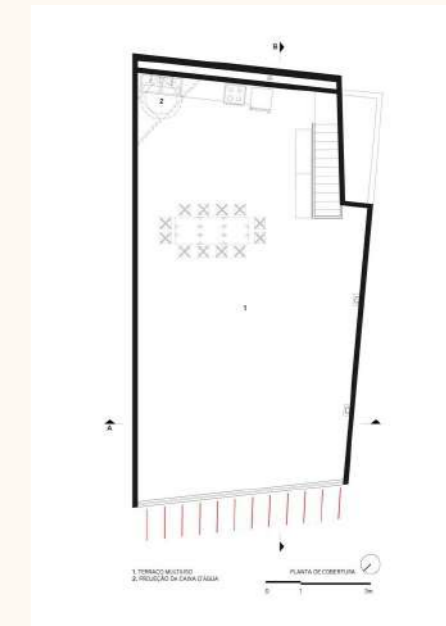
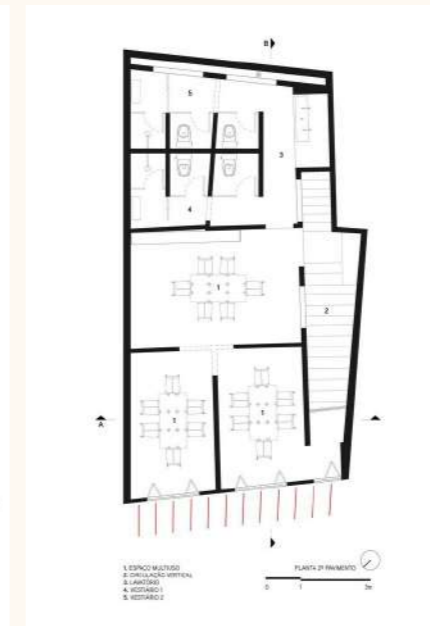
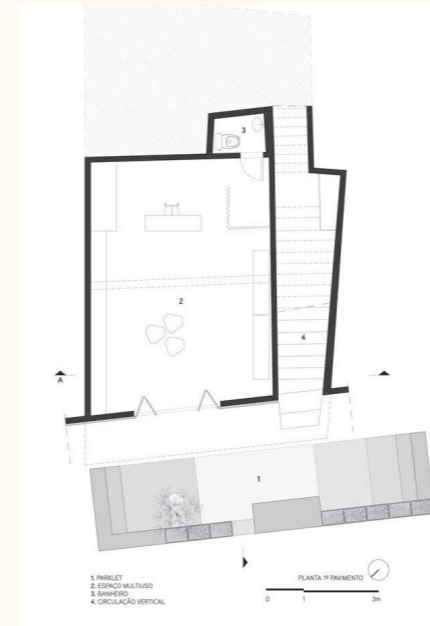
o vob assistência à juventude
Reinaldo Pizani, 30



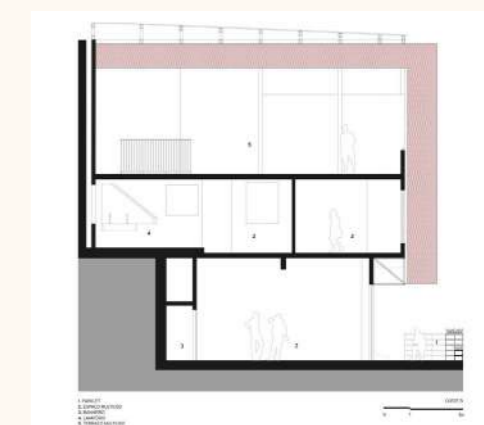
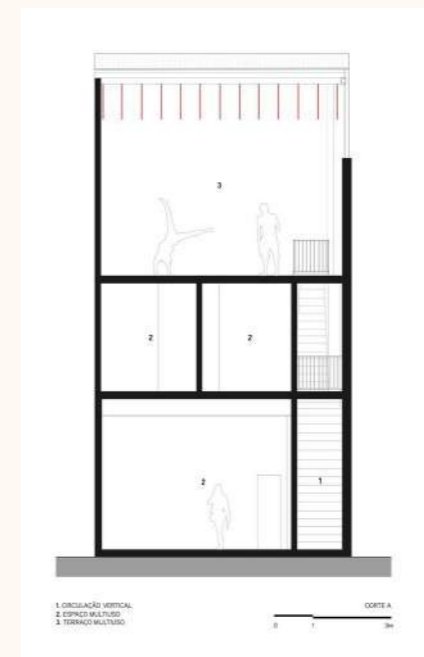
o centro de assistência
à juventude faz parte do
eixo de equipamentos de
interesse e cumpre papel
fundamental na comunidade.
Como o nome sugere atende
os jovens do bairro, ofere-
cendo atividades recreativas
no contraturno da escola.



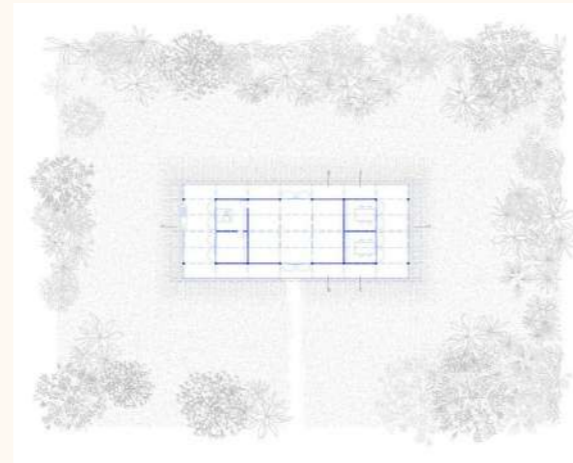
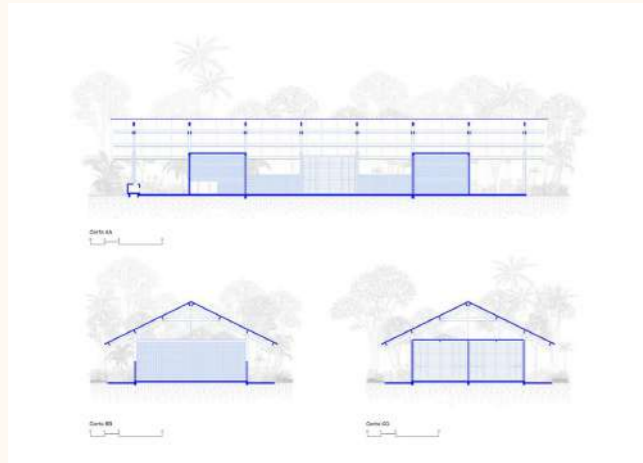
10. REFERÊNCIAS PROJETAIS



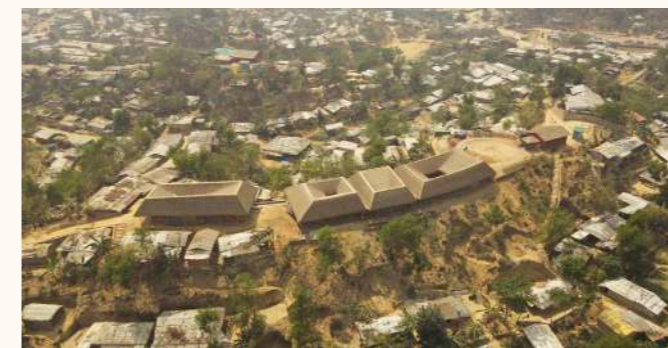
Centro Cultural em Favelinha,
Belo Horizonte
Coletivo LEVANTE
2021
194m²



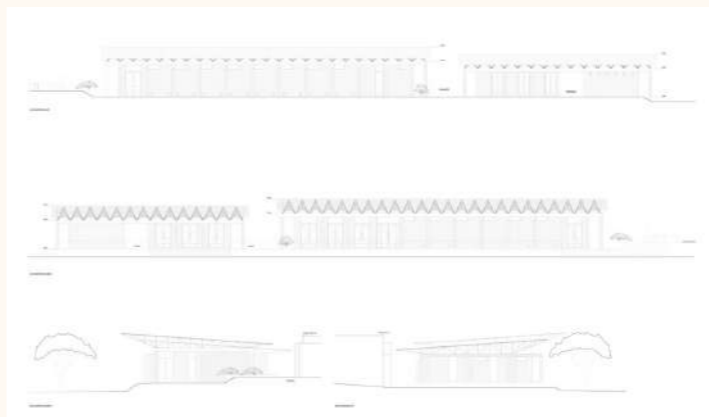
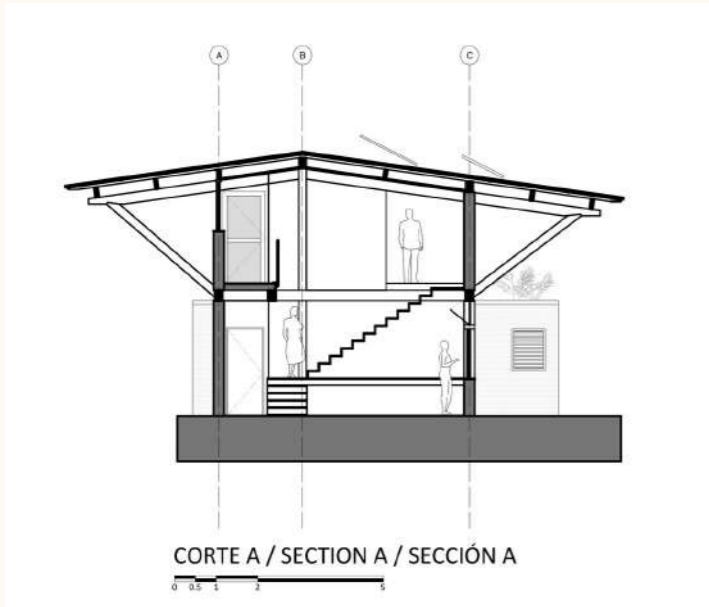
New Baris Souk Court | Hassan Fathy. Fonte: foto de Roland Unger e ilustração da autora.



Centro de Memória Cultural
Rohingya em Bangladesh
Rizvi Hassan
2022
501 m²



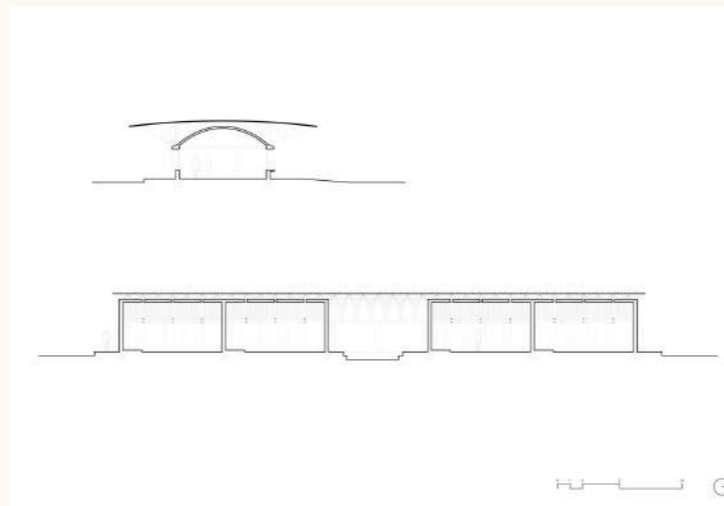
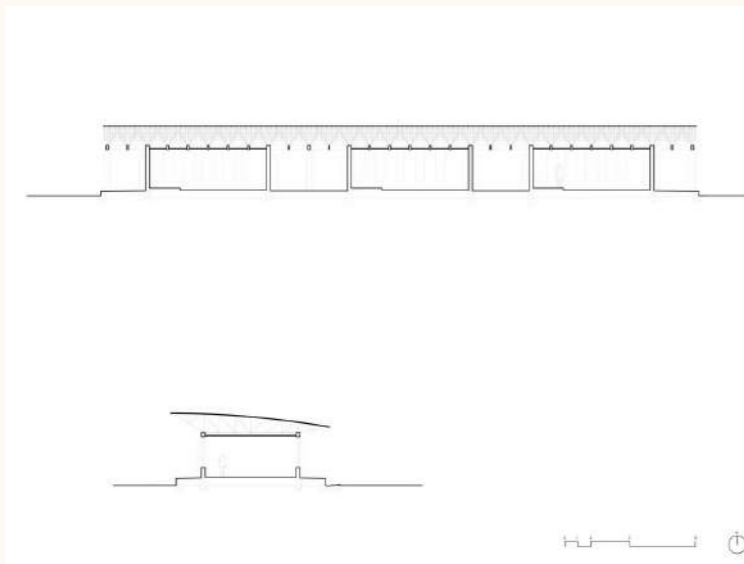
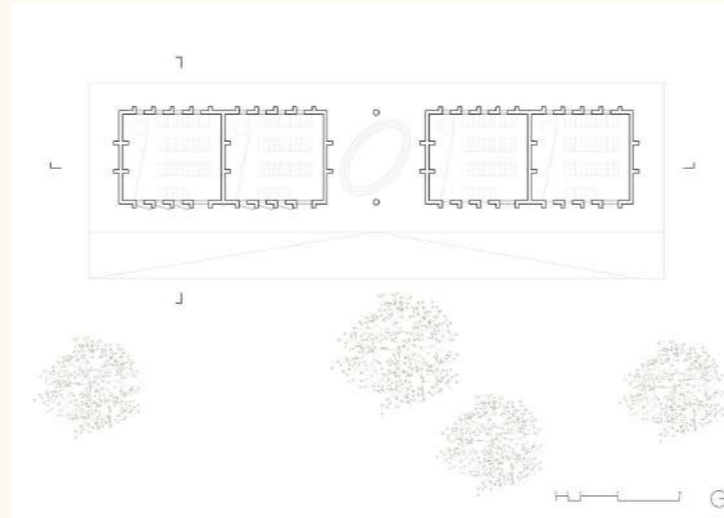
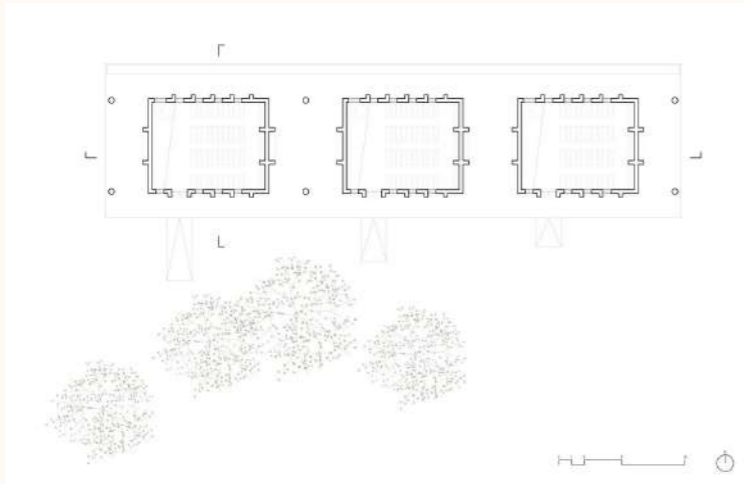
Coberturas no Xingu
Estudio Gustavo Utrabo
2019
368m²



Casa do Cerrado (Prata e Lopez)
Aline Coelho Sanches + Corato
Arquitetura
2019
540m²



Centro de Arquitetura da
Terra em Mali
Kéré Architecture
2010
480m²



Escola Primária em Gando
Kéré Architecture
2001
310m²



Ampliação da Escola Primária de Gando
Kéré Architecture
2008
308m²



11. DIRETRIZES PROJETUAIS

Após a definição das áreas de intervenção projetuais, que resultaram de uma leitura aprofundada e sistemática da região e considerando as temáticas discutidas pelo trabalho, estabelecemos diretrizes gerais que orientam o processo de projeto e embasam as escolhas e implantações a serem definidas. A criação de espaços de convivência acolhedores e convidativos é vista como ponto focal do projeto, visando promover o senso de pertencimento e identidade, de forma que a comunidade se aproprie desses locais. Além disso, buscamos aproximação dos indivíduos com a natureza, através da implantação de jardins comestíveis e sensoriais nos espaços livres, objetivando resgatar o contato com a origem dos alimentos nos espaços públicos. Essa conexão com a natureza não apenas proporciona benefícios para o bem-estar dos moradores, mas também promove a conscientização ambiental e a sustentabilidade.

Outro aspecto relevante é a integração dos equipamentos e espaços por meio de áreas livres, como praças, hortas e jardins, de modo que a circulação ocorra de forma conjunta, contribuindo para a fluidez e acessibilidade, além de incentivar a mobilidade ativa, como caminhar e andar de bicicleta, reduzindo a dependência de veículos motorizados.

A organização dos espaços de intervenção busca se estruturar em torno de um pátio, inspirando-se nas tradições de organização espacial dos kraals africanos, onde um pátio central concentra diversas atividades domésticas e também serve como espaço de socialização. A "cubata de sombra", outra estrutura tradicional, principalmente entre os Bantos, conforme mencionado por Weimer (2014), é utilizada como um local de sombra e abrigo, servindo como ponto de encontro e descanso, proporcionando um ambiente fresco e protegido do intenso calor. Essas estruturas desempenham um papel social e prático importante nas comunidades onde são encontradas, geralmente em áreas rurais.

Weimer (2014) descreve como um correlato às cubatas de sombra em cidades do Quênia uma espécie de "praça" central com uma árvore, marcando uma das principais características de convivência social.

Dentro dessa perspectiva, nosso objetivo é estruturar os elementos do projeto em torno de um pátio central.

Ao integrar esses aspectos nas diretrizes projetuais, é possível criar um ambiente

urbano mais inclusivo, sustentável e culturalmente enriquecedor. A valorização da identidade local, o estímulo ao convívio social, a conexão com a natureza e a organização espacial baseada em referências culturais são elementos-chave para promover um bairro acolhedor, vibrante e que atenda às necessidades e aspirações da comunidade.

ASPECTOS PRÁTICOS DO EXERCÍCIO DE PROJETO

COZINHA SOLIDÁRIA:

Considerando os aspectos práticos do exercício de projeto em relação à cozinha solidária, destaca-se que a vista da cozinha é deslumbrante, permitindo contemplar todo o vale e a serra que se estende em direção ao centro da cidade. No entanto, o espaço atual é bastante limitado e não possui um refeitório adequado para que as refeições sejam consumidas no local. Além disso, a falta de um espaço apropriado para as pessoas aguardarem pelo almoço é uma questão a ser solucionada.

O funcionamento da cozinha conta com duas cozinheiras fixas e a colaboração de um ou mais voluntários, no entanto, o peso das panelas é um obstáculo, sendo necessário encontrar soluções para facilitar o transporte das mesmas. Em relação às compras, essas geralmente são realizadas em grande volume para suprir as demandas mensais, o que exige um sistema eficiente de armazenamento. Dentre os itens adquiridos, destacam-se os produtos secos, como 200 kg de arroz, 80 kg de feijão, 24 kg de macarrão, 24 kg de soja, 20 litros de óleo e sal, bem como os produtos congelados, como 20 kg de calabresa, 20 kg de salsicha, 100 kg de frango, 6 kg de alho e 24 kg de cebola.

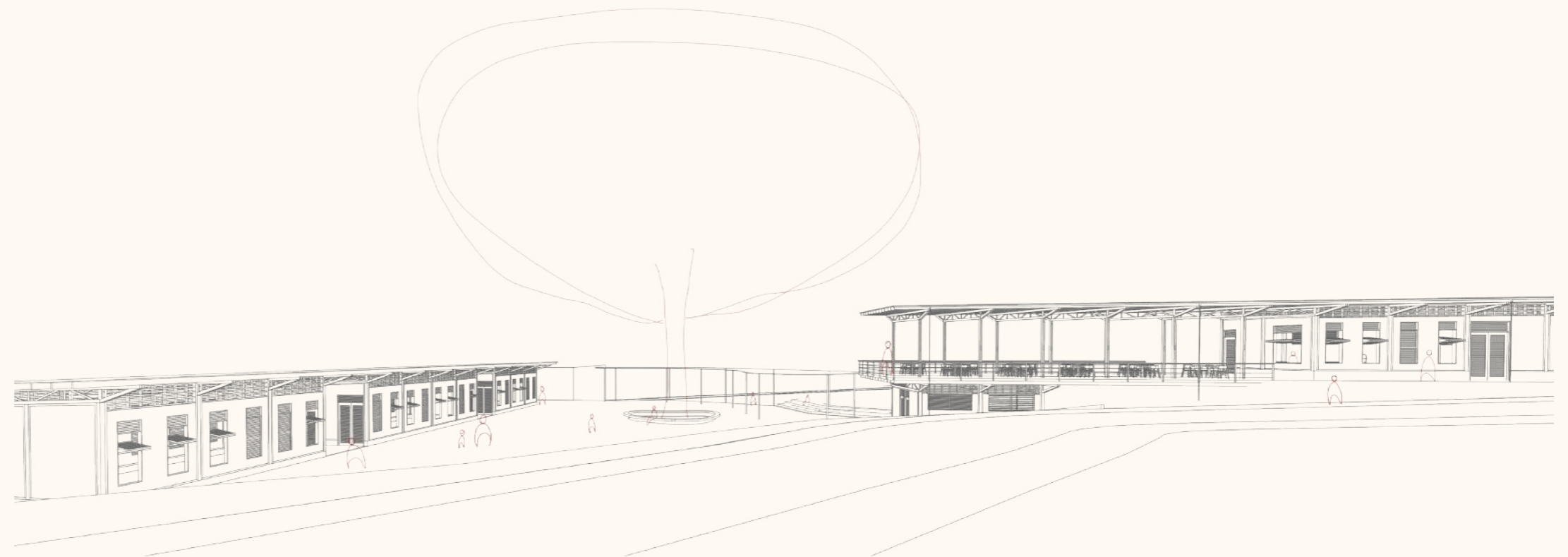
No que diz respeito ao sistema de esgoto, o atual sistema não é capaz de lidar com todos os resíduos gerados pela cozinha, gerando mau cheiro no interior. Já os resíduos sólidos são separados em três seções: os resíduos compostáveis são destinados à horta adjacente, onde são transformados em adubo para as plantas; a comida temperada é separada em um balde de lavagem que é posteriormente encaminhado ao porco do vizinho; quanto ao restante do lixo, como embalagens e recicláveis, estes são encaminhados para o sistema de coleta que passa na rua de trás, garantindo o descarte adequado e sustentável dos resíduos.

CENTRO CULTURAL

Na escolha da implantação do centro comunitário dentro da área designada como comum, foram levados em consideração diversos aspectos, sendo o principal deles a preservação da vegetação preexistente que cobre parte do terreno. O objetivo foi minimizar a remoção de árvores consolidadas, preservando assim o ambiente natural e promovendo a integração harmoniosa entre a edificação e a paisagem circundante.

Além disso, a localização do centro comunitário foi orientada pela perspectiva visual da rua existente. Buscou-se posicionar a edificação de forma a direcionar o olhar dos transeuntes para o centro do espaço, criando uma atmosfera acolhedora e convidativa. Essa abordagem contribui para valorizar a arquitetura e o propósito do centro comunitário, estabelecendo uma conexão visual e simbólica com a comunidade.

12. PROJETO



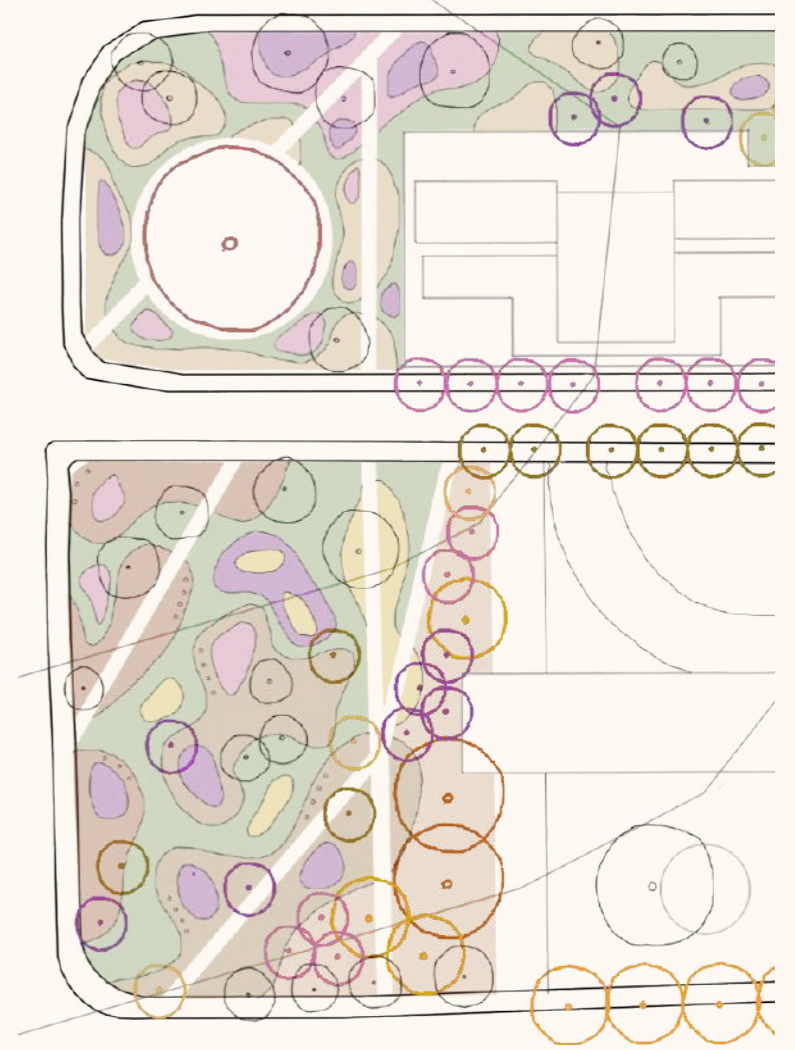
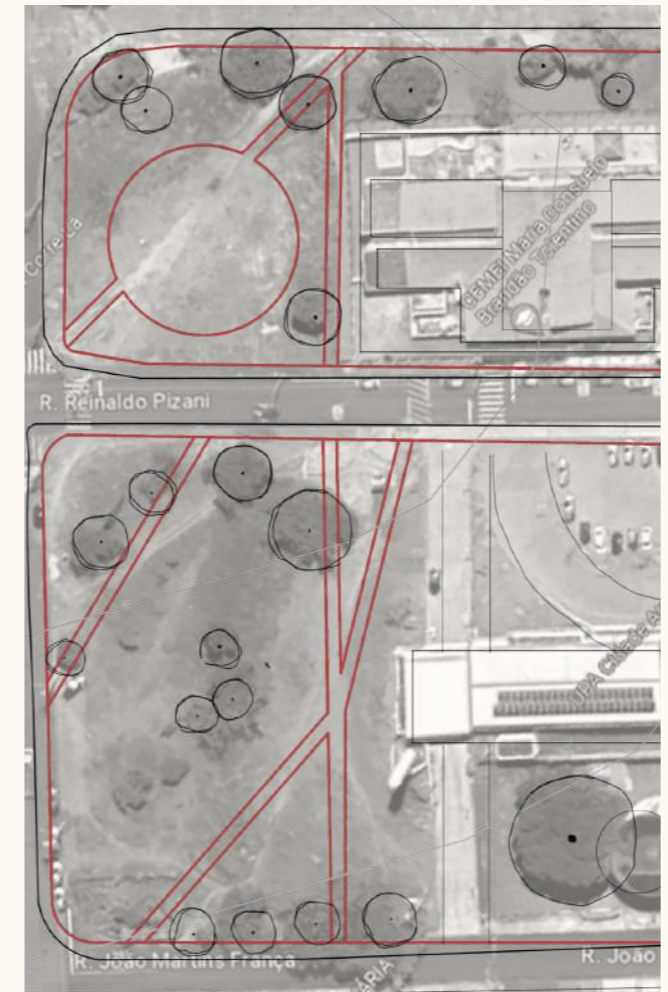
intenções projetuais



Mapa de intenções projetuais considerando as preexistências. Fonte: Google Maps e ilustração da autora.



Caminhos na terra:
 através da imagem
 de satélite é possível observar
 os caminhos marcados no
 terreno, ou seja, os mais
 utilizados
 e a partir destes faremos
 os caminhos pavimentados
 de acordo com o plano
 as intenções de visitar se
 voltam para o vale, as praças
 estão no topo do relevo, portanto
 a vista é bem bonita.
 a vegetação existente também
 foi considerada

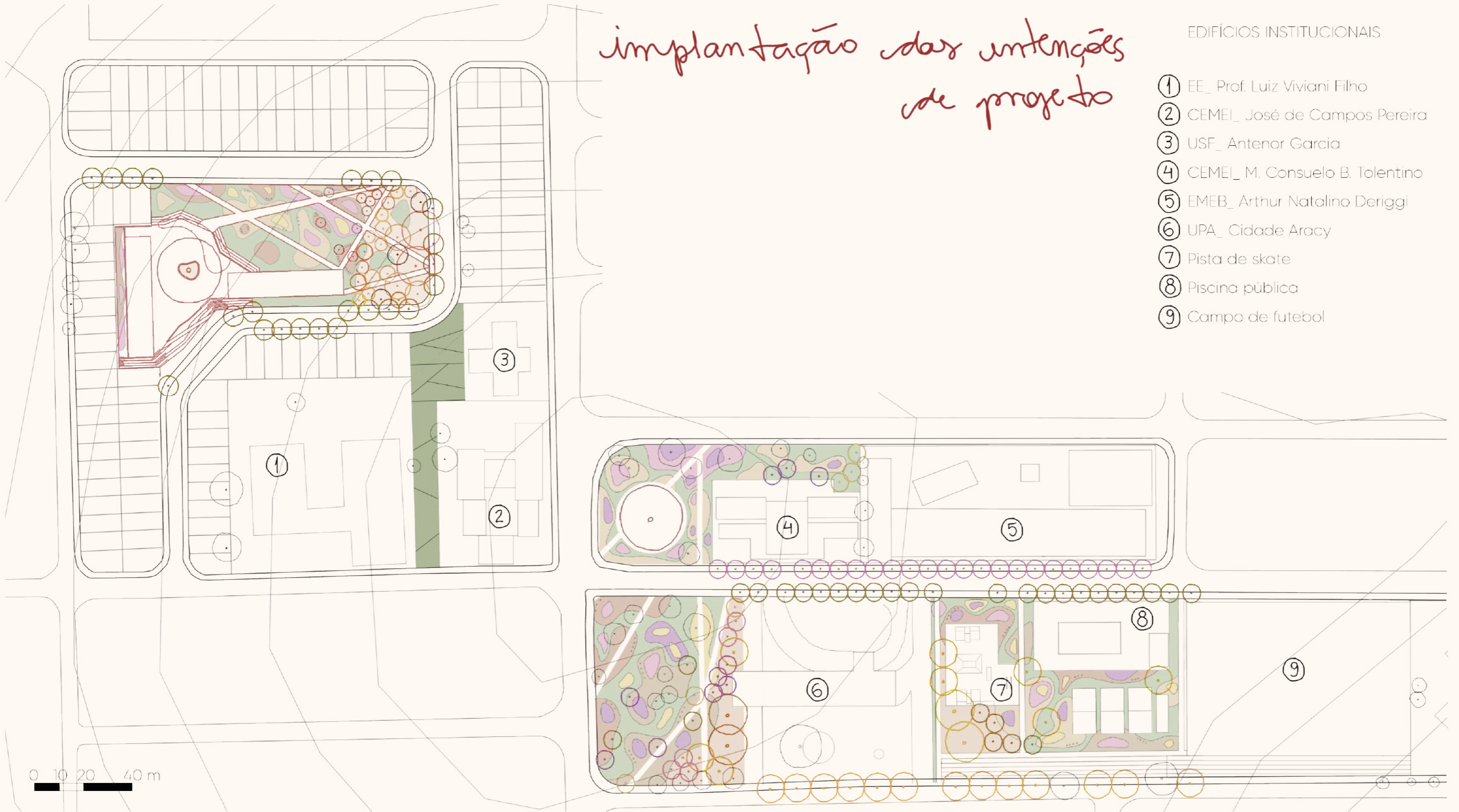


projetando a partir
 das preexistências

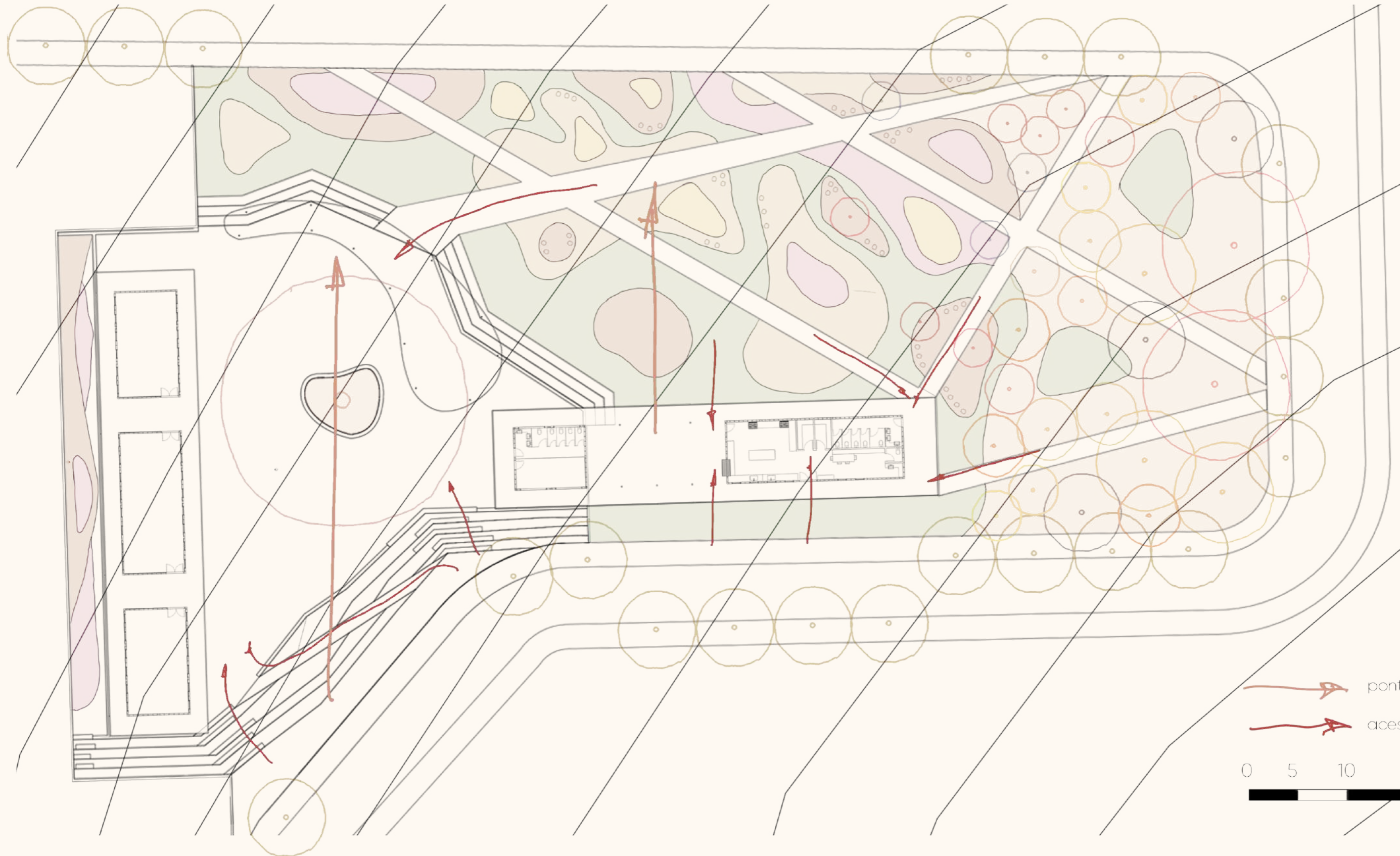
*implantação das intenções
de projeto*

EDIFÍCIOS INSTITUCIONAIS

- ① EE_ Prof. Luiz Viviani Filho
- ② CEMEI_ José de Campos Pereira
- ③ USF_ Antenor Garcia
- ④ CEMEI_ M. Consuelo B. Tolentino
- ⑤ EMEB_ Arthur Natalino Deriggi
- ⑥ UPA_ Cidade Aracy
- ⑦ Pista de skate
- ⑧ Piscina pública
- ⑨ Campo de futebol



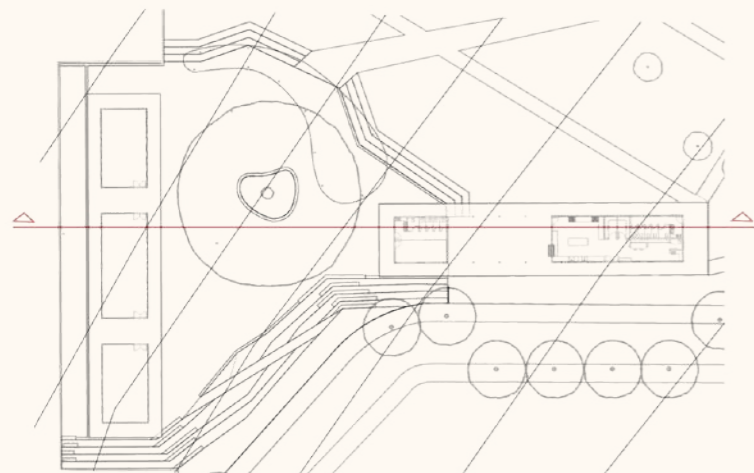
0 10 20 40 m



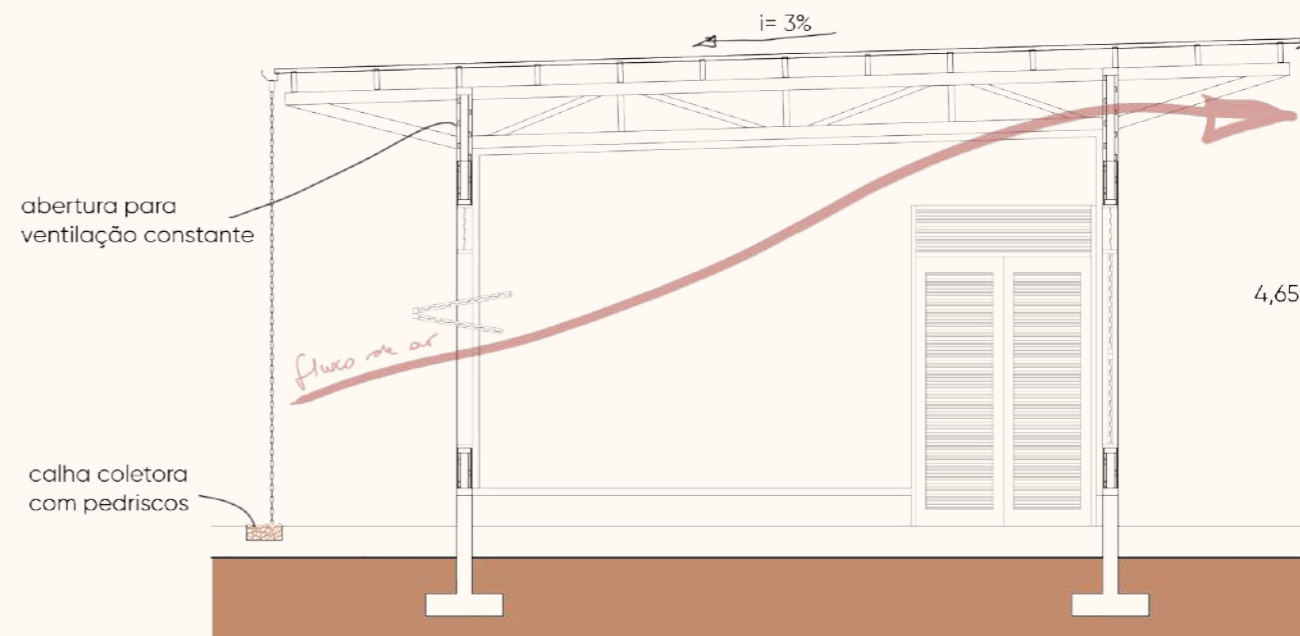
implantação do terreno

—▶ pontos de vista
—▶ acessos

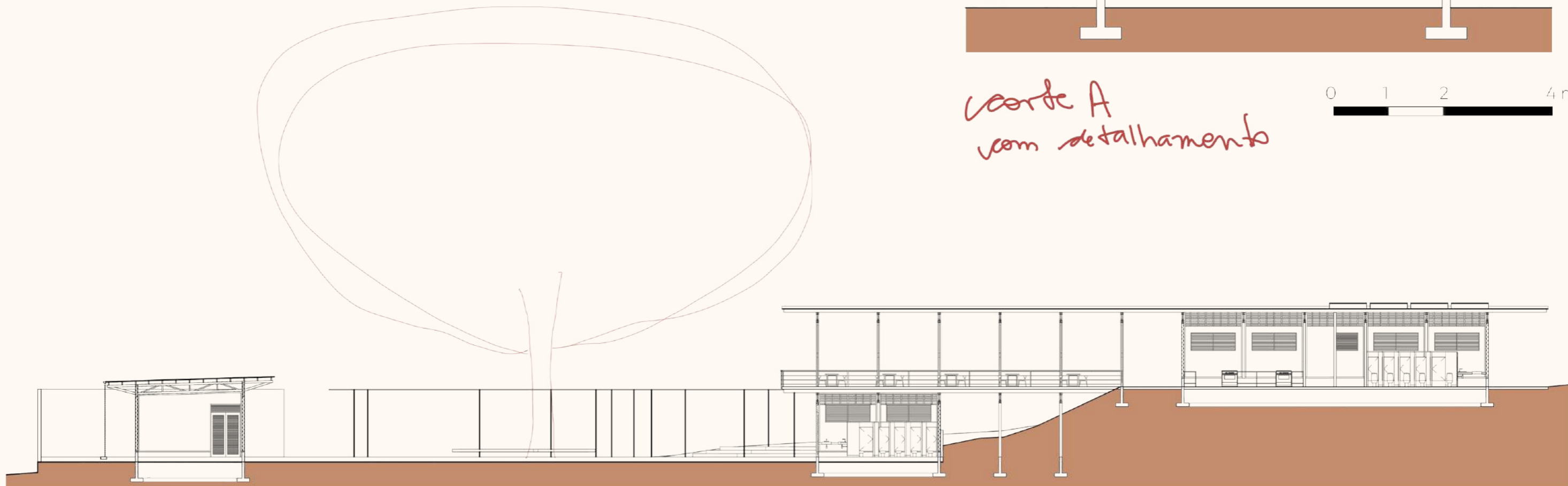
0 5 10 20 m



localização do corte

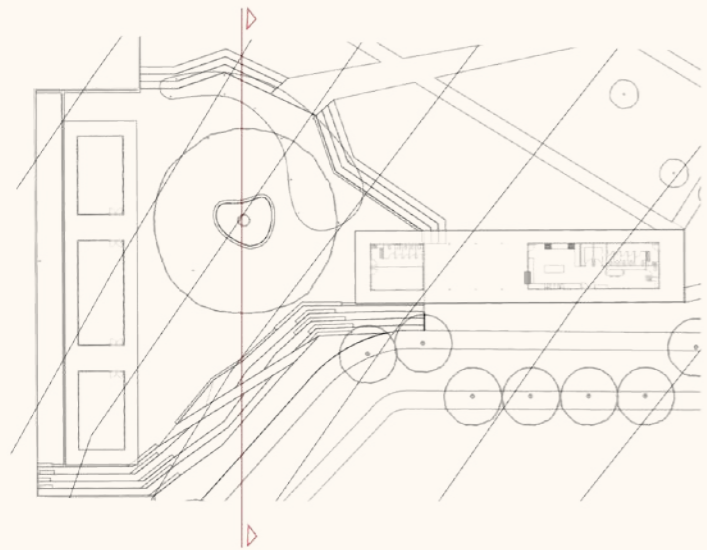


corde A
com detalhamento



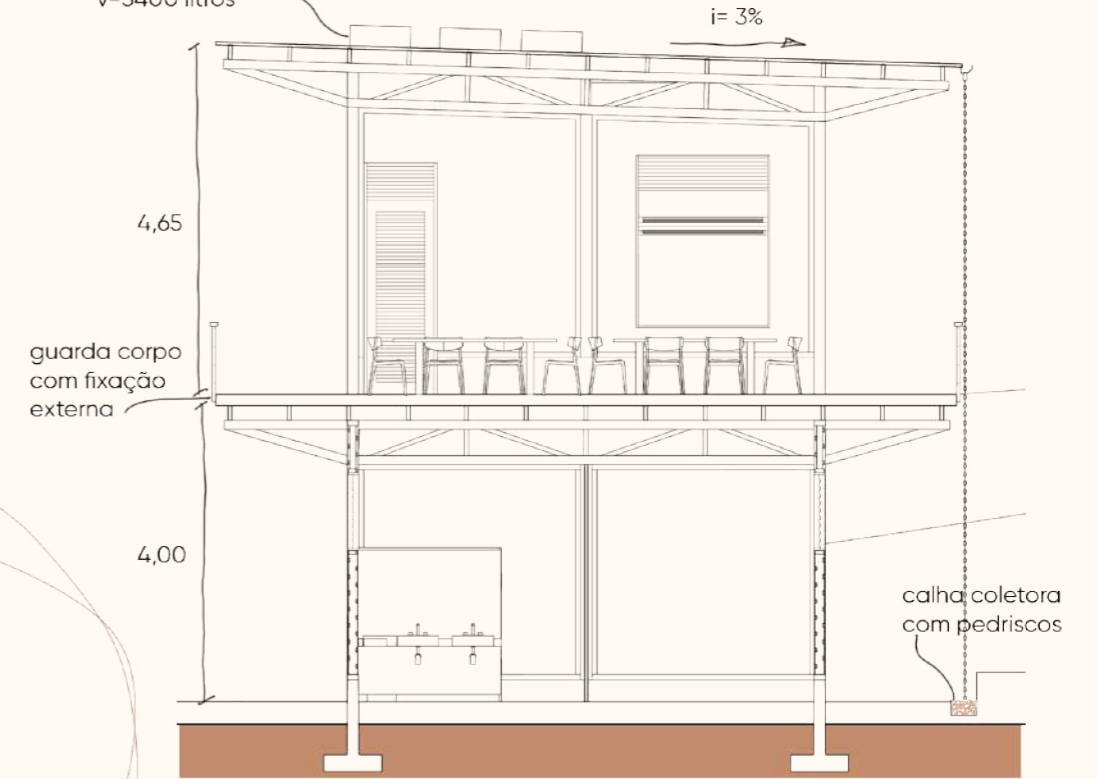
corde A



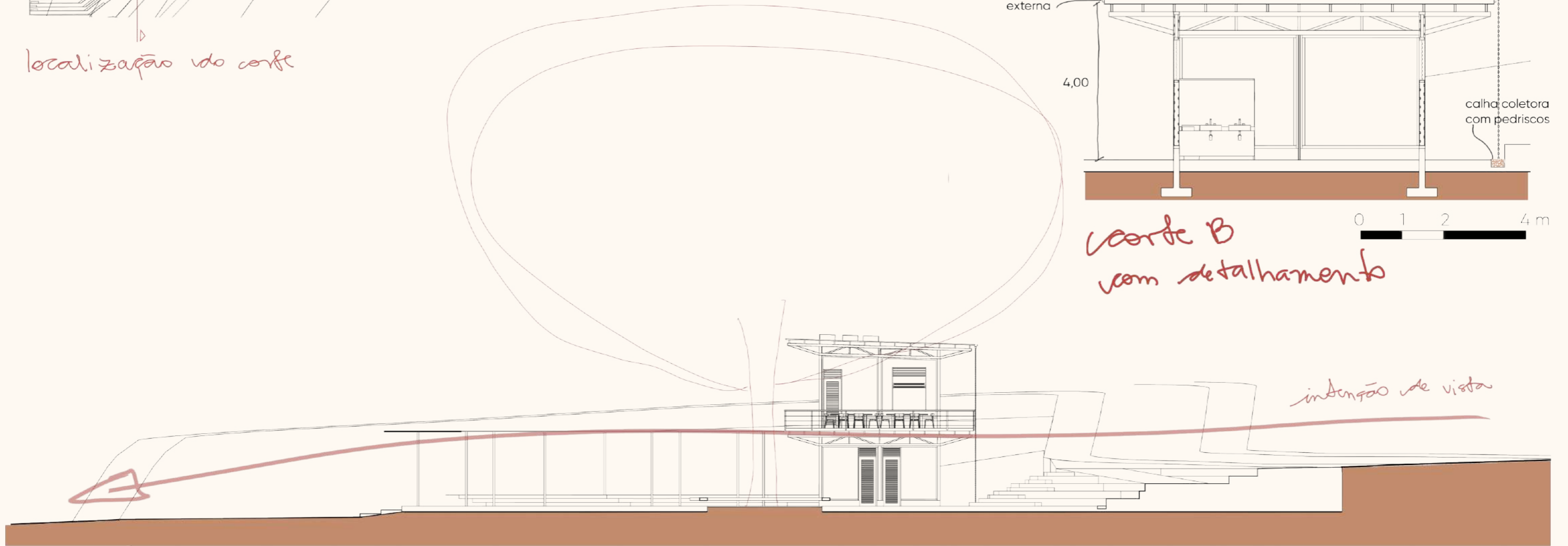


localização do corte

caixas d'água interligadas
v=5400 litros

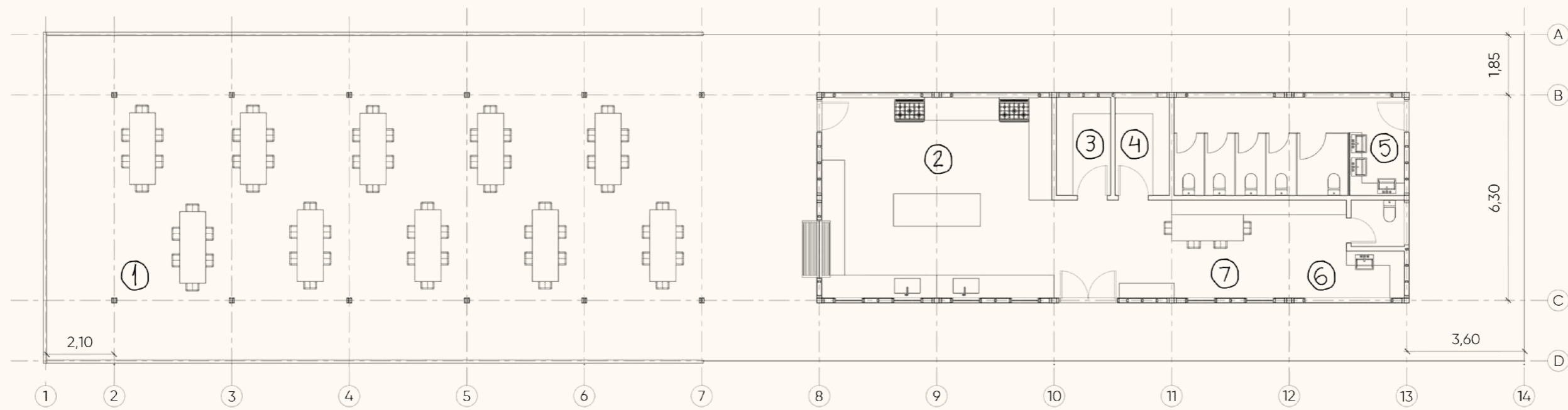


corte B
com detalhamento



corte B

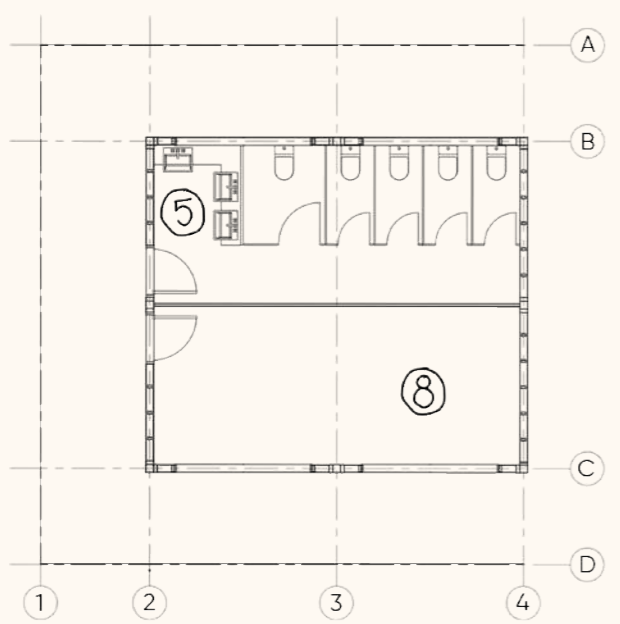




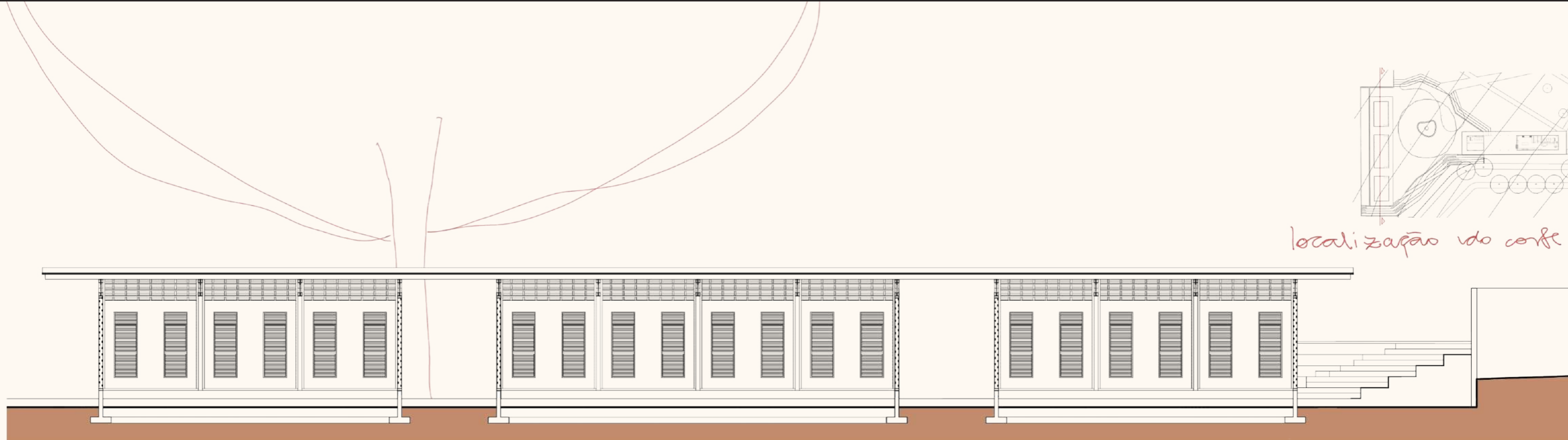
planta baixa cozinha solidária

LEGENDA

- ① Refeitório
- ② Área de preparo da cozinha
- ③ Câmara fria
- ④ Depósito de secos
- ⑤ Banheiro
- ⑥ Banheiro e vestiário das funcionárias
- ⑦ Refeitório das funcionárias
- ⑧ Apoio centro cultural



planta baixa bloco de apoio centro cultural



localização do corte

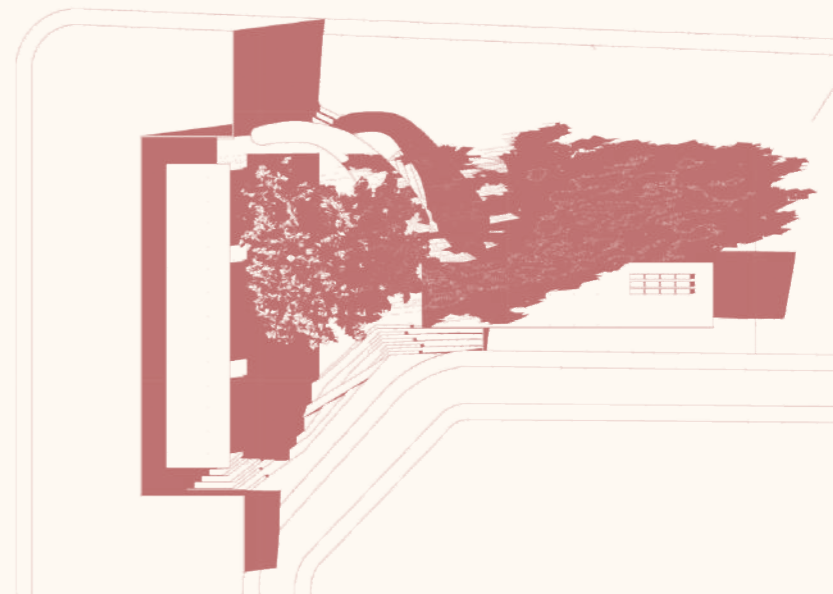
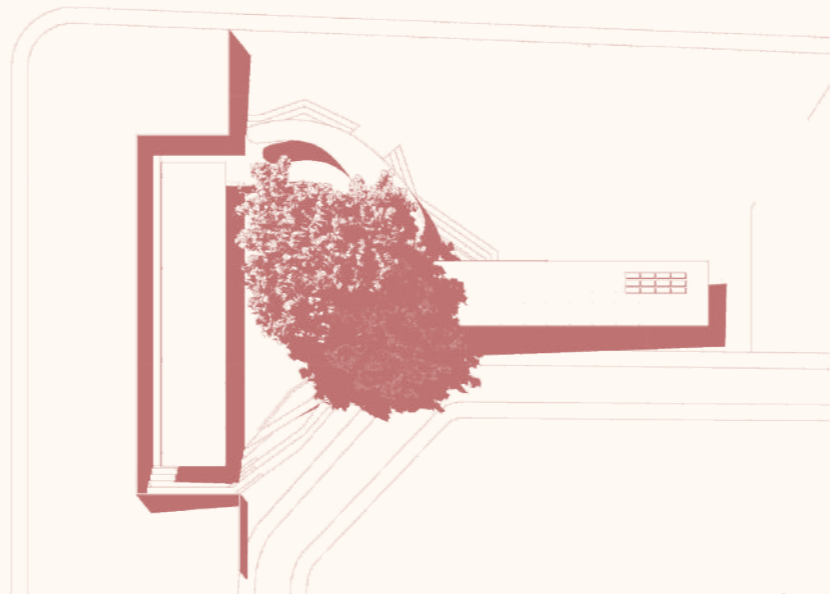
corte c



planta baixa centro cultural

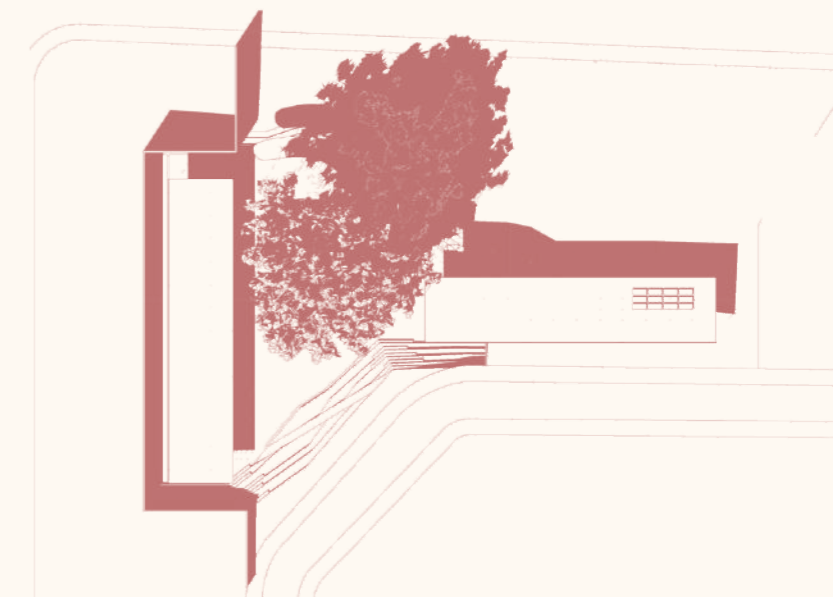
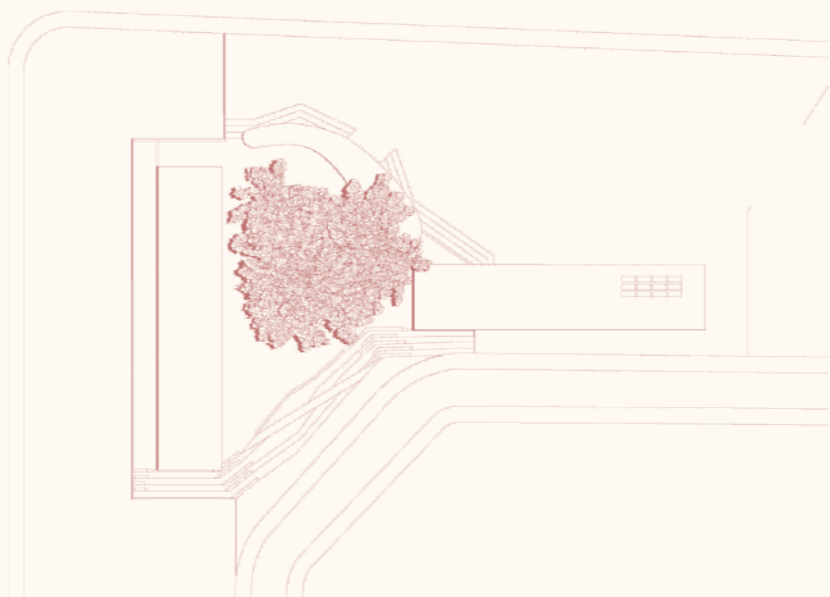
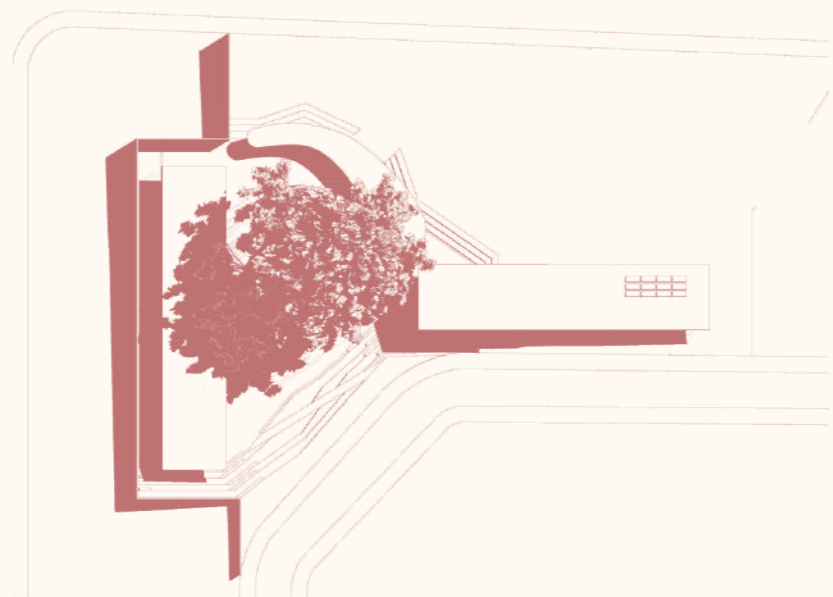


Solstício de verão



estudo de insolação

Solstício de inverno

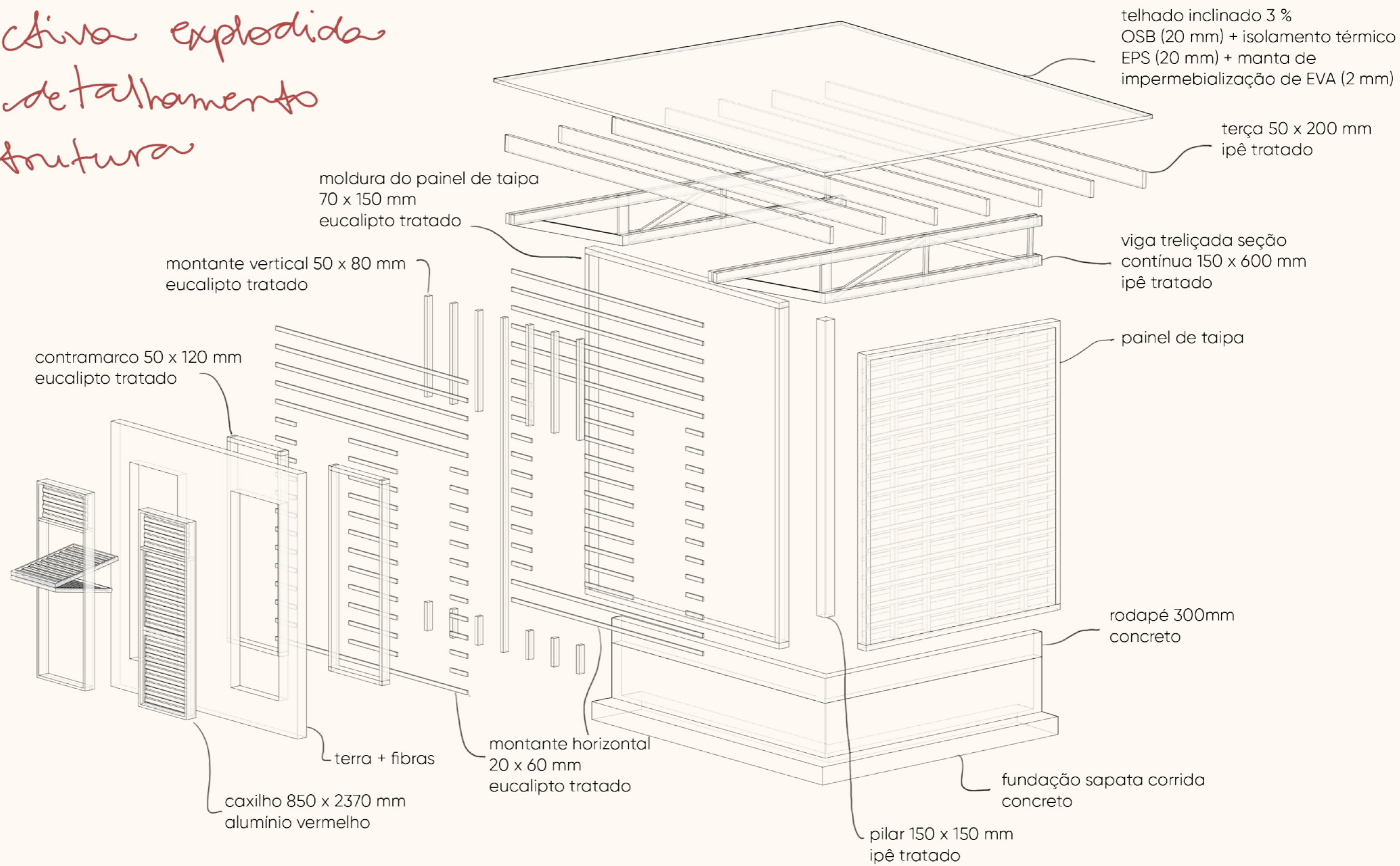


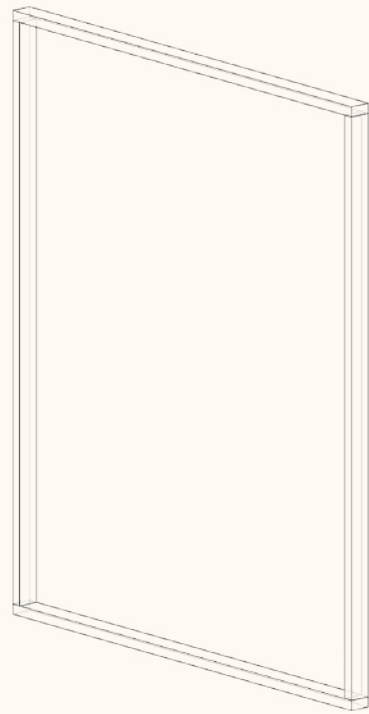
9h

12h

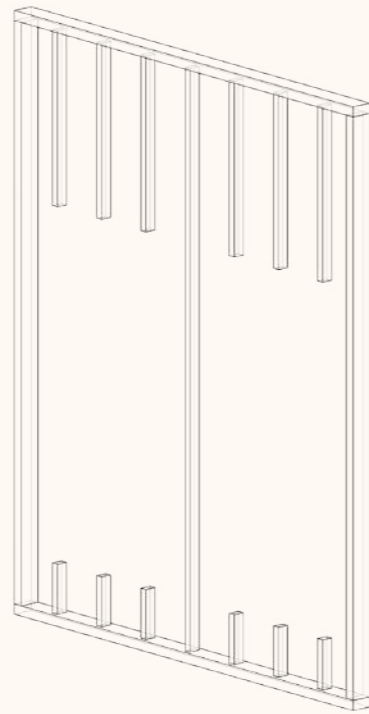
16h

*perspectiva explodida
com detalhamento
da estrutura*

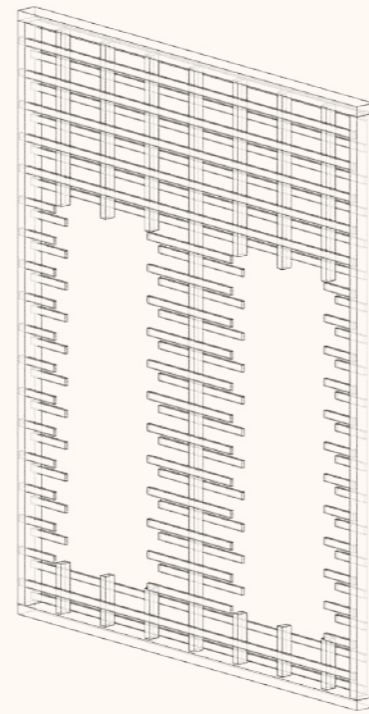




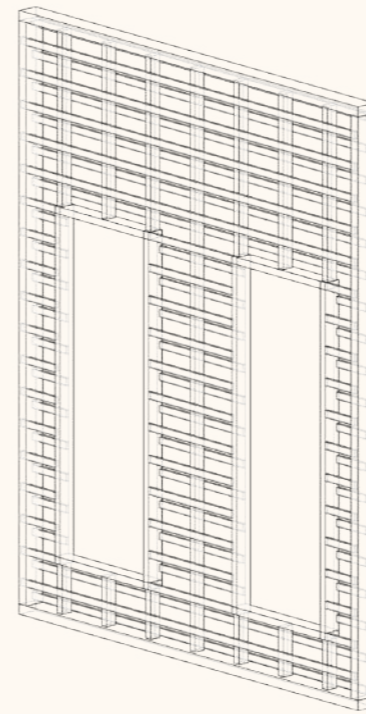
moldura do painel de taipa
70 x 150 mm
eucalipto tratado
fixação com parafusos



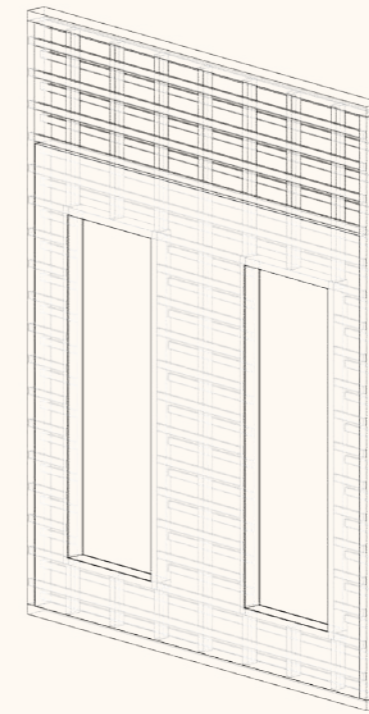
montante vertical 50 x 80 mm
eucalipto tratado
fixação com parafusos



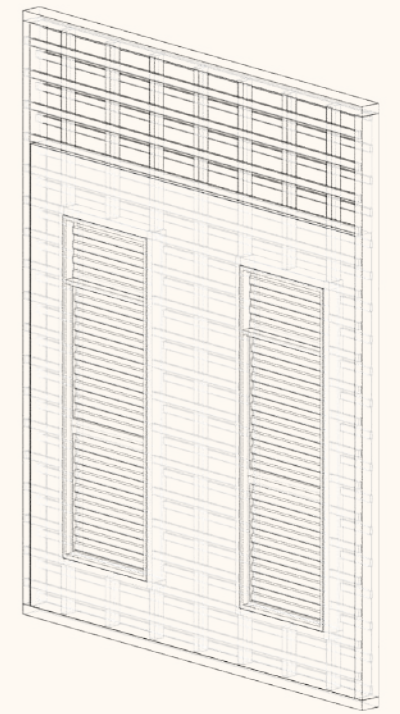
montante horizontal 20 x 60 mm
eucalipto tratado
fixação com parafusos



contramarco 50 x 120 mm
eucalipto tratado
fixação com parafusos



1º terra + fibras
2º terra
3º reboco de terra peneirada

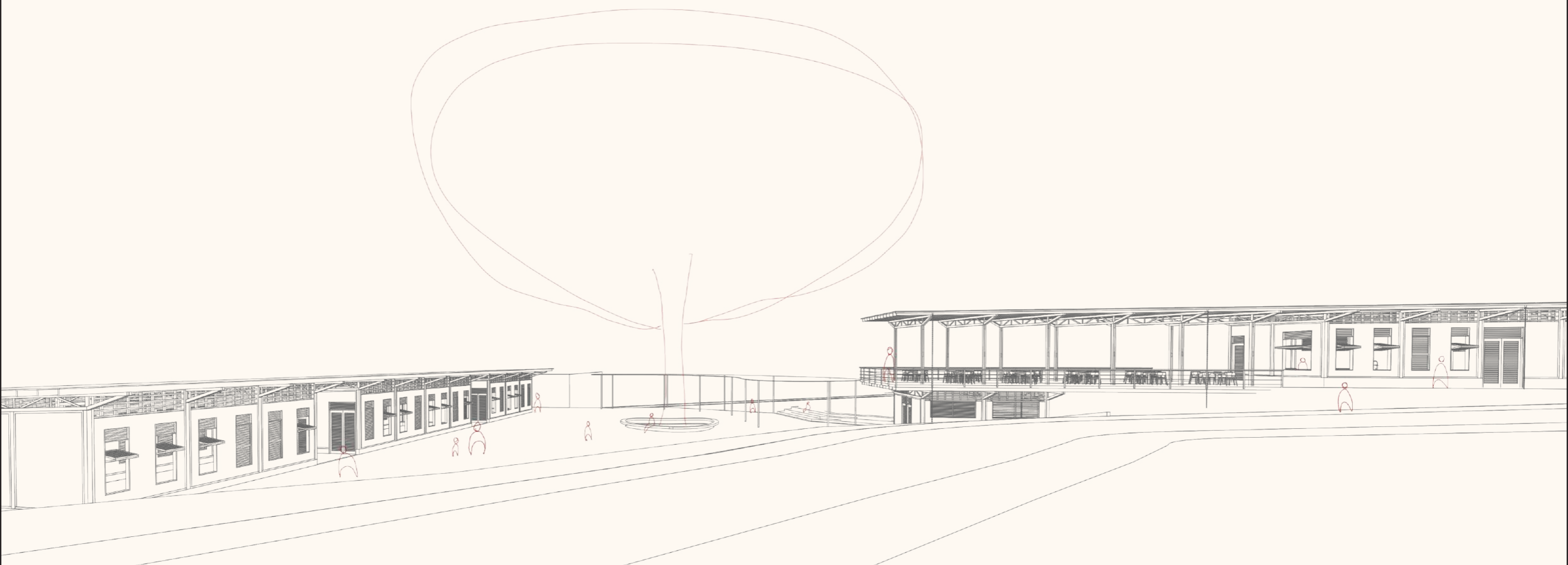


caxilho 850 x 2370 mm
alumínio vermelho

processo de produção

- os painéis de taipa foram modulados de acordo com a estrutura e possuem largura padrão de 3,45 m, salvo os painéis laterais, com 3 m
 - ↳ entre si representam pequenas variações de altura
- podem ser pré-produzidos e instalados posteriormente no local
 - ↳ a partir de assistência técnica também podem ser produzidos pela comunidade
- distância montantes horizontais = 110 mm
- distância montantes verticais = 450 mm
- o baseamento deverá ser feito em 3 etapas intervaladas por alguns dias

Vista de entrada principal do centro cultural e cozinha solidária





vistas
renderizadas





vistas
renderizadas

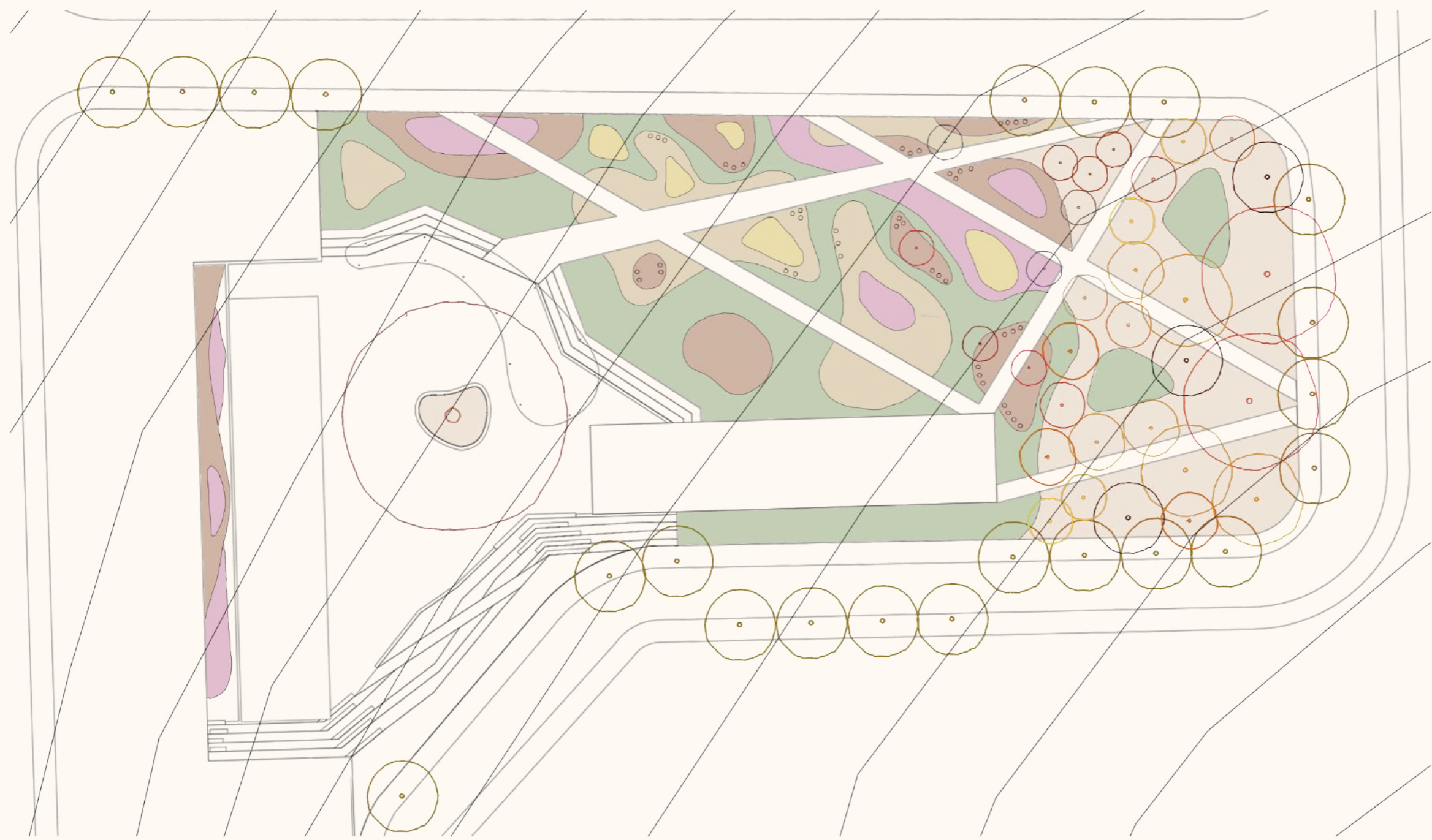




vistas
renderizadas



implantação paisagismo centro cultural e cozinha solidária



HERBÁCEAS

- Achyrocline satureioides + calea fruticosa
- Lapidaploa aurea
- Paspalum stellatum + Schizachyrium sanguineum
- Aristida jubata
- Paepalanthus chiquitensis

ÁRVORES

- Morus nigra
- Eugenia uniflora
- Punica granatum
- Malpighia emarginata
- Annona crassifolia
- Byrsonima crassifolia
- Anacardium occidentale
- Citrus bigaradia
- Eugenia dysenterica
- Caryocar brasiliense
- Hancornia speciosa
- Plinia cauliflora
- Cordia Glabrata
- Syzygium jambos
- Litchi chinensis
- Lecythis pisonis



fendologia

verão

outono

inverno

primavera

Achyrocline satureioides
até 1 metro

Calea fruticosa
até 0,35 metros

Lessingianthus lacunosus
até 0,60 metros

Chresta sphaerocephala
até 1,25 metros

Lepidaploa aurea
até 1 metro

paepalanthus chiquitensis
1,5 a 2,5 metros

Paspalum stellatum
até 0,8 metros

Schizachyrium sanguineum
0,6 a 2 metros

Aristida riparia
0,6 a 1,3 metros

Axonopus aureus
até 0,6 metros

Aristida jubata
0,4 a 0,8 metros

Sobre a escolha das espécies:

- as espécies escolhidas para compor a paisagem são majoritariamente do bioma do cerrado, predominante na região do projeto.

- Atualmente, devido à ocupação do território, pouco da vegetação original sobreviveu, desta forma o projeto paisagístico busca reintroduzir as espécies nativas

- ↳ priorizou-se as categorias com risco e extinção e tradicionais do bioma, como os ipês e a copaliba, por exemplo

- o uso desse bioma também contribui para marcar a paisagem das estações, com a perda das folhas e a mudança da coloração da vegetação

- ↳ além disso procura aproximar a comunidade da paisagem que a envolve, muitas vezes categorizada como "mato"

fenologia

primavera inverno verão

Morus nigra L
4 a 6 metros

Eugenia uniflora
3 a 5 metros

Punica granatum
2 a 5 metros

Malpighia emarginata
2 a 4 metros

Annona Crassiflora
4 a 8 metros

Byrsonima crassifolia
2 a 6 metros

Anacardium occidentale
3 a 6 metros

Citrus bigaradia
4 a 6 metros

Eugenia dysenterica
4 a 11 metros

Caryocar brasiliense
9 a 11 metros

Hancornia speciosa
2 a 12 metros

Plinia cauliflora
8 a 10 metros

Syzygium jambos
10 a 15 metros

Litchi chinensis
15 a 20 metros

implantação paisagismo praças



HERBÁCEAS

- Achyrocline satureioides +
calea fruticosa
- Lessingianthus lacunosus +
Chresta sphaerocephala
- Lapidaploa aurea
- Paspalum stellatum +
Schizachyrium sanguineum
- Aristida riparia +
Axonopus aureus
- Aristida jubata
- Paepalanthus chiquitensis















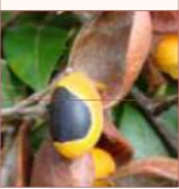





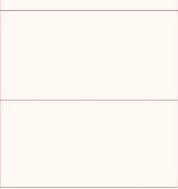






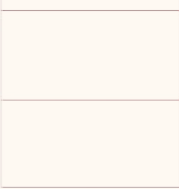
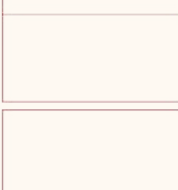


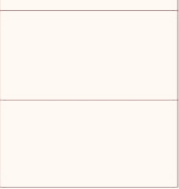
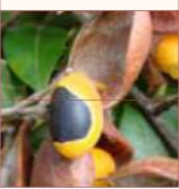
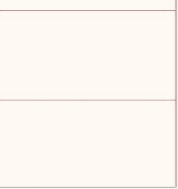
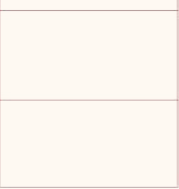
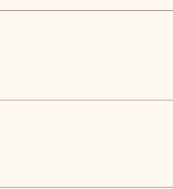
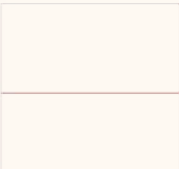



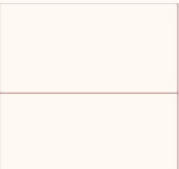

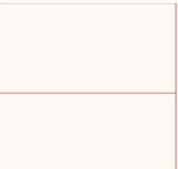
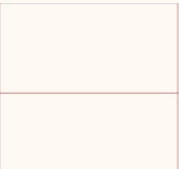
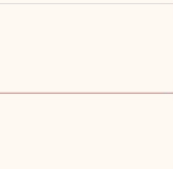
ÁRVORES

- Pterodon emarginatus
- Cordia glabrata
- Hymenaea stigonocarpa
- Handroanthus impetiginosus
- Tabebuia Roseoalba
- Copaifera langsdorffii
- Tabebuia aurea
- Myracrodruon urundeuva
- Lecythis pisonis



fendolozia

primavera inverno verão

								
Pterodon emarginatus 5 a 10 metros	Cordia glabrata 8 a 10 metros	Hymenaea stigonocarpa 7 a 9 metros	Handroanthus impetiginosus 8 a 15 metros	Tabebuia Roseoalba 7 a 16 metros	Copaifera langsdorffii 10 a 15 metros	Tabebuia aurea 15 a 20 metros	Myracrodruon urundeuva 15 a 30 metros	Lecythis pisonis 20 a 30 metros
								
								
								
								

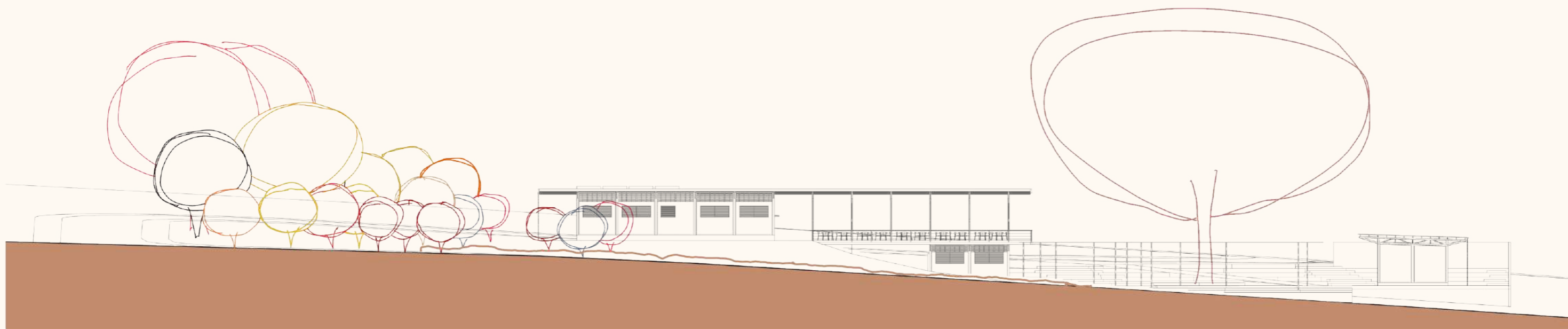


◦ nome popular : sapucaia
 ◦ foi escolhida para ser o cartão de visita dos pátios do projeto, por sua altura e cor
 ◦ ela marca a entrada da primavera após a queda de todas suas folhas no inverno, estar na cor com pigmentação rosada, destacando-se entre os outros de seu entorno



corde vegetação praças

0 5 10 20 m



corde vegetação centro cultural

0 5 10 20 m

13. REFERÊNCIAS

- ANKITHA GATTUPALLI. Pioneirismo no renascimento da arquitetura de terra: Egito, França e Índia. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/993231/pioneirismo-no-renascimento-da-arquitetura-de-terra-egito-franca-e-india?ad_campaign=normal-tag>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- BOKOS, Helena. Jardins do cerrado: ideias para criação de uma identidade paisagística utilizando a flora nativa. Ensaio teórico FAU/UNB, 2017.
- BRANDÃO, Gabriela Gazola. Sentir a terra: percepções e significados. Anais do VI Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil. P. 181-192 Bauru, 2016.
- BRENDA, Thalles Vichiato. A economia política da terra: as elites e a produção das periferias pobres. São Carlos, 2022.
- Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o Futuro: Região Centro-Oeste / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade; Roberto Fontes Vieira (Ed.). Julcécia Camillo (Ed.). Lidio Coradin (Ed.). – Brasília, DF: MMA, 2016.
- CAJUEIRO SÊCO | Acaciogil Borsoi. Disponível em: <<https://acaciogilborsoi.com.br/projetos-sociais/cajueiro-seco/>>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- Casa do Cerrado (Prata e Lopez) / Aline Coelho Sanches + Corato Arquitetura. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/930259/casa-do-cerrado-corato-arquitetura?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- Centro Cultural Lá da Favelinha / Coletivo LEVANTE. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/976529/centro-cultural-la-da-favelinha-coletivo-levante?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- Centro de Arquitetura da Terra / Kéré Architecture. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/941673/centro-de-arquitetura-da-terra-kere-architecture?ad_medium=widget&ad_name=more-from-office-article-show>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- Centro de Memória Cultural Rohingya / Rizvi Hassan. Disponível em: <<https://www.>>

archdaily.com.br/br/982995/centro-de-memoria-cultural-rohingya-rizvi-hassan?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 2 jul. 2023.

- Coberturas no Xingu / Estúdio Gustavo Utrabo. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/978229/coberturas-no-xingu-estudio-gustavo-utrabo?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- COSTA, Duane Brasil; AZEVEDO, Uly Castro de. Das senzalas às favelas: por onde vive a população negra brasileira. *Socializando*, p. 145-154. 2016.
- CUNHA JUNIOR, Henrique; JESUS, Tiago Souza de. Bairros Negros: Patrimônio Cultural Negro em Fortaleza-CE. *Revista multidisciplinar e de psicologia*, Julho de 2020.
- DANIEL, Alberto Fuma Jivala. *Arquitetura tradicional em Angola: estratégias de sustentabilidade*. Dissertação de Mestrado, 2019.
- ERIKA DE PAULA. *Cajueiro Seco: o caminho interrompido da autoconstrução industrializada* - Revista PROJETO. Disponível em: <<https://revistaprojeto.com.br/acervo/cajueiro-seco-o-caminho-interrompido-da-autoconstrucao-industrializada/>>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- FERREIRA, Thiago Lopes. Um olhar sobre os processos de produção das culturas construtivas tradicionais. *Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo*, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/73486>>. Acesso em: 27 out. 2022.
- JOAQUIM, Bianca dos Santos. *Terra e trabalho: o lugar do trabalhador nos canteiros de produção da Arquitetura e Construção com Terra*. Dissertação de mestrado. São Carlos, 2015.
- LAURA, A. IBGE - Educa | Jovens. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: 5 jan. 2023.
- LOPES, Wilza Gomes Reis. *Taipa de mão no Brasil: levantamento e análise de construções*. Dissertação de mestrado. São Carlos, 1998.
- MAIA, Leonardo Ribeiro; ANDRADE, Antonio Gil da Silva. *Espaço arquitetônico contem-*

porâneo construído com terra. *Anais do VI Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil*. P. 205-214. Bauru, 2016.

- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.
- MINGAS, Ângela Cristina Branco Lima. *Centro histórico da cidade de Luanda: história, caracterização e estratégias de intervenção para a salvaguarda*. Dissertação de Mestrado. 2011.
- MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. 3ª edição. Editora Ática, 1993.
- OLIVEIRA, Joana D'Arc. *Da senzala para onde: negros e negras no pós-abolição em São Carlos (1880-1910)*. São Carlos: Fundação Pró-Memória de São Carlos, 2018.
- OLIVEIRA, Joana D'Arc. *Lugares negros na cidade*. São Carlos,